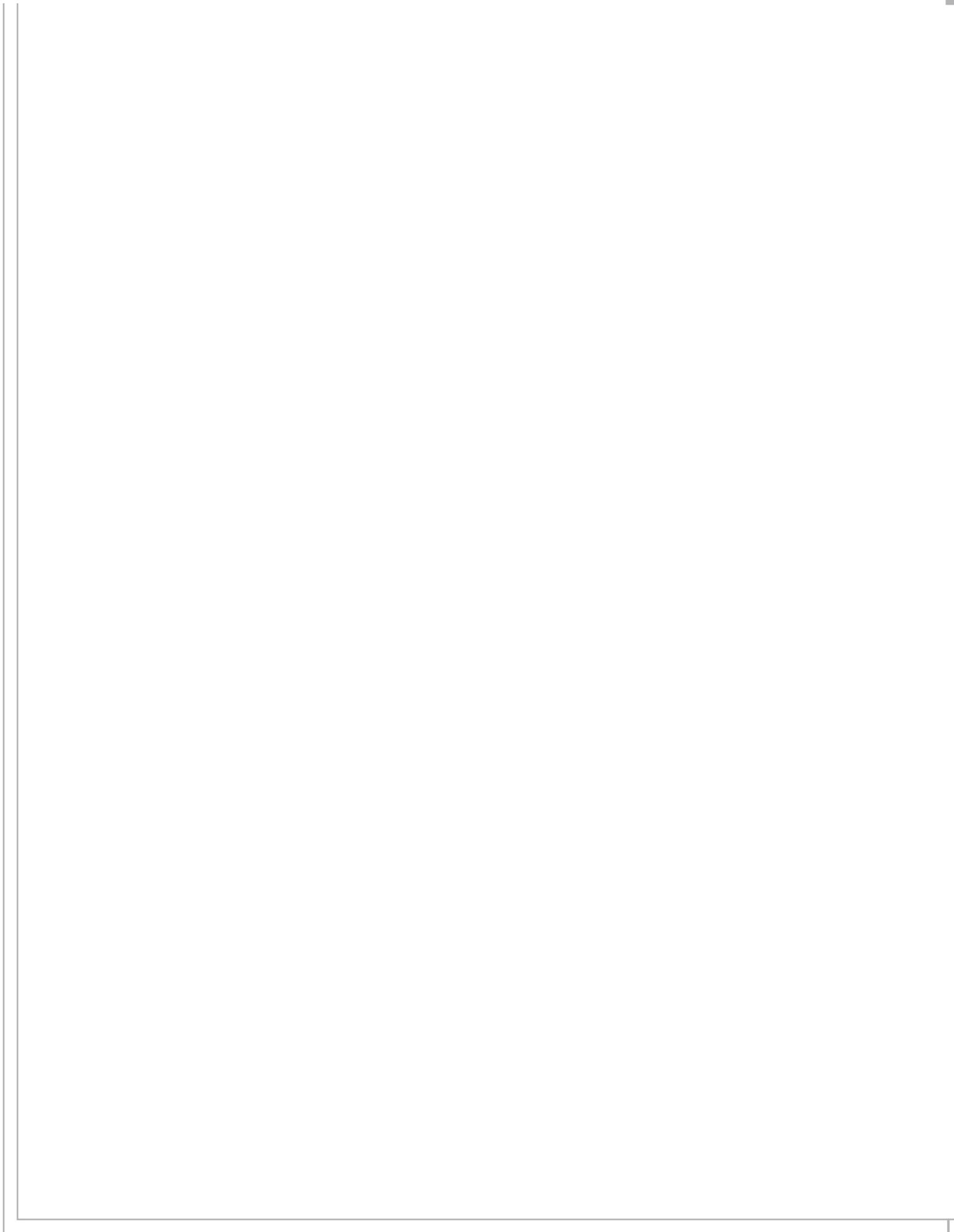


1º SEMINÁRIO NACIONAL DE
Psicologia das Emergências e dos Desastres
Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras



08 a 10/06/2006 - Finatec/UnB - Brasília/DF
www.pol.org.br



I Seminário Nacional Psicologia das Emergências e De- sastres

**Contribuições para a Construção de Comunida-
des mais Seguras**

Brasília, 8, 9 e 10 de junho de 2006

Índice

Mesa de abertura.....	06
Marcus Vinícius de Oliveira.....	07
Jorge do Carmo Pimentel.....	08
Victor Zveibil.....	09
Pedro Brito do Nascimento.....	11
Conferência: Sistemas de atenção às vítimas de situações de emergências e desastres: contribuições possíveis da Psicologia.....	14
Horacio Toro Ocampo.....	15
Palestra: O Sistema Brasileiro de Defesa Civil.....	23
Jorge do Carmo Pimentel.....	24
Mesa-redonda 1: As construções teóricas e técnicas em torno dos conceitos de emergências e desastres.....	28
Aléxis Lorenzo Ruiz.....	29
Susana Chames de Rozen.....	37
Roberto Bastos Guimarães.....	42
Mesa-redonda 2: Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção. História e desenvolvimento.....	50
Rodrigo Molina.....	51
Angela Lapa Coêlho.....	59
Mesa-redonda 3: Psicologia e emergências sociais: Intervenções nos Cotidianos e Eventos.....	64
Arturo Marinero Heredia.....	65
Claudia Gómez.....	68

Desirée Salazar.....	73
Mesa-redonda 4: Contribuições da Psicologia para a construção de comunidades mais seguras: comportamento, cultura e organização social.....	79
Giuseppe Sica.....	80
Marcos Antônio Mattedi.....	83
Daniela da Cunha Lopes.....	89
Mesa-redonda 5: Perspectivas de investigação em Psicologia das emergências e dos desastres na América Latina.....	92
Ariane Kuhnen.....	93
Pitágoras Bindé.....	97
Marcus Vinícius de Oliveira Silva.....	103

Mesa de abertura

Marcus Vinícius de Oliveira

Vice-Presidente do Conselho Federal de Psicologia

Boa noite a todas e a todos. Neste momento, gostaria de, em nome do Conselho Federal de Psicologia, trazer a calorosa saudação de toda a direção e, mais especificamente, de nossa presidente Ana Bock, que se encontra no México cumprindo outras missões de interesse de nosso grupo profissional, e fazer uma saudação bastante especial ao excelentíssimo senhor Ministro da Integração Nacional, Pedro Brito de Nascimento, ao nosso já companheiro, assim posso dizer, Secretário Nacional de Defesa Civil, Jorge do Carmo Pimentel, ao senhor Victor Zveibil, Secretário de Qualidade Ambiental do Ministério do Meio Ambiente, e ao senhor Horacio Toro, representante da OPAS no Brasil.

Para nós, do Conselho Federal de Psicologia, este momento se constitui em um momento de que nos lembraremos no futuro de nossa profissão. Com o apoio da Secretaria Nacional de Defesa Civil, com o apoio do Ministério da Integração Nacional, damos passos importantes para tornar disponível à sociedade brasileira um conhecimento estratégico na área dos interesses vinculados à defesa civil e à construção de comunidades mais seguras. Lastimavelmente, a tradição ao tema das emergências e desastres tem sido de negligência em relação aos aspectos relativos à prevenção. Costumamos dizer que Deus é brasileiro, e que isso nos garantiria em várias circunstâncias. Efetivamente, para romper essa inércia, essa atitude cultural, que é a de se desprevenir, de se desproteger diante dos eventos e que tem produzido tantas perdas, não somente materiais, mas principalmente humanas, gostaríamos de colocar a Psicologia das emergência e desastres como um recurso fundamental na área do conhecimento e na área profissional para que possamos transformar esse aspecto cultural.

A Psicologia brasileira, nos últimos dez anos, tem feito uma caminhada que coloca a cidadania dos direitos humanos e as políticas públicas como questões norteadoras do seu desenvolvimento social. E, neste momento, ao nos aproximarmos dessa área e alavancarmos seu desenvolvimento institucional em nosso país, estamos criando as condições para que esse tipo de conhecimento efetivamente possa estar à disposição da sociedade ao preservar as perdas humanas, ao consolar quando essas perdas forem inevitáveis e ao acompanhar as situações nas quais não somente as perdas humanas mas também as materiais representam para os sujeitos aspectos de muito sofrimento.

Entendemos que o lugar da Psicologia das emergências e desastres seja estratégico na contribuição com a área da defesa civil, e, muito humildemente, queremos dar início a essa construção. Temos entre nós muitos pioneiros, mas agora trata-se de produzir, de forma generalizada, o desenvolvimento desse conhecimento para que esteja à disposição dos profissionais e da sociedade. Isso implica, principalmente, sensibilizar os núcleos acadêmicos para que percebam a importância da investigação nessa área, o que significa trabalhar com as universidades para que incluam, em seus currículos de formação, as matérias relativas a esse tema, sensibilizando uma comunidade profissional já estabelecida para que incorpore essa nova área.

Neste trabalho, registramos hoje, aqui entre nós, a contribuição de vários colegas, como Alex Lorenzo Ruiz, de Cuba, Ângela Lapa Coêlho, brasileira, Artur Marinero, do México, Cláudia Gómez, da Argentina, Desirée Salazar, do Peru, Giuseppe Sica, da Itália, além do Rodrigo Molina, do Chile, e de Susana Chames, da Argentina, entre nossos convidados internacionais. Essas pessoas vêm de seus países, onde já trabalham com a área, onde já está institucionalizada a área de Psicologia das Emergências e Desastres, para trazer suas contribuições. Nós nos sentimos muito honrados em poder contar com suas colaborações e participações no desenvolvimento dessa área em nosso país.

Hoje também tivemos a oportunidade de realizar a 1ª Reunião Internacional por uma Formação Especializada em Psicologia das Emergências e Desastres. Já trabalhamos o dia todo, buscando sistematizar os elementos curriculares que devem compor a formação dos futuros profissionais que deverão colaborar com a defesa civil. Isso significa uma possibilidade ímpar de crescimento, e cons-

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

titui motivo de orgulho para nossa profissão.

Registramos também, com muita satisfação, a presença de muitas pessoas não psicólogos, mas muito comprometidas com a construção da defesa civil em nosso país. Para essas pessoas, também deve estar à disposição esse conhecimento estratégico, ou seja, a produção de um conhecimento sobre Psicologia das emergências e desastres tem que servir para iluminar todos aqueles que militam nessa área tão significativa com aquela informação que possa permitir o manejo, de uma forma mais adequada, dos aspectos comportamentais, afetivos, das lembranças, das memórias, dos sentimentos inerentes à condição humana. É a questão da subjetividade que estamos introduzindo como fundamental para o sucesso nas intervenções da defesa civil. É preciso considerar que, além da dimensão objetiva das perdas materiais, é o homem que está em questão. É um homem que sofre e, muitas vezes, está desorganizado, são um homem e uma mulher que moram em lugares que não escolheram morar, que habitam e trabalham em situações não escolhidas e estão ali expostos a situações de risco. Temos a certeza de que, na medida em que essas comunidades puderem ser incorporadas como atores fundamentais do próprio cuidado consigo mesmas, estarão mais preservadas, e que os danos materiais, se inevitáveis, não levem as vidas e não produzam feridas e não atinjam com o sofrimento maior as comunidades de nosso país. Esse é o compromisso do Conselho Federal de Psicologia, junto aos nossos parceiros, ao levar adiante o desenvolvimento institucional dessa área da Psicologia.

Gostaria de agradecer a forma parceira como a Secretaria Nacional de Defesa Civil se colocou desde o primeiro momento, quando iniciamos os entendimentos para essa atividade, a forma generosa como fomos acolhidos.

Registramos aqui também a presença de vários Conselhos Regionais de Psicologia, que formam o Sistema Conselhos e fazem a unidade da nossa autarquia, em busca de tornar nossa profissão comprometida socialmente e preocupada com as necessidades de nossa sociedade.

Então, mais uma vez, dou a todos as boas-vindas. Teremos, amanhã e sábado, dias de intenso trabalho nas mesas a serem apresentadas. Trazemos contribuições extremamente relevantes, mas, sem dúvida alguma, a maior delas é a contribuição que pode ser prestada pelos senhores.

Boa noite. Sejam bem-vindos.

Jorge do Carmo Pimentel

Secretário Nacional de Defesa Civil

Boa noite a todas e a todos. Gostaria de cumprimentar, inicialmente, o Excelentíssimo Senhor Ministro da Integração Nacional, Dr. Pedro Brito Nascimento e em seu nome, cumprimentar todos os componentes da mesa, cumprimentar as psicólogas e psicólogos das nações aqui já nominados. Muito obrigado por estarem aqui presentes neste momento. Gostaria de cumprimentar todos os psicólogos, assistentes sociais, engenheiros, advogados, agentes de defesa civil, meus companheiros de profissão, os bombeiros aqui presentes, cumprimentar o administrador regional da Ceilândia, a maior cidade do Distrito Federal, muito obrigado por estar aqui presente.

Hoje é um dia muito importante para nós, Ministro. Sinto-me emocionado neste momento, e, como diz Sartre, quem tem emoção, tem energia suficiente para transformar os sonhos em realidade. Nessa caminhada de 35 anos de labuta frente aos acidentes, hoje é um dia extremamente feliz para todos nós, que estamos na Secretaria Nacional de Defesa Civil em todos os rincões de nosso país. Somente tenho que agradecer ao ministro Dr. Pedro Brito do Nascimento pelo carinho, pela compreensão e pelo apoio a este evento. Seguimos exatamente a orientação de nosso presidente Lula e do Ministro de que não poderíamos deixar de medir esforços para possibilitar a união do nosso conhecimento como alternativa para alcançarmos um alto desempenho visando à qualidade de vida da nossa população, do meio ambiente e do nosso patrimônio. Então, é com esse sentimento que agradecemos ao nosso

Ministro, a forma carinhosa com que somos tratados pelo Conselho Federal de Psicologia, especialmente pelo Vice-Presidente, Marcus Vinícius, e a todos vocês.

Este momento é inédito na história do Brasil, pois, até pouco tempo atrás, nosso país não possuía uma política pública de prevenção e resposta a desastres, não possuíamos um sistema de alerta e alarme para que pudéssemos, pelo menos, avisar a população do que poderia acontecer. Temos um país continental e desigual, onde todo esse esforço para ter uma política pública de prevenção e resposta a desastres está se concretizando hoje. Conseguimos avançar muito e viemos aqui alertas, avisamos a população, orientamos a população, temos recursos suficientes para reabilitar todos os cenários afetados, e hoje há a preocupação de cuidar da alma das pessoas afetadas por esses desastres. Isso nos deixa extremamente emocionados, porque não é somente o material, como dizia o nosso doutor Marcus Vinícius. É preciso cuidar das pessoas, e, neste país de 180 milhões de habitantes, muitos e muitos precisam de suas inteligências e dos nossos esforços. Não falo somente como gestor público, mas enquanto cidadão responsável pela nossa segurança, pela segurança de nossa família e do nosso semelhante. É nesse sentido, Ministro, senhores e senhoras, que ficamos extremamente felizes por esta oportunidade que o Conselho Federal de Psicologia dá à população brasileira, para que possamos cuidar com muito carinho daquelas pessoas que, lamentavelmente, ainda sofrem com os desastres.

E queremos avançar. E avançar de forma imediata, sistemática, como começa a acontecer. Já podemos socorrer as pessoas, como ocorreu no desastre de Recife. Mas, como estarão as pessoas acidentadas, as famílias dessas pessoas, como estarão aqueles que não conseguiram salvar todas as pessoas? Então, o Brasil clama pelo conhecimento dos senhores. É imperioso que os senhores tenham essa consciência. Precisamos sistematizar conhecimentos para cuidar de nossa população, que infelizmente sofre com desastres naturais. E que Deus nos proteja a partir de hoje, e que os brasileiros saibam que existem pessoas muito dedicadas ao nosso próximo. Muito obrigado.

Victor Zveibil

Secretário de Qualidade Ambiental, representante do Ministério do Meio Ambiente

Ministro Pedro Brito, Secretário Pimentel, senhor representante da OPAS, Marcus Vinícius, pelo Conselho de Psicologia, boa noite a todas, a todos. Trago a saudação da Ministra Marina Silva e os cumprimentos pela iniciativa e pela abordagem deste Seminário.

Nesta Semana do Meio Ambiente, na qual estamos todos em uma maratona de eventos, seminários e de atividades, em geral transversais, ou seja, um passo além, sendo o meio ambiente visto não como um tema separado, mas como parte integrante de todas as políticas públicas, de todas as áreas e todas as iniciativas, a Ministra Marina se dedicou especialmente a disseminar a visão sempre por ela defendida de que a questão ambiental é transversal, e deve ser incorporada desde o início no pensamento e na organização das políticas públicas. Assim, acreditamos que esta iniciativa seja bastante significativa, porque estamos pensando sobre a gestão ambiental, sobre o tema da sustentabilidade como tema integrado a todo desenvolvimento do País, das comunidades e, portanto, tratando de prevenção.

É bem verdade que os desastres ambientais fazem parte da História da humanidade. Muitas civilizações, muitas cidades já foram perdidas, soterradas por eventos naturais, e muitas outras foram perdidas também pela ação do próprio homem, como as guerras, que ceifaram vidas e esforço perdido ao longo da História.

Neste momento, temos um cenário neste país que fisicamente e espacialmente traduz a dicotomia, o grande contraste social que fomos construindo ao longo de nossa História, com ocupação desordenada, com a chamada cidade partida, com espaços bastante diferenciados de ocupação pela popula-

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

ção, espaços diferenciados de acesso à cidade e do acesso à cidadania. Normalmente, as áreas mais frágeis, as áreas sujeitas a inundação, a deslizamento de terras, ocupadas pela população de mais baixa renda e, portanto, grande parte dos impactos e dos efeitos de eventos naturais, de desastres ambientais ou aqueles decorrentes da própria ação do homem tem também efeitos muito diferenciados sobre o conjunto da população e efeitos muito mais fortes sobre parcelas específicas dessa mesma população. Saber trabalhar as diferenças e semelhanças me parece aspecto importantíssimo a ser considerado nos debates e discussões que vocês terão ao longo desses dias.

Se esses eventos, hoje em dia, seguem acontecendo, e em velocidade acelerada, e mais do que isso, temos também um nível de informação sobre os eventos, a disseminação, o impacto desses acontecimentos vai muito além dessa própria população, porque toda a sociedade tem imediatamente a informação, participa, sofre psicologicamente também o impacto dessas ações ambientais, naturais ou resultantes da ação do homem, o que dizer do novo cenário que está colocado para a população global em termos das mudanças climáticas? É um tema do qual, dois anos atrás, poucos de nós estávamos conscientes. Mas, a mídia e a sociedade como um todo, ao tomar conhecimento de tantos fenômenos que ocorreram ao longo do ano passado, foram se dando conta de que não se trata mais de um efeito localizado, mas de uma fragilidade global, resultante da ação do homem, na qual está em risco a perspectiva da sustentabilidade de toda a sociedade, de toda a espécie humana.

Sabemos que os efeitos das mudanças climáticas se farão sentir de maneira diferenciada em relação à sociedade. Os países mais pobres, com certeza, terão muito mais dificuldade de adaptação aos efeitos das mudanças climáticas que, com certeza, estarão multiplicando os acontecimentos de risco para toda a população, por mais que possamos fazer trabalhos de prevenção. A subida dos oceanos, as mudanças no regime de chuvas já estão se fazendo sentir, e esse aspecto implica uma diferenciação do tratamento em relação às responsabilidades que o mundo tem com relação às mudanças climáticas. Sabemos que os países desenvolvidos têm uma responsabilidade maior, e o Protocolo de Kyoto informa isso, mas os efeitos se farão sentir nos países mais pobres e nos países em desenvolvimento, e dentro desses países, também de maneira diferenciada. A subida de um a dois metros do nível dos oceanos afetará, evidentemente, muito mais as comunidades ribeirinhas ou de baixadas. Então, temos, para além de um conjunto de acontecimentos aparentemente dispersos, a perspectiva de um cenário muito mais grave e difícil, e um cenário de interdependência de toda a comunidade global. Creio que é o desafio mais amplo que se coloca.

Trazendo o tema para uma visão mais imediata da nossa ação e das nossas iniciativas, gostaria de comentar com vocês que alguns desastres que ocorreram no início desta gestão de Governo levaram à iniciativa de desenvolvimento de um programa, que temos implementado em parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil, o Ministério da Integração Nacional, outros ministérios, Estados e Municípios, no âmbito do sistema nacional de meio ambiente. Todos devem se lembrar que, em 2003, tivemos aquele vazamento em Cataguazes/MG, que significou a poluição do rio e falta de água para toda a população. Eventualmente, uma contaminação ou um desastre ambiental é bastante visível, mas uma contaminação química não é tão perceptível pela população, e seus efeitos podem ser até mais graves e afetar o cotidiano, a base de trabalho e de sobrevivência dessa população. Ao mesmo tempo, tivemos a ocorrência de várias emergências em termos de sítios contaminados no Estado do Rio de Janeiro, com a área de Ingá, prestes a ter um vazamento e contaminar a baía de Sepetiba; temos Santo Amaro da Purificação, com depósitos de resíduos minerais que estão contaminando inclusive as crianças, em um nível de chumbo três vezes superior ao admissível, temos uma proliferação de potenciais desastres associados a sítios contaminados, portanto históricos, de depósitos industriais mal resolvidos e riscos do próprio transporte de produtos químicos perigosos. Em função disso, a Ministra Marina Silva determinou a criação do chamado Programa P2R2, que é o *Programa de Preparação e Prevenção, Respostas Rápidas a Acidentes com Produtos Químicos Perigosos*. Esse Programa vem se desenvolvendo e sendo construído nessa articulação interinstitucional, em nível fe-

deral e no âmbito do sistema nacional de meio ambiente, com vários parceiros e também com o setor privado e a sociedade civil, tem uma interface direta com todo o sistema de defesa civil e acreditamos que é importante que todos vocês o conheçam.

Quero congratular-me, mais uma vez, com a iniciativa do Conselho Federal de Psicologia, acreditando que poderemos tirar, desses dias, uma série de idéias e passos para podermos enfrentar o conjunto amplo e interminável de desafios que estão sempre se nos apresentando. Entretanto, quem sabe, podemos construir um ambiente, uma sociedade um pouco mais saudável e um desenvolvimento sustentável para todos nós, onde esses problemas possam ser minimizados. Obrigado, e bom trabalho a todos.

Pedro Brito do Nascimento

Ministro da Integração Nacional

Muito boa noite a todos. Meu caro Marcus Vinícius de Oliveira, Vice-Presidente do Conselho Federal de Psicologia, a quem agradeço a parceria que vem mantendo com o Ministério da Integração Nacional e a Secretaria de Defesa Civil, meu caro amigo Jorge do Carmo Pimentel, operoso Secretário Nacional de Defesa Civil, que transformou, ao longo desses três anos de trabalho, a realidade da defesa civil no País, fato reconhecido até mesmo pelo Presidente da República, que, em pronunciamento, registrou os comentários que recebe pelo Brasil afora da excelência da defesa civil no Brasil atualmente. Aproveito para parabenizar, de público, o coronel Pimentel e toda sua equipe pelo brilhante trabalho que vem sendo executado. Meu caro Victor Zveibil, da Secretaria de Qualidade Ambiental, aqui representando a Ministra Marina Silva, Dr. Horacio Toro, representante da Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil.

Quero ser breve, porque o principal desta noite será justamente a palestra do senhor Horacio Toro, mas não poderia deixar de vir aqui em um evento tão importante para o País e, em primeiro lugar, dar boas vindas a todos vocês e, em especial dar boas-vindas, em nome do governo brasileiro, a vários profissionais de vários países aqui presentes. É uma honra para o Brasil e um grande prazer poder recebê-los aqui com a experiência que cada um tem, certamente, para nos oferecer em relação a cada país aqui representado. A troca de experiências é muito importante.

Em nome do presidente Lula, quero dizer que a defesa civil de um país, em especial do nosso país, o Brasil, é algo que merece nossa atenção e dedicação durante 24 horas por dia. Sabemos que não podemos negligenciar, em momento algum, não somente os recursos necessários que devem ser aplicados na área de defesa civil, mas, sobretudo, uma preparação como esta, que este Seminário muito bem representa.

Já foi dito que muito pouco adianta, do ponto de vista do atendimento ao ser humano, o reparo material imediato, a dotação de recursos do orçamento de maneira a não faltar nada do ponto de vista do atendimento de reconstrução ou providências semelhantes. Isso será pouco, se o ser humano não tiver uma assistência, inclusive prévia, que é exatamente o tipo de preparação que vem se desenvolvendo na Secretaria de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional.

O Ministério da Integração tem uma multiplicidade de funções. Atuamos, por exemplo, em toda a área de planejamento e desenvolvimento regional, uma das áreas específicas que cuida das Regiões mais pobres do país, como Norte e Nordeste. Há uma secretaria específica para o Centro-Oeste do País, e o Brasil, muito bem mapeado dentro dessa nova ótica do planejamento e desenvolvimento regional, mostra que temos problemas de desenvolvimento regional inaceitáveis para quaisquer padrões em várias Regiões do Brasil. Hoje temos regiões pobres, por exemplo, no extremo sul do Rio Grande do Sul, no interior de São Paulo, no Centro-Oeste do Brasil, e temos, portanto, que ter uma visão de integração do País, daí o nome do Ministério.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Além disso, cuidamos também de todas as questões voltadas para a parte de recursos hídricos, seja no semi-árido brasileiro, com a construção de barragens, de adutoras, de sistemas de abastecimento d'água, como também em áreas que não têm problema de recursos hídricos do ponto de vista da escassez, mas têm problemas decorrentes do excesso de recursos hídricos, como é o caso da Amazônia e de algumas regiões do Sul do País. Ai as providências são outras, como a construção de sistemas de drenagem das cidades; e portanto, o Ministério tem essa visão muito abrangente das necessidades do País.

Dentro do Ministério, tem um foco muito especial a Secretaria Nacional de Defesa Civil. Dentro desse foco, por determinação do Presidente Lula, em primeiro lugar, não devem faltar recursos, em momento algum, para dar atendimento a qualquer situação de emergência em qualquer parte do País; estamos perseguindo isso com muito zelo, e não tem realmente faltado nenhuma assistência em nenhuma parte do País. Há além disso, uma atitude de prevenção que é cada vez maior e cada vez mais necessária, e dentro desse contexto de prevenção é que estamos situando este Seminário, que se desenvolverá a partir de hoje à noite e por mais dois dias.

Pode até parecer algo fora da discussão comum de defesa civil estarmos aqui reunidos com profissionais como psicólogos e assistentes sociais, porque, sempre que se fala em defesa civil, pensamos logo no corpo de bombeiros, em médicos, pára-médicos, no pessoal que chega para ajudar, e pode, portanto, parecer estranho estarmos reunindo aqui profissionais que, normalmente, as pessoas não percebem ou até mesmo acham que, eventualmente, não sejam necessários nesse tipo de ação da defesa civil. Ao contrário, dentro da ótica da prevenção, na realidade que queremos cada vez mais introduzir no Brasil, que é transferir para as comunidades o protagonismo da defesa civil, a preparação das pessoas para que, quando o desastre aconteça, estejam com o espírito fortalecido para lutar com mais determinação contra uma intempérie, um acidente de qualquer natureza, os profissionais da área da Psicologia e da assistência social são os mais importantes na preparação das pessoas para que elas possam, de cabeça o mais fria possível, no momento de angústia, de tensão, quando ninguém sabe para onde correr, terem um pouco de calma, consciência e objetividade de como agir para defender e preservar a vida humana. Então, acho que, do ponto de vista da prevenção, nada mais importante que esse trabalho que vocês desenvolvem e podem trazer para as pessoas nesse momento, quando cada um quer se salvar e deixa de oferecer o melhor de si para as demais pessoas, para a comunidade.

Não acredito em defesa civil sem o envolvimento da comunidade. Não podemos, em momento algum, achar que a responsabilidade da defesa civil é do governo, dos bombeiros, da polícia, das autoridades. A responsabilidade maior da defesa civil é das comunidades, porém elas têm que estar preparadas. Não adianta chegar e dizer: "Olha, comunidade, toma conta porque, se acontecer um desastre, a responsabilidade é sua". Não é assim! Ai entra o papel do governo, a atuação de uma Secretaria Nacional de Defesa Civil, como a que nós temos, para estar atentos, em nosso país; à preparação das comunidades, a fim de que, na hora do desastre, com as autoridades, com o corpo de bombeiros, com a polícia, com todos os agentes da defesa civil institucionalizados, possa se ter o melhor tipo de atendimento possível. E aqui no Brasil, graças a esse trabalho de coordenação e de envolvimento geral de todos em qualquer parte do País, das comunidades, dos governos e autoridades locais e federais é que estamos, a cada ano, reduzindo enormemente o número de vítimas em acidentes, em qualquer tipo de problema que se tenha tido no País.

Então, realmente fico satisfeito e orgulhoso de poder estar aqui, na abertura deste evento; sei da sua importância, sei do papel que cada um de vocês, profissionais da área da Psicologia ou da assistência social tem em momentos de angústia, de medo, de terror, e acho que eventos como este, que contam inclusive com a contribuição de pessoas de outros países, só podem melhorar cada vez mais o trabalho que a Secretaria Nacional de Defesa Civil vem realizando. Portanto, quero me congratular com todos, desejar um trabalho de bastante resultado, desejar que cada um, depois desses

dias de discussão, possa voltar com a missão, inclusive, de multiplicar esse tipo de consciência que precisamos ter e disseminar em nossas comunidades. O Brasil tem cerca de 5.500 Municípios; destes, temos 3.500 que já têm as suas coordenadorias locais de defesa civil e quase 1.500 Municípios que já receberam treinamento específico para a comunidade, portanto, avançamos o máximo possível em ter pessoas preparadas para o atendimento de desastres, e queremos que este Seminário seja mais um passo nessa direção.

Queria, encerrando minhas palavras, também agradecer imensamente a parceria que temos com o Conselho Federal de Psicologia, agradecer ao Ministério do Meio Ambiente, que sempre tem se colocado como parceiro do Ministério da Integração Nacional e, em especial, meu agradecimento à equipe da Secretaria Nacional de Defesa Civil, da que nos orgulhamos cada vez mais. Muito obrigado a todos.

**Conferência: Sistemas de atenção
às vítimas de
situações de emergências e
desastres: contribuições
possíveis da Psicologia**

Horacio Toro Ocampo

Representante da Organização Pan-Americana da Saúde no Brasil

Boa noite a todos e todas. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer, em nome da Organização Mundial da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde, o convite para falar sobre algumas experiências pessoais e institucionais na temática dos desastres, que é importante. Quero agradecer ao Conselho Federal de Psicologia que, em parceria com a Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional, está realizando este Seminário. Gostaria de saudar e dar um abraço cordial nos colegas e amigos do Chile, Argentina, Peru, Cuba, México, Itália, e em todos os colegas do Brasil que estão aqui interagindo e trabalhando para acrescentar o conhecimento em temas tão importante como são os relacionados aos desastres.

Gostaria de lhes dar meu currículo em termos de desastres. Por formação, sou médico ginecologista e obstetra. Atuo com saúde pública e tenho mestrado em bem-estar social. Em meu currículo, tenho a vivência de um grande desmoronamento em Santiago do Chile, em 1976, vivenciei um terremoto de 8 graus em Quito, no Equador, em 1986, dois furacões na República Dominicana e Honduras, passei por três terremotos com 7,9 graus, em El Salvador, em janeiro e fevereiro de 2001. Vivi ainda cinco epidemias de dengue, em que a concentração da população era de 11 mil habitantes por Km² e os mosquitos não precisavam voar, bastava saltarem de casa em casa, caminharem centímetros. Então, tudo isso faz com que um ginecologista, uma pessoa que trabalha com saúde pública e não é desastrólogo, tenha que aprender não em livros, mas na vivência, pois os desastres naturais são eventos que se apresentam no dia a dia em qualquer comunidade.

A última experiência que tive foi de morar em um país de 21 mil Km², com 21 vulcões ativos, onde, todos os dias, acontecem entre 20 e 25 tremores subliminares e os terremotos são de 7,9. Foram três terremotos em dois meses. Então tudo isso faz com que aprendamos um pouco sobre o que são os desastres naturais e a importância de se trabalhar na prevenção, especialmente, de preparar as comunidades. Por isso, hoje à noite, não farei nenhuma conferência, e sim, transmitirei um pouco da experiência de vida como diretor em um país centro-americano onde acontece um terremoto.

Saio para caminhar às 9 horas da manhã e, após tomar uma boa ducha, vejo que os meus dois cachorros começam a revolver-se no chão, ouço os galos cantarem às 11 horas da manhã, coisa rara, e vejo que todas as aves que estavam juntas começam a voar. Algo, que ninguém sabe o que é, está para acontecer. Meia hora depois, ocorre um dos maiores terremotos que pude presenciar na vida. A única coisa que podia dizer, após sentir o que passou, era: "Graças a Deus, estou vivo", porque, em menos de dois minutos, 600 casas, em menos de dois quilômetros, haviam sido completamente soterradas. Grandes populações e cidades haviam desaparecido.

Então, imediatamente, quando temos um cargo de direção, temos que ter a responsabilidade e tomar decisões. A primeira coisa é, ao passar o susto, ver como está a família; imediatamente depois, perguntar como está o restante dos trabalhadores da organização, porque eles têm que sair para organizar a cooperação ao lado das autoridades nacionais. Então, tudo isso faz com que vivamos um momento de crise violenta, não esperada, para a qual o espírito humano não está preparado. E temos que aprender a trabalhar com essas situações.

Creio que é importante, de uma maneira muito simples e do ponto de vista de um não especialista, apresentar algumas questões:

Conceito de desastres

São eventos extraordinários, que originam destruições consideráveis de bens materiais e podem ter como resultado mortes, lesões físicas e sofrimento humano. Esses fenômenos podem ser lentos ou repentinos, naturais, como enchentes, inundações, terremotos, furacões, ou podem ser produzidos pelo

próprio ser humano, como as guerras, o terrorismo, incêndio, contaminação química ou nuclear ou vandalismo social, uma nova forma de desastre humano.

Fases dos desastres

Pré-impacto: precede ao desastre. Ameaça, advertência ou alerta.

Impacto: momento em que são atingidos pelo fenômeno.

Pós-impacto: começa depois de ocorrido o desastre.

Isso é importante porque, em um país que não tem habitualmente fenômenos naturais, preparar-se durante toda essa fase de pré-impacto ou de calma de desastres é fundamental. O fato de o Brasil não ter, por exemplo, vulcões e não ter, freqüentemente, tremores de terra, não justifica não se preparar. Temos outros tipos de fenômenos naturais, como secas, enchentes, inundações. E em cidades tão importantes no Brasil, como São Paulo, até o prefeito tem que sair em uma lancha. Então, há cidades de primeira linha e que não estão preparadas para um fenômeno natural. Inclusive para o impacto, equipes e comunidades têm que estar preparados. E o processo de pós-impacto é fundamental, porque não se sabe o quanto durará esse período.

Tipos de atingidos

As condições não são as mesmas para a população. Dependem da cultura de cada comunidade, de cada pessoa:

Pessoas que possuem vivências prévias: há pessoas que tiveram vivências prévias, e os terremotos e vulcões, para elas, são habituais. Há pessoas que vivem em países onde essas ocorrências são freqüentes e não têm medo, mas, para as pessoas que chegam e vivenciam um tremor leve, a primeira atitude é fugir.

Pessoas com antecedentes de enfermidades mentais: são pessoas que vamos encontrar, e precisamos estar preparados para suas reações.

Pessoas que sofrem de alguma enfermidade: pessoas com problemas de coração e pneumológicos, entre outros.

Pessoas que contam com apoio social e psicológico: aqueles que já possuem esse apoio reagem de forma diferente daqueles que não têm esse apoio.

Pessoas que precisam de habilidade para a resolução de problemas: toda a população incapacitada física, mental e sensorialmente.

Os idosos e crianças: em uma situação de desastre, eles atuam de diferentes maneiras. É interessante ver como, muitas vezes, em fenômenos desses, as crianças, especialmente aquelas em idade escolar, reagem melhor que pessoas adultas. Parece que sentem menos o efeito desses problemas.

Pessoas que tiveram conflitos por alguma crise em sua vida.

Aqueles que desempenham funções-chave: isso é fundamental. Normalmente, quando preparamos e trabalhamos alguns aspectos relacionados com a prevenção e atuação em desastres, muitas vezes esquecemos que as pessoas que trabalham com as comunidades também são seres humanos e precisam de um duplo treinamento, primeiro, porque precisam do próprio equilíbrio, e depois, porque precisam da interação com as demais pessoas.

Fatores de risco para a saúde mental em desastres

São situações que nos darão, em maior ou menor profundidade, a gravidade da situação e permitirão que o ambiente de trabalho das equipes e a conduta e a resposta dos atingidos seja diferente, dependendo de alguns aspectos próprios do desastre:

- O número de mortos;
- A dimensão da destruição;
- A intensidade do desastre;
- A centralidade na comunidade;
- A duração;
- A rapidez;
- O grau de previsibilidade;
- A periodicidade do fenômeno;
- A falta de costume.

Então, muitas vezes, os especialistas em desastres já sabem como organizar a população nos albergues, como organizar a comunidade para suprir as necessidades de água, de saneamento básico, como providenciar alimentos para a população atingida, como prevenir as doenças, mas ninguém tem se preocupado com o estado emocional das pessoas. Muitos de vocês trabalham em momentos de desastres naturais e sabem que, muitas vezes, não se pensa na situação emocional das pessoas, tanto a das equipes de socorro e organização do pós-impacto como a das pessoas da comunidade, por isso, é importante que nós, de maneira didática, vejamos que a resposta psicológica para a população, que se chama síndrome de desastres, também tem diferentes fases.

Respostas psicológicas dos atingidos – síndrome dos desastres**Primeira fase**

Vamos presenciar e vivenciar um estado de choque, de aturdimento, de estupor, de apatia, de confusão, de insensibilidade com o fenômeno.

Segunda fase

Ocorre um estado de dualidade que pode durar horas ou dias; os atingidos são mais dóceis pela atenção que têm, e os não atendidos sentem angústia.

Terceira fase

As pessoas vivenciam um estado de euforia por estarem vivos, intenso espírito de solidariedade e colaboração, atos de delito, depressão. Para essas reações diferentes, não estamos preparados.

Por exemplo, vivenciei situações em que as equipes de saúde dos grandes hospitais onde aconteceram desastres evacuaram imediatamente todas as pessoas que estavam nos hospitais, e um dos grandes problemas, nessa terceira fase, era tratar de demonstrar que a estrutura hospitalar ainda podia servir para acolher as pessoas. Porém, ninguém pensou que precisava trabalhar com os pacientes, com o pessoal da equipe de saúde, que não queria voltar. Então, os hospitais de emergência se convertem, muitas vezes, em unidades permanentes, onde os problemas psicológicos e emocionais do pessoal que lá trabalha também se manifestam, assim como os dos próprios pacientes. Esses são aspectos que freqüentemente os especialistas em desastres naturais não percebem, e creio que um grupo de profissionais de saúde mental, um grupo de psicólogos, tem a responsabilidade de começar a pressão para criar também esse tipo de atividade e processo como prevenção, ação durante o impacto e, especialmente, no trabalho posterior com as comunidades.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Manifestações psicológicas nos desastres

As manifestações dependem:

- Das características do agente que iniciou o desastre: não é o mesmo vivenciar uma enchente, um terremoto, um desmoronamento. É diferente.
- Das diferenças de personalidade: muitas vezes, há a negação do perigo, há expectativas de reverter o perigo. As pessoas, que viveram e lutaram muito para viver em determinados locais, não querem sair, e a defesa civil, então, tem que agir de maneiras diferenciadas, as equipes têm que trabalhar também emocionalmente para que as pessoas vejam o perigo que correm ficando onde estão.
- Da experiência durante o impacto: há pessoas que ficam a ponto de morrer, há outras que se separam dos seres queridos, perdem familiares e amigos; também depende se o impacto do fenômeno é duradouro ou transitório.
- Das conseqüências do impacto: trabalhar com pessoas que sofreram lesões físicas, morte e luto são temas que precisam ser trabalhados tanto na fase preventiva de preparação das comunidades em caso de haver fenômenos que podem ocasionar mortes e, especialmente, quando há grandes lesões e muitas vítimas. Contemplar corpos mortos ou machucados, destruição da propriedade pessoal e coisas do gênero exigem preparação. Uma comunidade exposta a um grande número de cadáveres precisa de um trabalho psicológico diferente do que é realizado em uma comunidade onde não ocorreram mortes ou o fenômeno não produziu maiores danos.

Alguns objetivos terapêuticos da intervenção psicológica em casos de desastres

Partindo do ponto de vista que uma pessoa tem sobre essas questões e observando o trabalho dos colegas psicólogos que trabalham com saúde mental, creio que podemos chegar a alguns pontos comuns:

1. Aliviar a aflição e conseguir a modificação da conduta através da terapia psicológica. A atuação dos profissionais psicólogos e das equipes de saúde mental são fundamentais. Participei de sessões grupais nas quais se teve que fazer terapia de grupo em que ninguém falava no momento da crise ou no momento do trabalho, mas os trabalhadores das equipes de saúde também ficam minados em seus aspectos emocionais. Eu, particularmente, muitas vezes chorei quando tive a oportunidade de interagir com colegas. Pessoas que, aparentemente, são muito fortes, muito duras, no momento da terapia de grupo também se liberam, porque, emocionalmente, também têm contida toda a pressão do fenômeno e do processo vivido imediatamente depois de um desastre.

2. Restaurar a capacidade dos afetados para resolver a situação de estresse.

3. Reordenar o mundo através da interação social. Reorganizar a família, a comunidade, as cidades, os locais de trabalho, os espaços onde as pessoas interagem são processos que demandam a atuação do profissional especialista em saúde mental.

4. Colaborar de maneira contínua com outros grupos profissionais que estão dando apoio. Muitas vezes, profissionais de nutrição, profissionais epidemiológicos e de saneamento ambiental trabalham cada um em seu espaço. Creio que o profissional de saúde mental e o psicólogo podem ser convertidos em catalisadores do trabalho harmônico para a normalização do processo que as pessoas vivenciam imediatamente após um desastre natural.

5. Criar equipes de suporte, constituindo grupos de profissionais que trabalham com o conceito de prevenção e promoção da saúde mental. Creio que, muitas vezes, não temos que esperar viver um desastre natural para começarmos a nos preparar. Quando nos preparamos antes, mesmo que não se tenha desastre natural, com verdadeiras equipes de saúde mental simulando situações de desastres, no momento dos mesmos, a resposta será mais benéfica para aquilo que possamos enfrentar.

Creio também ser preciso criar equipes de suporte dentro das próprias comunidades. Quando o assessor técnico, o especialista, está distante, e ocorre o fenômeno, é a própria comunidade que tem que

começar a trabalhar, e, se começamos a desenvolver capacidades e equilíbrio emocional na comunidade, organizando-a para o início do trabalho, avançaremos muito. O trabalho de prevenção e atenção primária em saúde mental e psicológica é fundamental para a comunidade.

Objetivos terapêuticos específicos

Conversando sobre o porquê de devermos trabalhar com Psicologia e saúde mental durante os terremotos ou desastres, verificamos que podemos:

1. Fomentar os mecanismos adaptativos da comunidade;
2. Restaurar o funcionamento do “eu”;
3. Em especial, buscar o equilíbrio do “eu” imediatamente. A inserção na vida normal se dá se trabalhamos intensamente nesse aspecto;
4. Trabalhar a auto-estima e a confiança. As pessoas têm dificuldades de voltar ao local de trabalho, de reativar a própria vida. Então, um apoio psicológico também nesse caso é fundamental;
5. Trabalhar com os sentimentos de culpa;
6. Trabalhar com sentimentos e pensamentos confusos relacionados com a causa do desastre. Muitas pessoas ficam confusas, e o trabalho psicológico, individual e coletivo, é fundamental;
7. Reordenar a fé e os valores grupais. A auto-ajuda e a ajuda coletiva são importantes.
8. Identificar fatores de risco ou condições que dificultam o trabalho das equipes de saúde mental;
9. Trabalhar no entorno social onde estão os atingidos é importante. Muitas vezes, pensamos que os albergues são os espaços mais importantes para concentrar os atingidos, porém não nos damos conta de que o albergue, muitas vezes, pode ser um espaço onde a confusão será maior, a angústia e a ansiedade por haver perdido suas coisas podem se agravar. Nesse ambiente, as equipes de saúde mental têm muito o que fazer.

Objetivos terapêuticos fundamentais

– Trabalhar com equipes multidisciplinares e coordenar os esforços. Muitas vezes, em momentos de desastres, vemos que há uma multiplicidade de equipes, mas não há uma coordenação, uma orientação, e creio que, através do trabalho psicológico, podemos atuar intensa e coordenadamente.

– Trabalhar com outros profissionais, aproveitando suas capacidades, e atraí-los para fazer com que, quando formos trabalhar, por exemplo, segurança alimentar e nutricional, também esteja presente a Psicologia em tudo isso, porque, quando começam a faltar os alimentos, todos querem se alimentar, e começa um processo de desespero nos grupos. Então, é um trabalho que deve ser compartilhado.

– Trabalhar com líderes comunitários para dar continuidade aos processos. As comunidades preferem trabalhar com seus pares, seus iguais. Então, temos que aproveitar para desenvolver a capacidade de prevenção ou de atenção primária em saúde mental com lideranças das comunidades que sejam capazes de levar as mensagens que os especialistas, as equipes, querem que tenham impacto nessas comunidades.

– Trabalhar no apoio para a reinserção na comunidade a fim de voltar o mais rapidamente possível à vida habitual.

– Trabalhar intensamente a dor dos atingidos, especialmente a daqueles que perderam seus familiares e amigos.

Enfim, são espaços que exigem muito trabalho de nós todos.

Desastres e saúde mental

– Os seres humanos sempre têm estado sujeitos a impactos ocasionados pelos desastres naturais, que possuem uma grande história, passo que os estudos que demonstram as suas conseqüências psicológicas são recentes.

– A atenção era focada na organização de serviços de emergência, no impacto na estrutura social e no papel das vítimas e dos trabalhadores da saúde, mas pouco se fazia com relação ao equilíbrio emocional das pessoas.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Primeiros estudos

Quando analisamos alguns dados, percebemos que:

- No desastre de Halifax, em 1920, são feitos os primeiros estudos sobre as variáveis psicológicas.
- Em 1944, são realizados estudos com pessoas atingidas pelo incêndio do Clube Noturno Coconut Grove, em Boston. Isso também aconteceu dois anos atrás, no Paraguai, quando um shopping foi fechado e muita gente morreu.
- Em 1963, os atingidos pelo terremoto de Skoplje, na Iugoslávia, também foram estudados.
- As vítimas do holocausto nuclear de Hiroshima, em 1967, apresentam ainda hoje a necessidade de atendimento e acompanhamento psicológico.
- Em 1976, durante as inundações em Buffalo Creek, se começa a falar da necessidade de se trabalhar com os aspectos emocionais.

Primeiras leis

Apesar de todos os danos produzidos pelos desastres, das desorganizações sofridas pelas comunidades, das perdas de inúmeras vidas, tem-se dedicado escassa atenção aos aspectos emocionais e psicológicos. Somente em 1974 aparece, pela primeira vez, a lei de atuação e ajudas em desastres, através do Instituto de Saúde Mental do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, na qual se inclui uma seção sobre orientação psicológica aos atingidos.

América Latina

- Na América Latina, têm acontecido desastres de grande magnitude no Peru, Chile, Nicarágua, México, El Salvador, Guatemala, Colômbia, Honduras.
- Nos furacões do Caribe, como o *George and Mitch*, já se inicia o trabalho de atenção psicológica.
- Nossas organizações, especialmente a OPS, cria, na América Central, como uma resposta e preparação para desastres, um Centro de Informação sobre Desastres, o CRID, onde a temática de saúde mental e de aspectos emocionais e psicológicas está incluída.
- Em El Salvador, em 2001, se introduz o conceito de atenção em saúde mental para as populações atingidas por terremotos, e aqui quero contar que esse país teria sofrido muito se a primeira dama da região e 14 ministros de Estado não tivessem se preparado com atencendência. Essa atitude estabeleceu um programa de saúde mental que favoreceu e permitiu que a população se reintegrasse rapidamente, pois o país estava preparado com um programa adequado para desastres.

Saúde mental e atenção psicossocial em desastres naturais

Faz-se necessário dispor de:

- Equipes e redes locais de saúde mental e comunitária, com conhecimentos em promoção da saúde mental, atenção a problemas emocionais, reabilitação psicossocial e investigação.

É bom que um país grande como este tenha estruturas em nível nacional, uma secretaria ou uma organização de defesa civil nacional. Um país somente é considerado avançado quando todos os Municípios, e, no caso do Brasil, são 5.562, têm comitês municipais de defesa civil ou comitês de prevenção de desastres naturais. O País está avançando, especialmente porque aqui não há cultura de desastres massivos, mas não podemos esperar pelo primeiro para nos preparar. O ideal seria que, dentro dos programas municipais, possa haver um de prevenção de desastres e, dentro deste, um programa de saúde mental.

- Preparação de recursos humanos com conhecimento de saúde mental e desastres.

Uma coisa é ser um bom psicólogo; outra coisa é ser um bom desastrólogo, mas é diferente ser um bom psicólogo com especialidade em desastre. Isso é fundamental e, para tanto, temos que trabalhar. Aprendi que um especialista em epidemias é bom para epidemias nos desastres, mas desastres não podem estar nas mãos de um único *expert*. Desastres devem estar nas mãos de uma equipe que seja

especialista no manejo de desastres, e, nessa equipe, inclui-se o profissional de Psicologia.

- A abordagem da saúde mental deve incluir não somente aspectos psicológicos e biológicos, mas também as condições básicas do dia a dia das pessoas.
- Devem ser criadas habilidades para identificar problemas emergentes da área psicossocial e preparar respostas adequadas.
- A saúde mental em desastres deve incluir todas as instâncias que constituem a vida cotidiana das comunidades.
- Devem se capacitar pessoas das comunidades e conformar equipes de trabalho e redes locais para permitir reações diferentes.
- Desenvolver estratégias comunitárias de saúde mental permite o diagnóstico rápido, a assistência oportuna e a rápida reabilitação dos atingidos.
- O desenvolvimento de ações de saúde mental nos locais de impacto ajuda as pessoas a organizar sua vida. É importante trabalhar saúde mental nas equipes dos grandes hospitais, unidades de saúde, escolas ou locais de trabalho. Quantas instituições que possuem milhares de trabalhadores se preparam em nível de saúde mental e para a prevenção de desastres naturais? Creio que muito poucas. Então, é preciso começar o trabalho.
- Devem-se capacitar os especialistas de unidades de psiquiatria nos aspectos mais amplos de saúde mental comunitária.
- Devem-se desenvolver planos institucionais de saúde mental, dirigidos ao pessoal de saúde, de educação, de socorro e aos líderes de comunidades.

Equipe de saúde mental para desastres

A realidade mostra que, nesses momentos, é necessário ter equipe de saúde mental, especialmente com perfil de atenção primária. Isso não implica a ausência de especialistas em nível terciário na equipe, que deve incluir como base psiquiatras, psicólogos, enfermeiros e assistentes sociais, e não somente médicos. Por exemplo, um ginecologista como eu tem muito o que fazer em um albergue, com as mulheres que precisam de atendimento em ginecologia e obstetrícia. As mulheres em um albergue após três ou quatro meses sem atenção, começam também a ter problemas emocionais.

História da vítima a ser atendida

É fundamental conhecer e entender a história de cada pessoa que atenderemos, e, para isso, temos que conhecer muito claramente:

Dados pessoais

História familiar, antecedentes de enfermidades mentais, suicídio, alcoolismo, epilepsia, problemas de desenvolvimento na infância, ocupação, desemprego, estado civil, religião, condições da casa onde morava. Disso dependerá a interação e o trabalho das equipes de saúde mental.

- Problemas emocionais: sintomas, tratamentos, hospitalizações, uso de medicamentos antidepressivos.
- Experiências com desastres: vivências com perigos, perdas familiares ou de amigos, mortes, destruição de sua casa, perdas materiais, lesões físicas.
- Problemas emocionais constantes: sono, apetite, nível de energia, abuso de álcool, drogas, vida sexual, interesses, sentimentos.
- Apoios social e comunitário: familiares, amigos, vizinhos, situação da casa, albergues.

Objetivos da intervenção comunitária

- Aliviar a aflição e conseguir a modificação da conduta através da terapia psicológica;
- Restaurar a capacidade dos atingidos para enfrentar situações estressantes;
- Reordenar seu mundo através da interação social;

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

- Colaborar de maneira contínua com outros grupos de profissionais que estão dando apoio;
- Criar um ambiente adequado para que os atingidos e os que os atendem tenham assegurada a convivência pacífica e possam gerar condutas positivas e de inclusão.

Conclusão

Nos desastres naturais, sejam quais forem (secas, inundações, enchentes, terremotos, furacões), é fundamental trabalhar antes que aconteçam, com verdadeiras equipes de saúde mental, isso porque, chegado o momento, não há tempo para reagir e para nos organizarmos. Então, nossa recomendação, que é de vivência, é que precisamos nos preparar antes que aconteçam os desastres.

Queria lhes dizer que isso não é privilégio de um especialista em desastres. Temos que formar verdadeiras equipes multidisciplinares, intersetoriais e, especialmente, preparar as comunidades de uma maneira preventiva, saudável, para que saibam que, se trabalhamos com uma saúde mental primária, esse trabalho será muito favorável no caso de sofrimento devido a um desastre natural.

Gostaria de compartilhar apenas esses conhecimentos com vocês e agradeço uma vez mais a oportunidade de conversar, esperando que este Seminário possa enriquecer a interação entre os colegas que vêm de outros países com os colegas do Brasil, que possuem experiências diferentes em cada um dos 27 Estados.

Muito obrigado e êxito no Seminário.

Palestra: O Sistema Brasileiro de Defesa Civil

Jorge do Carmo Pimentel

Secretário Nacional de Defesa Civil

Bom dia a todas e a todos. É nossa alegria, mais uma vez, estarmos juntos na construção de comunidades mais seguras. Os nossos cumprimentos iniciais aos Psicólogos das nações amigas e a todos os participantes deste Seminário.

Farei uma homenagem que, com certeza, me deixará emocionado. Gostaria de cumprimentar minha adorável mãe, que está aqui conosco. Uma pessoa de 82 anos, que me viu sair, com 17 anos de idade, para ser bombeiro militar, e somente hoje, passados 35 anos, ela está aqui conosco, vendo seu filho falar alguma coisa para este Brasil. Com isso, gostaria de fazer essa homenagem às mães de todos vocês. Tenho certeza de que vocês têm carinho por elas, assim como eu tenho pela minha mãe.

Ontem nós percebemos, durante os relatos do Dr. Horácio e do Ministro, que nós precisamos avançar no campo da prevenção. Por isso, pretendo mostrar como é organizado o Sistema Nacional de Defesa Civil, os nossos avanços, os nossos desafios, e também, de forma muito transparente, as nossas dificuldades.

Há exato um ano e um dia acontecia isso no nosso país. A fotografia que está no crachá de apresentação retrata exatamente esse desastre. Seis de maio de 2005. Foi exatamente a partir dessas vivências, dos impactos que observávamos naquele momento, e ao tirar essa fotografia, que nós, de forma muito imediata, imaginamos: "Precisamos cuidar da alma das pessoas". Por isso sentimos-nos muito felizes, muito emocionados em estar, neste momento, expressando exatamente a angústia desta pessoa que está falando para vocês.

Esse é o objetivo de defesa civil: garantir a vida. Não estamos falando só de bens materiais, mas, sobretudo, de sua alma. Esse é um dever de todos: governo e comunidade.

A cidade União da Vitória, 48 mil habitantes, é uma cidade bonita que nós poderíamos olhar com vários olhares. O agente de defesa civil, com certeza, vislumbrou várias possibilidades, e já estabeleceu algumas hipóteses de intervenção nesse Município de forma preventiva.

Os senhores e as senhoras que estão vendo pela primeira vez este tema poderiam imaginar: "O que fazer de forma preventiva nessa cidade? O que poderia ocorrer na cidade?"

Vamos imaginar que tenhamos um desastre e que as pessoas não foram preparadas para vivenciar esse desastre. Ou o contrário: não tiveram a oportunidade de estar preparadas para passar por um desastre. E nessa mesma cidade acontece isso.

O que fazer, como fazer, como prestar socorro a essa população. A cada momento, estamos falando do desafio da defesa civil.

Pelotas, um tornado no Rio Grande do Sul, no Município de Muitos Capões, enchentes no Acre, durante o carnaval, 32 mil pessoas afetadas, nos abrigos, isso pode ocorrer com qualquer um de nós, e o seguro não cobre.

Em São Paulo, em 24 de maio de 2005, tornado no Município de Indaiatuba. Imaginem o nível de destruição e o preparo ou o despreparo das pessoas.

Em qualquer lugar deste país, poderá ocorrer isso. Pode, inclusive, estar ocorrendo neste momento.

Como atua o Sistema Nacional de Defesa Civil?

Existe um órgão superior, o Conselho Nacional de Defesa Civil, composto por representantes de todos os Ministérios, representantes dos Estados. Há um órgão central - a Secretaria Nacional de Defesa Civil - que é o órgão responsável pela articulação, pela coordenação de todo o sistema. Há órgãos regionais, que ainda não existem no Brasil, mas há previsão. Há órgãos estaduais de defesa civil, e hoje temos um representante, o Coordenador Estadual de Defesa Civil da Bahia, que nos honra com sua presença. E, finalmente, está a base de todo o sistema, que são os órgãos municipais, as Coordenadorias Municipais de Defesa Civil e os Núcleos Comunitários de Defesa Civil. Há os órgãos setoriais, que é toda a Adminis-

tração Pública: bombeiros, polícia militar, exército, marinha, aeronáutica, Conselho Federal de Psicologia, e os órgãos de apoio ao Sistema. Então, essa é a composição do Sistema Nacional de Defesa Civil.

Nós precisávamos, a partir da orientação do Presidente Lula, realizar, de forma inédita, uma política pública de prevenção e respostas a desastres. Então, tivemos que estabelecer basicamente essa matriz, em que tínhamos que democratizar o saber em defesa civil, para que todas as pessoas do nosso país pudessem saber o que fazer no caso da ocorrência de um desastre. Precisávamos de uma legislação e recursos em que a estrutura fosse basicamente a população, que são os atores sociais. Dessa forma, poderíamos fortalecer todo o Sistema Nacional de Defesa Civil. Então essa foi a concepção matricial para que pudessemos fomentar a discussão sobre defesa civil no nosso país.

A partir dessa concepção, em 2003, para que pudessemos implantar essa política em 2004, preparamos três programas: um programa de prevenção, o programa *Brasil, Patrimônio Cultural*, porque não entendíamos porque os sítios históricos do nosso país eram abandonados, e um programa de resposta aos desastres.

Dentro do programa de prevenção, nossa marca maior seria a capacitação dos agentes de defesa civil, para que pudessemos organizar todo o processo de prevenção e preparação para as emergências e desastres, e outra ação fundamental seria a implantação de um centro nacional de gerenciamento de desastres. Então o Brasil, em pleno século XXI, não possuía um centro para orientar a população.

Teríamos também um programa de respostas, e, na ocorrência de um desastre, nós teríamos essas ações para poder dar uma resposta imediata à população.

Para nossa felicidade, tivemos recursos para operacionalizar todos esses programas. Então, este ano, temos 335 milhões, 910 mil reais poder diminuir a mortalidade decorrente de desastres. É significativo, se considerarmos que ao assumir a Defesa Civil Nacional, em 2003, o governo passado nos deixou, para gerenciar a defesa civil no Brasil, a quantia de 424 mil reais. É esse entendimento que existia no governo passado para cuidar deste país.

Vocês podem observar que nossa legislação é de 17 de fevereiro de 2005, quando é atualizado todo o Sistema Nacional de Defesa Civil. É um avanço significativo para todos nós imaginar que o país necessitava de uma legislação, e assim o Presidente Lula decretou, no dia 17 de fevereiro, todo o avanço do Sistema Nacional de Defesa Civil, no qual contemplava, fundamentalmente, a criação dos Núcleos Comunitários de Defesa Civil e o Centro Nacional de Gerenciamento de Riscos e Desastres.

O que nós precisamos é de algo permanente, de uma mudança cultural. Então, instituímos, por meio do Decreto do dia 26 de setembro, a Semana Nacional de Redução de Desastres, para que o Brasil pudesse discutir e propor medidas preventivas para a diminuição da mortalidade de pessoas afetadas por desastres. É um avanço significativo para todos nós que o governo brasileiro reconheça a necessidade de se discutir desastres neste país.

Nós percebíamos, durante os desastres, que as pessoas sofriam um impacto, e que não havia como resolver imediatamente as questões relativas aos seus danos materiais. Então, propusemos ao Presidente que todas as pessoas afetadas por desastres pudessem utilizar seu Fundo de Garantia para que pudessem repor, de imediato, seus danos materiais. Então hoje, qualquer pessoa afetada por desastres pode sacar até R\$ 2.600,00 para sanar, de forma imediata, aquele dano.

Mas também pensamos que há muitas pessoas no Brasil que não possuem Fundo de Garantia para efetuar saques. Então também foi instituído que as pessoas que não possuem FGTS tenham um auxílio emergencial financeiro, ou seja, as pessoas excluídas de todo o processo produtivo do Brasil têm a oportunidade de ter esse auxílio emergencial financeiro. No ano passado, atendemos 200 mil pessoas.

Entra a grande marca da defesa civil: democratização do saber em defesa civil.

Partimos de forma ousada para capacitar todo o País: cursos presenciais, cursos à distância, e aqui fazemos um registro sempre carinhoso à UFSC, que nos ajudou nesse ousado projeto de ter, em cada Município, um agente especializado em defesa civil. Vou aproveitar este momento e passar um vídeo para que vocês possam perceber como encaramos a defesa civil no nosso país.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Acredito que, a partir deste vídeo, foi possível esclarecer a atuação do Sistema Nacional de Defesa Civil, e o nosso esforço concentrado de estar em cada Município do nosso país. De 2003 a junho de 2006, conseguimos chegar a 1102, capacitando em torno de 16500 pessoas, e pretendemos chegar, até o final do ano, a 1500 Municípios. É um avanço significativo, levando-se em conta que o Brasil não tinha essa cultura de democratização do saber em defesa civil.

Partimos, então, para o que dissemos ser o mais importante, que é implementar as comunidades municipais de defesa civil. Mostramos, no vídeo, a importância de se ter Municípios organizados, pois, somente 480 Municípios possuem corpo de bombeiros, ou seja, 5120 Municípios não possuem organizações que socorram suas organizações. É um número assustador, 7% somente. Se nós não organizarmos a população, imaginem o que pode acontecer.

É muito difícil chegar e sensibilizar a prefeitura sobre a importância de se ter um sistema organizado de defesa civil. Algumas prefeituras entendem e formam suas CODECS, mas é um esforço muito grande de todo o Sistema Nacional de Defesa Civil para que possamos organizar nosso país.

Avançamos de forma significativa. Em 2003, existiam somente 2200 Coordenadorias Municipais de Defesa Civil. Durante esses três anos, avançamos para 3762, ou seja, para um percentual muito significativo.

O Brasil, no século XXI, não possuía um sistema de alerta e alarme, então essa implantação constituiu um grande esforço, desde a concepção do sistema até hoje. Foi um fato muito marcante, esse processo de montagem do sistema, porque a nossa assistente social e psicóloga, Daniela, dizia: “De que serve termos uma ótima ferramenta tecnológica se não prepararmos as comunidades para receber esse alerta?” Então é exatamente isso o que pretendemos fazer: ter a ferramenta tecnológica e promover a preparação das nossas comunidades, sobretudo a daquelas que ainda estão nas áreas de risco.

É um sistema simples, barato. Partimos de um *pocket* (trata-se de um instrumento para auxiliar no monitoramento de desastres), uma câmera digital, um GPS, e, do local do desastre, podemos ter informações para o gerenciamento de todo o desastre. Funciona, mais ou menos, da seguinte forma: fazemos uma parceria com os institutos de meteorologia, e, a partir dessa parceria, eles fornecem produtos específicos para a defesa civil, com os quais vamos poder interpretar todos esses dados. Há uma imagem de satélite que colocamos dentro do sistema e vamos dando os *zooms* necessários para saber exatamente o que está acontecendo.

Esta é uma fotografia de terça-feira, quando enviamos um alerta à Região Norte.

Neste Município, haverá uma carga de água muito forte. Então hoje, o Brasil consegue avisar seus Municípios com três dias de antecedência sobre o que vai acontecer, por meio de modelos numéricos e de fotografia de satélites.

Esta já é uma fotografia de ontem, por volta do meio-dia, em que se vêem chuvas fortes no Nordeste; inclusive enviamos um alerta, e também precisamos avisar o conjunto desses Municípios. Vou identificando os Municípios e enviando um alerta especificamente para aqueles Municípios.

Um exemplo bem específico é Brasília. No nosso sistema, está a localização de todos os quartéis de bombeiros. Podemos ver o tipo de viatura disponível, as condições daquelas viaturas, ou seja, toda a forma operacional para que possamos ter segurança em caso de necessidade.

Da mesma forma, os hospitais. Podemos saber a quantidade de leitos para queimados, se o banco de sangue está em condições, ou seja, todo tipo de informação necessária para uma administração de desastre. Então hoje estamos aqui e sabemos que há um hospital ao nosso lado.

O sistema nos permite ter toda essa tecnologia. Uma coisa simples, barata e que diminuiu a mortalidade de pessoas vítimas de desastre. É um avanço da defesa civil.

É importante que os meios de comunicação, dentro dessa parceria e a partir do nosso alerta, informem a população para que ela se prepare.

Eu me lembro que, durante o furacão de março de 2004, enviamos alertas para as embarcações no mar, mas muitos não acreditaram nos alertas e, infelizmente, quatro pessoas faleceram. Hoje nenhuma embarcação sai, em respeito ao sistema de alerta e alarme. A defesa civil alerta, os meios de comunica-

ção nos auxiliam e a população atende a esse alerta, graças ao nosso sistema simples, barato e eficaz.

O Brasil, em 24 horas, coloca alimentos e medicamentos em qualquer lugar deste país. É difícil imaginar que, em 2003, não tínhamos estoques estratégicos de alimentação em nosso país. Todo o sistema começa a funcionar. Isso é muito gratificante para todos nós.

A cada momento que andávamos nesse desastre, colhíamos informações e as levávamos até a Daniela, que dizia que era uma fase da ligação. Mas que fase é essa? É essa procura pelo saber da Psicologia.

Os anos 2004 e 2005 foram muito marcantes. Cada vez que íamos a uma região de desastres, eu me perguntava sobre a família dessa criança. Como deverá ser tratada? E o bombeiro que não conseguiu salvar essa criança? Este é um ponto que devemos tratar: há que se cuidar das vítimas do desastre e das pessoas que salvam essas vítimas.

Esta fotografia é marcante. Quando chegamos à defesa civil, vejo esta fotografia. É difícil imaginar que a população brasileira passa por isso. Precisamos revolucionar todo o Sistema de Defesa Civil: precisamos ter recursos, legislação, garantir a inclusão social e foi a partir desta fotografia que começamos a elaborar toda aquela matriz para que pudéssemos ter um caminho para transformações em nosso país.

Hoje o Presidente Lula garante a reconstrução de todas as casas destruídas por desastres. O Ministro ontem disse que não falta dinheiro para isso, o que é muito significativo para a defesa civil.

Isso acontece somado a essa vontade de se ter políticas públicas no Brasil.

A cada momento que passo essas fotografias, falo do desafio que estou compartilhando com todos vocês, psicólogos. Temos que socorrer a alma dessas pessoas.

Chegamos então ao grande desafio da defesa civil. Quando tirei essa fotografia e percebi essa senhora sentada sobre sua casa destruída, percebi que tínhamos que fazer algo. Aí está posto o nosso desafio.

Muito obrigado.

**Mesa-redonda 1:
As construções teóricas e
técnicas em torno dos
conceitos de emergências e
desastres**

Aléxis Lorenzo Ruiz

Doutor em Ciência do Centro Latino-americano de Medicina dos Desastres de Cuba; professor titular e adjunto da Universidade de Havana, Cuba; integrante do Conselho Consultivo e Comitê Técnico do Centro Latino-americano de Medicina de Desastres (CLAMED)

Bom dia a todos.

É uma honra para nós representar o povo cubano para milhares de colegas psicólogos e trabalhadores de saúde mental.

É a segunda vez que tenho a oportunidade de visitar o Brasil. Infelizmente, lembro-me muito pouco do “portunhol”, mas farei um esforço para falar espanhol pausadamente.

Na nossa apresentação, abordaremos de que forma, ao longo dos anos, em Cuba, o tema da Psicologia dos desastres tem sido abordado, e pretendemos que este Seminário possa oferecer ao povo brasileiro e a todos os psicólogos aqui presentes algumas ferramentas para que eles dêem o melhor de si como profissionais, como cidadãos, a todas aquelas pessoas e comunidades que, de uma maneira ou de outra, têm uma implicação em situações de desastres.

Vamos abordar três aspectos:

- algumas questões históricas do meu país, como evoluímos;
- os modelos sobre a compreensão e a atuação dos psicólogos nos desastres;
- algumas experiências que tivemos com desastres nos últimos anos.

Cuba, por sua localização, está numa zona que tem muitos desastres hídricos, meteorológicos, sísmicos, etc.

Os desastres que acontecem com mais frequência no meu país são: furacões, secas, enchentes, terremotos, acidentes de trânsito, desmoronamentos, pragas, epidemias, chuvas torrenciais, deslizamentos de terra, incêndios florestais, intoxicações industriais e radiológicas.

Nós sabemos que, ao longo da história, o tema da saúde mental está vinculado a desastres desde que o homem é homem. Lemos a Bíblia, o Alcorão, as obras antigas, e sempre se fala de grandes desastres. O psicológico, naquele momento, era o comportamento humano.

Temos que agradecer ao eminente psiquiatra Sigmund Freud, que analisou, em princípios do século passado, depois da Primeira Guerra Mundial, as neuroses traumáticas, conceito que tem um grande mérito na compreensão dos conflitos humanos, particularmente na guerra. Durante a Segunda Guerra Mundial, na Europa, muitos cientistas começaram a abordar a “vitimologia”, primeiro os advogados e depois os especialistas da saúde mental.

Paulatinamente, começa a formar-se o que chamamos de *psicotraumatologia moderna*, que não é nada mais que a integração do pensamento humano, não somente dos psicólogos e dos psiquiatras, a fim de compreender o sofrimento e a atuação humana das comunidades atingidas por desastres.

Vamos ver como se deu essa questão em Cuba. A Psicologia, em Cuba, tem já cerca de oitenta anos, que é quando surgem os primeiros trabalhos de Psicologia no país. Inicialmente, como aconteceu em vários países, a Psicologia era colocada como uma ciência natural, e os primeiros psicólogos cubanos tiveram a psicanálise e o condutismo. Muitos dos grandes desastres naturais que aconteceram em Cuba na primeira metade do século XX foram abordados por esses eminentes cientistas com base nessa concepção.

Aqui apresentamos três níveis de pensamento cubano, e estamos certos que são idênticos aos de quase todos os países. O primeiro nível é composto pelos estudos de historiadores, antropólogos e etnógrafos, que, para o psicólogo, têm uma grande importância. Para o Brasil, que tem uma vasta cultura, tantos Estados, tantas variedades, esse aspecto é importante. Cuba, apesar de ser um país muito pequeno, pela nossa influência de diferentes culturas, nosso coletivo, tem estudado essas investigações ao longo da História.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

O segundo nível é composto pela literatura, pela música e pela pintura. Podíamos pensar: “Mas o que isso tem a ver com a Psicologia dos desastres?” Posso dizer que é muito importante, porque nossos povos, principalmente os latino-americanos, são muito apreensivos com essas questões, que devem ser levadas em conta desde a preparação, e isso tem sido utilizado nos programas de preparação e atuação e, principalmente, de capacitação.

A Medicina, em Cuba, é uma das profissões de mais prestígio, de mais dedicação ao longo da História, e, na Medicina, ao longo das nossas lutas de independência, dos longos desastres, fez muitos trabalhos com matiz psicológico na formação da consciência nacional. A meteorologia, por ser utilizada com maior frequência, tem uma vasta história, que, sem querer, educa a população e prepara as instituições. A geologia tem sido retomada nos últimos anos, pois a zona onde Cuba está localizada se encontra ameaçada por um abalo sísmico de grande intensidade. A experiência cubana acumulada, essa sabedoria que nossos povos têm, também é importante na hora de abordar essa temática. Dessa forma, a ciência psicológica vai amadurecendo paulatinamente, em função de conformar um pensamento dirigido a esse tema.

Nossa ciência psicológica cubana e nós, como profissionais, fomos evoluindo pelas diferentes correntes, tomando o melhor de cada uma delas, para oferecer um melhor serviço e melhor ajuda àqueles seres humanos e comunidades em situação de desastre.

Atualmente, estamos pensando no futuro, pois sabemos que o passado já passou e que o presente dura segundos. Então, é o futuro o que mais nos preocupa. Nós somos um país pobre, em desenvolvimento, e temos que nos preparar cada dia mais e melhor. Então, estamos levando em conta as últimas descobertas das neurociências para saber que conseqüência podem ter, em nível neuropsicológico, os estudos das ciências sociais contemporâneas: a Sociologia, o Direito e todas as demais, e muito importante, o cognitivismo, ou seja, todo o sistema de cognições, as crenças, os estereótipos, as representações sociais, sempre partindo de um enfoque humanístico para não converter os atingidos em novamente atingidos por nós.

Pontos de partida

- memória histórica: cada vez que trabalhamos com uma sociedade, com uma instituição, o primeiro fator que avaliamos, que estudamos atentamente, é a memória histórica. Por acaso, temos trabalhado com distintas culturas, e a memória histórica nos tem dado a certeza de essa ser a linha de ação mais adequada, ainda que nunca cheguemos ao ideal.

– desenvolvimento técnico-científico: a Psicologia é uma ciência independente, mas não pode ser alheia ao mundo e ao desenvolvimento técnico-científico.

– mudanças da sociedade cubana: essas têm sido levadas em conta, pois as emergências e os desastres não são os mesmos de quinze, dez ou três anos atrás. Os problemas e as necessidades vão aparecendo e exigindo da Psicologia como profissão, como ciência, novos desafios, diante dos quais trabalhamos paulatinamente.

O psicólogo cubano, antes de 1959, era formado numa pequena escola religiosa em Havana. Os psicólogos eram contados nos dedos. Em 1960, na Universidade da Havana, é organizada a primeira faculdade; em 1962, na Universidad Central de las Villas; em 1990, na Universidad de Oriente, e hoje em todas as universidades do país, pois há uma grande demanda, um grande prestígio da profissão e o reconhecimento de que essa profissão pode ajudar em muitos aspectos em geral, e, em particular, no tema das emergências e dos desastres.

Preceitos

– a Psicologia da educação e da cultura: é uma especialidade no nosso país, que se desenvolveu bastante nos anos 60 e 70.

– a Psicologia da saúde, nos três níveis do Sistema Nacional de Saúde: o termo “Psicologia da saú-

de” surgiu em Cuba, em 1968, antes de aparecer nos Estados Unidos, em 1974, ano em que surgem em Cuba, nas políticas sociais, os policlínicos comunitários.

– investigações dentro das doenças crônicas não-transmissíveis, quando surge o conceito do quadro interno, o quadro subjetivo da doença: os colegas podem dizer que, se não é em todos os desastres que a pessoa adocece, por que falar de problemas de saúde? Na verdade, a saúde humana é muito mais que a doença, e as doenças crônicas são modificadas em situações de desastres. Nós temos utilizado essa experiência cubana para desenhar programas de educação e atuação.

– pacientes críticos e transplantes: é muito importante a experiência cubana, e sabemos que no Brasil também, a do paciente crítico e a dos transplantes, porque aqui vemos elementos psicológicos do manejo do doente, da família, a equipe de saúde e a comunidade.

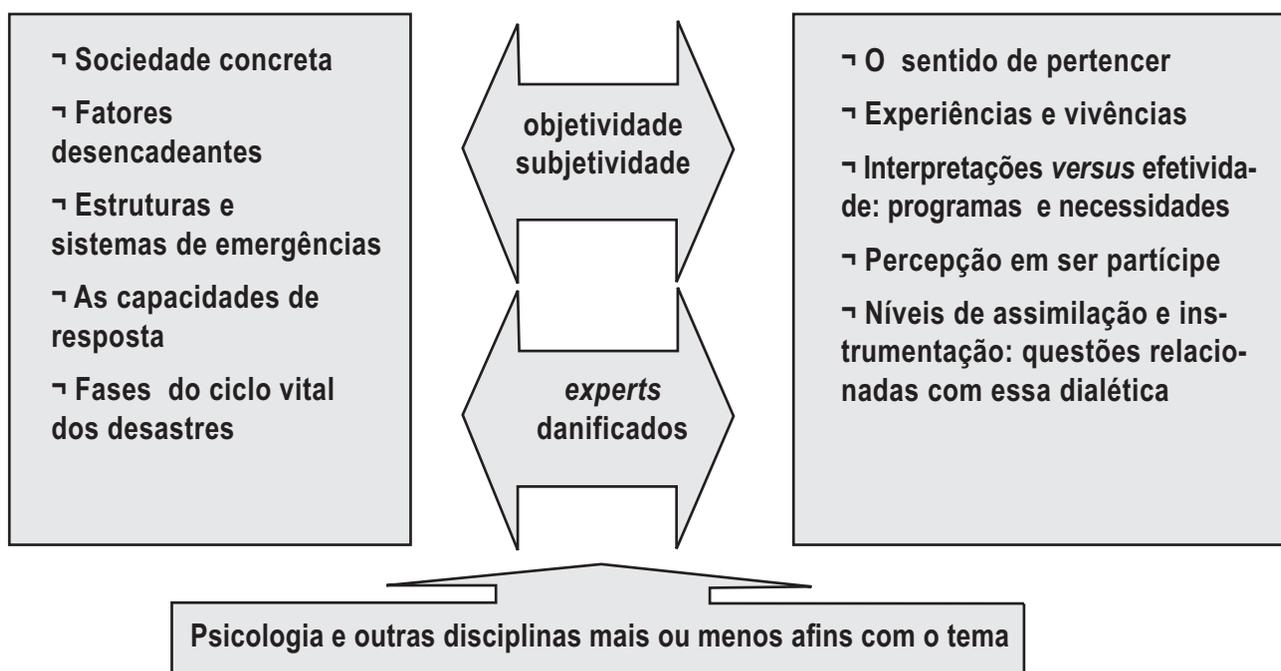
– AIDS: é um programa muito conhecido no Brasil. A experiência dos colegas cubanos, que participam também em outros grupos, tem sido utilizada.

– avanços da Psicologia em outras áreas: atualmente, é muito difícil definir uma área na qual a Psicologia cubana não esteja imersa.

Todas essas experiências são retomadas e readaptadas para o campo das emergências e dos desastres.

Que modelos oferece a Psicologia cubana? Temos algo para somar, para contribuir?

Em primeiro lugar, partimos do ponto de vista de que desastres não são somente ciclones, furacões, terremotos. Há muitas situações da vida cotidiana que o psicólogo sabe que são desastres para as famílias: quando recebe o comunicado que uma criança morreu, um acidente de trânsito, diagnósticos de câncer, doação de órgãos, o divórcio, os maus-tratos, a violência, etc. Esses aspectos têm passado por estudos, em distintas comunidades, para que elas delimitem qual é a especificidade psicológica de uma situação para dizer se é ou não um desastre, uma emergência, ou uma catástrofe, conceitos que, de uma maneira ou de outra, têm sido discutidos.



Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Este gráfico é chave. Quando elaboramos a atividade de prevenção e alguns programas, partimos da dialética em situações críticas e extremas. Essas três situações (emergência, desastre e catástrofe) têm um caráter extremo, crítico, e aqui acontece uma contradição: teoricamente, hipoteticamente, do lado direito, estão os objetivos, os aspectos que todos conhecemos e dominamos; no outro extremo, está o subjetivo, os pobres atingidos, os desgraçados, as vítimas, os estigmatizados. Mas nós, os supostos *experts*, também pertencemos a comunidades. Então, o que vemos aqui é uma dinâmica de interação entre a objetividade e a subjetividade humana. Quando discutimos com os gestores, os executivos, chamamos a atenção para esse aspecto. Eles estão aqui, mas têm família, ou seja, os médicos que trabalham nos serviços de urgência, os bombeiros com os quais temos aprendido muito, ainda que sejam os mais bem preparados, também têm família. Não vou citar nomes, mas muitos países muito bem preparados têm falhado subjetivamente, porque ignoram o componente psicológico e social como uma disciplina que tem muito a contribuir para esse aspecto.

As emergências e os desastres vão atuar, direta e indiretamente, sobre grupos de pessoas que podem se transformar em desabrigados e que estão em comunidades concretas, das quais onde é preciso fazer sempre uma análise biológica, psicológica e social, e, nos últimos anos, do meio-ambiente, pois esse conceito, hoje, é diferente do de cinco anos atrás.

As emergências e os desastres já existem, e este é só um processo. Nossa tendência é analisar o durante. A vida, aparentemente, é uma linha reta. Todos pensamos que a vida cotidiana seja estável. É como o mar, ou como as montanhas. Essas emergências e esses desastres vão atuar, com intensidades diferentes, segundo a vulnerabilidade, segundo os fatores de risco, sobre as comunidades, e vão provocar uma ruptura no cotidiano, no ciclo vital. Existem muitas teorias sobre quais são os fatores que nos permitirão prognosticar em que medida essa ruptura vai acontecer. O que é real é que existe uma ruptura. O que pensávamos, há cinco ou dez anos, era que essa ruptura fosse fatal, traumática para todos, que as pessoas se transformavam em doentes psiquiátricos. Hoje sabemos que não é assim. Essas são apenas algumas variáveis, pois sabemos que hoje já existem 140 ou mais possíveis comportamentos psicológicos em situações de desastres.

Quais são os componentes que a Psicologia deve trabalhar? Infelizmente, a ênfase maior está nos aspectos afetivos, nas emoções. Mas o ser humano não é somente emoções. Existem também os aspectos cognitivos. A Psicologia social comunitária, a Psicologia organizacional, a Psicologia ambiental e muitas outras áreas da Psicologia sabem que o aspecto cognitivo é muito importante. Nós damos a ele maior peso, e, nos últimos anos, temos feito muitas pesquisas sobre a percepção sensorial. Do nosso ponto de vista, é o mais importante a se levar em conta na preparação e atuação em desastres. Do resto, sabe-se muito. Infelizmente, esquecemo-nos do primário, da percepção sensorial. A primeira que vem à tona, numa situação de desastre, é a percepção sensorial; depois a pessoa começa a analisar o que ocorreu e a dizer que está triste e tudo o mais, mas o básico é a percepção sensorial.

Conceitos:

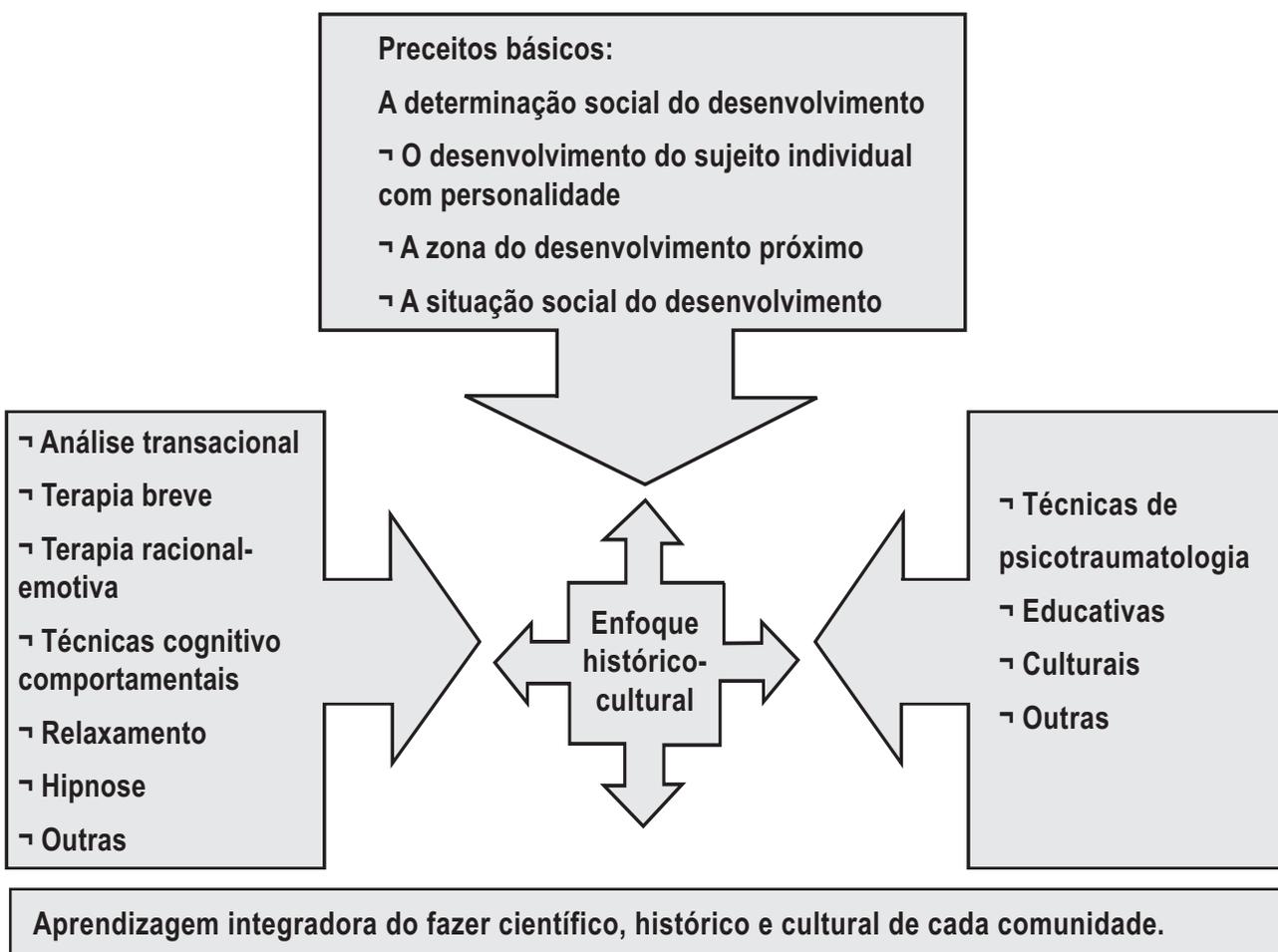
- » Vitimização
- » Desordem psíquica
- » Transtornos psiquiátricos
- » Saúde mental
- » Psicossocial
- » Psicoemocional
- » Estress
- » Psicotraumatologia
- » Afetado-implicado
- » Danificado

Todos esses conceitos têm sido usados em Cuba, mas não adicionamos nada novo a nenhum dos conceitos que existem em outros países. Em diferentes etapas, começamos com diferentes conceitos. Atualmente, damos muita importância aos aspectos psicoemocionais, ao estresse. Estamos trabalhando em diferentes comunidades, com tipos distintos de desastre, a fim de verificar quais situações, nessas comunidades, causam mais ou menos estresse, mais ou menos sofrimento humano, que possa chegar a se transformar num trauma psicológico.

Estamos trabalhando também em programas para que as comunidades chamadas, em Cuba, de Conselhos Populares de Defesa, possam identificar quais pessoas podem ser afetadas ou envolvidas e que irão se transformar em danificados nos diferentes tipos de desastre.

É muito importante saber identificar quais situações, em cada comunidade, são consideradas desastre. É um processo psicológico, e todos esses modelos são importantes, desde que aplicados adequadamente à cultura de cada comunidade, de cada país.

Nós damos muita importância ao conceito de cultura. Os latinos pensam que a cultura é a dança (samba, salsa), mas a cultura é muito mais que isso. A cultura é o conjunto de conhecimento, das riquezas individuais de uma pessoa numa comunidade. Qual é a cultura em desastres? Não é somente sofrimento, por isso sabemos que as comunidades não entram em choque, por isso sabemos que não é esse estresse pós-traumático do qual falavam há mais de vinte anos. Existem, em Cuba, programas coordenados pela defesa civil para desenvolver a cultura dos desastres. Quando ocorre um desastre ou uma emergência, há uma transição dessa cultura que vai ao que se pode chamar de uma cultura crítica ou uma cultura traumática. Nossa aspiração é uma cultura recuperada, mas, principalmente, readaptada. O sofrimento não é sempre negativo. As comunidades crescem muito mais do que pensamos.



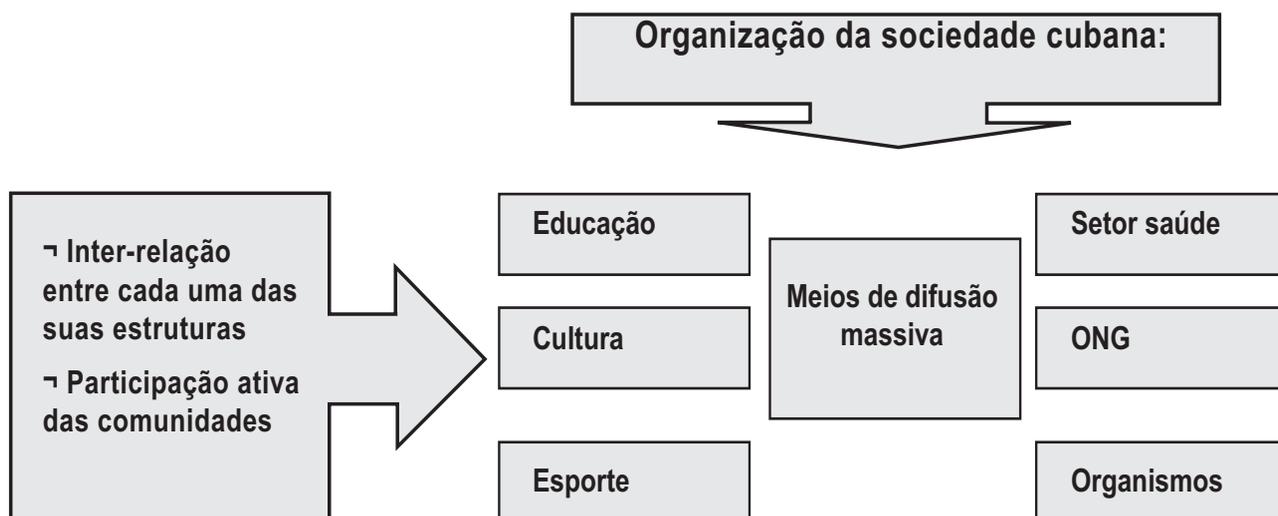
Todas essas teorias são muito boas, mas há que se tomar delas o que é adaptável a cada situação.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Nossos programas de ajuda são programas de solução de problemas. Cometemos o erro, às vezes, de ajudar e fazer pelo outro. Ajudar não é substituir. Os programas devem possuir mecanismos que gerem no indivíduo, na família, nas escolas, nas comunidades, capacidades de descobrir soluções próprias, seguindo todos os conhecimentos que existem nesse aspecto.

O que é a defesa civil cubana? É um sistema de medidas defensivas de caráter estatal. Diferentemente do Brasil, em Cuba, existe defesa civil em todas as cidades. Duas vezes por ano, há exercícios nacionais. Este ano, os temas foram: a oeste, as grandes chuvas; no centro, o avanço do mar, e a leste, os abalos sísmicos. Esses exercícios são preparados com a participação de muitos especialistas, com lições aprendidas nas próprias comunidades.



Essa é a organização da defesa civil de Cuba. Acaba de ser publicada, em Cuba, uma nova lei de defesa nacional, depois de revisar a experiência dos últimos anos. Toda essa estrutura está relacionada. O eixo fundamental é a comunidade. Partimos de que o primeiro e mais importante ponto é a educação, a cultura. As entidades esportivas preparam determinados jogos e exercícios esportivos, e, como gostamos muito de esportes, nos albergues onde as pessoas vão morar, criam-se condições para o esporte. Os meios de difusão massiva são os psicólogos em potencial, aos quais há que se ajudar para que a informação seja educativa, e não psicotraumática.



Vamos mostrar como evoluiu tudo isso que expliquei.

Antes de 1990, a Psicologia das emergências e dos desastres existia, atuava, mas não havia ainda a necessidade de sintetizar. Essa necessidade surge quando a antiga União Soviética pede ajuda à comunidade internacional para ajudar os atingidos de Chernobyl. Desde essa data até os dias de hoje, Cuba organiza um programa médico e nós, o psicológico. Começa-se a dar os primeiros passos.

De 1990 a 1992, não lemos nenhum livro, nenhuma pesquisa sobre Psicologia das emergências e dos desastres. Aplicamos tudo isso que expliquei até agora no conhecimento científico cubano.

Em 1992, começamos, paulatinamente, a sintetizar o conhecimento cubano e algumas iniciativas que tomadas em outros países.

Em 1991, tivemos que atender um grupo de pessoas que, na antiga União Soviética, na Armênia, sofreram um terremoto. Em Cuba, não há terremotos, não havia centrais nucleares.

Em 1992, tivemos a oportunidade e o orgulho de trabalhar com a UFRJ, a UnB e, principalmente, com a Universidade Católica de Goiânia, quando tivemos que atender, em Cuba, um grupo de famílias atingidas pelo Césio 137. Aplicamos o mesmo programa de Chernobyl, readaptado às necessidades dessa comunidade.



Este desenho é o símbolo do programa humanitário de Tarará, e foi feito com base num concurso de desenho em 1996, aniversário de 10 anos do desastre de Chernobyl. Participaram cerca de 600 crianças, e esse foi o símbolo que integrou tudo o que as crianças queriam dizer. Esse símbolo não tem nenhuma representação de sofrimento e, para nossa surpresa, nos desenhos tampouco havia.

Atendemos, em Cuba, 24 mil crianças de Chernobyl.

Em 1992 e 1993, assumimos a tarefa de organizar um centro de preparação em nível nacional. Sabem que, em 1991, a Cruz Vermelha Internacional criou o Centro de Copenhague de Apoio Psicológico, ao qual, em 1993, Cuba se filiou.

De 1993 a 1998, começamos a estruturar diferentes programas, em diferentes comunidades, com diferentes grupos de especialidades. E tentamos estruturar todos aqueles programas que já havíamos elaborado em Cuba.

No ano de 1997, o vulcão de Montserrat entra em erupção. Quando houve um prognóstico exagerado de que a ilha iria desaparecer, propusemos ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha um programa de ajuda. Nosso programa obteve apoio e um grupo grande de pessoas foi a Cuba. Trabalhamos com um grupo dessas pessoas, ao qual aplicamos nosso programa, que já havia sido avaliado anteriormente.

De 1998 a 2000, não somente em Cuba, mas em muitos países do mundo, esse tema já está sistematizado. Começamos, então, a convidar personalidades de outros países.

O programa da Cruz Vermelha tomou maiores dimensões, apareceram mais recursos e, em 1998, o governo ucraniano nos pediu que organizássemos, naquele país, um programa similar ao que tínhamos em Cuba, a 9000 km de distância. Dirigiu-se àquele país uma brigada médica composta por pediatras, endocrinologistas, dermatologistas e psicólogos. Essa foi a primeira brigada médica. Já foram cinco brigadas.

São feitas, constantemente, reuniões para discussão, método esse aprendido com os brasileiros.

Anualmente, os *experts* cubanos e ucranianos se reúnem para saber o que foi feito cientificamente em cada especialidade e o que se pode melhorar para o próximo ano.

Desde 2001, trabalhamos no Centro Latino-americano de Medicina dos Desastres, que está registrado no Ministério de Saúde Pública e que está diretamente relacionado com o Centro de Referência e Informação de Desastres – CRID. Esse Centro tem um conselho consultivo, do qual participam todas as instituições de Cuba relacionadas com o tema dos desastres.

Esta é a página do CLAMED. Para nós, esta página é muito importante para que todas as instituições do país possam aproveitar o que é feito no mundo. Na parte inferior, há uma seção de saúde mental, na qual publicamos artigos, livros, etc. Ainda não temos muitos recursos, mas estamos trabalhando para melhorar.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Aqui mostramos alguns resultados que obtivemos. Criamos livros para as comunidades. Um livro foi criado com o projeto das crianças. Trabalhamos com os leitores de tabacaria, com os anciãos, com as grávidas, etc.

Em 2002, começamos a colaborar com a Federação Latino-americana das Emergências e dos Desastres do Peru.

Logo começamos a fazer intercâmbio com muitos colegas de diferentes países, aos quais agradecemos profundamente: União Soviética, Brasil, Argentina, Estados Unidos, Espanha, Fórum Mundial da ONU.

Se virmos a quantidade de eventos dos últimos anos e a quantidade de mortos nesses eventos, percebemos que são mínimos, mas um morto, em Cuba, representa mil mortos, pois essa morte poderia ter sido evitada com ações preventivas.

A formação especializada em recursos humanos para nós é obrigatória, do ponto de vista da Psicologia no tema dos desastres. Existe um programa que está sendo validado no país para que seja aperfeiçoado.

Queremos destacar que nosso enfoque não é novo. Obtivemos alguns aspectos teórico-metodológicos. Ressaltamos que o conceito mais importante é o treinamento histórico-cultural. Sem esses aspectos, qualquer atividade será muito superficial ou muito teórica e acadêmica. Os modelos de intervenção devem ser multidisciplinares, principalmente no período anterior ao desastre.

Trabalhamos para desenvolver elementos de um princípio que chamamos *amortecimento rápido e precoce do impacto*. Se a comunidade está melhor preparada, o impacto é menor.

No nosso país, há uma garantia de reconstrução por desastre: da casa, dos meios, etc., e todas essas propostas estão identificadas no plano de ação.

Nós podemos pensar que o que aconteceu na comunidade nunca aconteceu antes. Na América Latina é muito comum. Devido à situação histórica atual, sabemos que o futuro será bem pior. Por isso, temos que estar preparados e dar maior aplicação a todos esses conhecimentos básicos da Psicologia.

Já existem alguns conhecimentos e habilidades psicossociais específicos em desastres. Estamos trabalhando em diferentes comunidades, em diferentes tipos de desastres, para desenvolver essas habilidades a fim de poder minimizar a cada dia o caos, os fatores de risco, a vulnerabilidade e a ameaça. Devemos ser capazes de aplicar ao máximo os avanços tecnológicos para treinar e preparar melhor as comunidades.

Nosso enfoque é lembrar que cada pessoa é única, e que devemos levar em conta o caráter dinâmico e rápido desses fenômenos.

Para concluir, existe uma experiência internacional de milhares de anos, desde que a humanidade existe, que tem que ser conhecida. Tudo isso é convertido em antecedentes que nos levarão a ter nossa própria experiência de profissionais, de comunidades, de país, de América Latina.

Fazemos um chamado e estamos disposto a compartilhar nosso enfoque preventivo do ciclo vital.

Obrigado.

As construções teóricas e práticas sobre os conceitos de emergência e desastres

Susana Chames de Rozen

Psicóloga membro do Grupo Internacional *Líderes em Saúde, Desastres e Desenvolvimento* - OPS/OMS; co-fundadora e Presidente da Sociedade Argentina de Psicologia das Emergências e dos Desastres

Bom dia a todos. Estou muito feliz por poder estar hoje aqui. Apesar de não saber falar português, vou tentar me fazer entender em espanhol. Vou tentar compartilhar com vocês alguns dos conceitos que foram sendo construídos ao longo da história sobre emergências e desastres.

Há 4000 anos...



os desastres naturais têm sido a preocupação do homem



- modo de conceituar
- modelo de interpretação dos riscos
- pesquisa de uma estratégia para seu domínio

Ao pensarmos na evolução do ser humano, vemos que ele esteve sempre muito preocupado pelo com o das emergências e dos desastres, mas poderíamos dizer que sempre pensou nos desastres naturais. Pensava como aconteciam para poder pensar no que fazer. Podemos dizer que os desastres naturais, que foram sempre a preocupação do homem, tiveram sempre um tipo de conceito, tiveram um modelo de interpretação do risco e, em função disso, a busca de uma estratégia para a dominação.

Relação causa - efeito

As primeiras respostas ao risco que implicava o excesso de água



controle sobre a natureza



construindo zonas áridas sobre o rio Nilo, o Tigre e o Eufrates

As primeiras tentativas de responder aos desastres tentavam responder ao excesso de água, às inundações, às grandes chuvas, e pensou-se, nessa situação, que seria necessário exercer um controle sobre a natureza. Que estratégia surgiu? Foram construídas zonas áridas sobre o Nilo, o Tigre e o Eufrates, e assim se neutralizaria o excesso de água.

Podemos pensar que, nesse tempo de conceito dos desastres, diante uma situação era pensado um efeito a essa situação, que era a neutralização do problema.

Nessa modalidade, temos que pensar que não havia a intervenção de equipes multidisciplinares, que era uma área relacionada com os desastres de grupos que não estavam sistematizados em diferentes relatos.

Preparação da resposta - salvar vidas e bens

1930 - engenharia meioambiental

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Consciência dos perigos de corrosão da terra e dos dilúvios**Plano para controlar as águas do dilúvio****Extremos geofísicos são a causa dos desastres: a natureza, culpável****Previsão dos fenômenos naturais**

O tempo nos permite observar que, por volta do ano 1930, apareceu o conceito oferecido pelos engenheiros meio-ambientais, que começaram a ter consciência dos perigos que os desastres traziam ao mundo. Diante disso, buscaram novamente um plano para controlar as águas do dilúvio.

Em extremos geofísicos, como nas causa de desastres, opinaram que a natureza era a culpada.

Pensaram que deveria existir a possibilidade de prever esses fenômenos naturais. Somente antes dos desastres, podia-se pensar que haveria alguma possibilidade de saber quando iriam acontecer. O que era feito, em função disso, era para salvar vidas e bens.

Um avanço em relação ao conceito anterior era localizar, num fenômeno natural, a ocorrência de um desastre e, em função desse impacto, tinha que se pensar como salvar os bens e as vidas das pessoas.

Década de 70: contribuições das ciências sociais**Os excessos da natureza geram sempre um desastre?**

Na década de 70, incorpora-se ao conceito dos desastres, o discurso da ciência social. Esta se pergunta se os excessos da natureza geram sempre um desastre e de que ordem ele é. Quando observamos essa situação, vamos perceber que há o impacto do desastre natural, mas vamos observar também que a forma de construção da casa e a sua localização também influenciam.

Ao pensarmos a ordem da ocorrência de um desastre, podemos considerar o que nos diz Allan Levell, que é uma pessoa que lida com esse tema, e vai dizer que as conseqüências do desastres estão estreitamente relacionadas com os efeitos que produzem as modalidades de desenvolvimento quando estas geram vulnerabilidades.

“As conseqüências dos desastres estão estritamente relacionadas com os efeitos que produzem as modalidades de “desenvolvimento” quando estas geram vulnerabilidade”.

Allan Levell

“A vulnerabilidade, diante dos excessos da natureza, não é de caráter nem de origem “natural”; é de caráter e origem social”.

Observamos essa mulher, que passou por uma inundação, imersa na água que lhe chega aos joelhos, cuidando da filhinha. Poderíamos perguntar se o desastre para ela começou na inundação. Temos que nos perguntar se essa situação de vulnerabilidade não existia antes da inundação. Ela mora num lugar onde os rios transbordam, ou é uma zona muito baixa onde a água vai subir rapidamente e inundá-la? Ela ficou sem poder se relacionar com outros, sem poder ficar na sua casa.

Então podemos dizer que a vulnerabilidade diante dos excessos da natureza não é de caráter nem de origem natural. É de caráter e de origem social.

Os desastres que nós chamamos por muito tempo de naturais indicam que há uma participação da natureza, que aparece como um excesso, como um impacto numa sociedade, mas, certamente, esse impacto irá se converter em desastre de acordo com o lugar em que aconteça.

Sem dúvida, numa sociedade em que as pessoas moram ao lado de um rio que pode transbordar,

essas pessoas serão as primeiras atingidas de uma situação que é normal. Podemos pensar que um rio pode aumentar seu volume.

Mas por que essa situação se converteria em desastre? Ao lado do rio, há pessoas morando, há casas construídas. Depois vamos perguntar por que algumas pessoas constroem suas casas ao lado de um rio que pode transbordar.

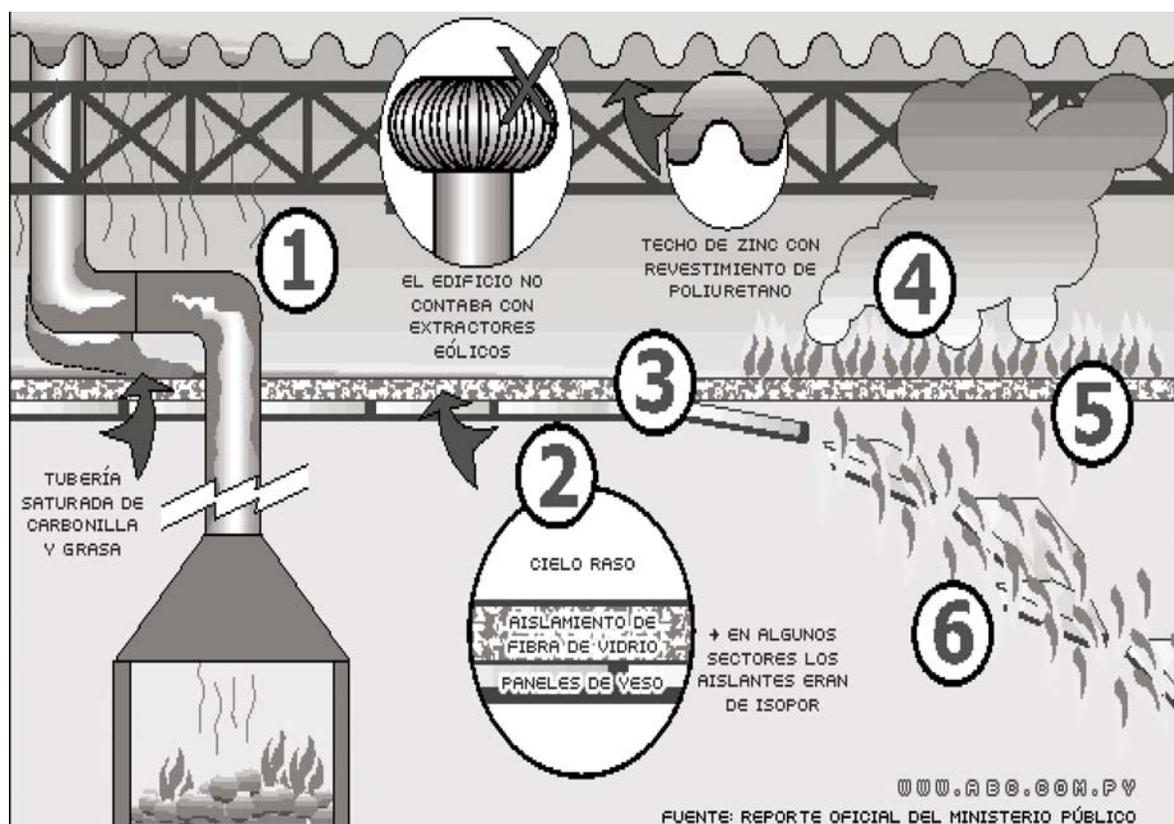
O desastre é de ordem social. E qual é o entorno social em que estamos vivendo? Vivemos em tempo de precariedade, de explosão, de não-percepção de risco. Em geral, consideramos que as situações acontecem com outras pessoas e em outros países. Estamos, às vezes, quase certos de que não vai acontecer conosco.

Em pesquisa feita em hospitais de Buenos Aires sobre a possibilidade de ocorrência de situações de emergência dentro do hospital, tais como um incêndio, um curto-circuito ou um desabamento, a maioria (80%) respondeu que, no hospital, não era possível acontecer alguma dessas situações.

Então, podemos dizer que a não-percepção do risco e a predominância da negação são mecanismos para evitar a angústia. Como diz a canção de Manuel Serrat, "nunca é triste a verdade quando não há remédio". Isso quer dizer que, se enfrentamos a possibilidade de ocorrência de um desastre, temos que estar preparados, temos que saber o que fazer. E, na maioria das vezes, o ser humano se acha frente à sensação de não ter recursos para agir. É por isso que evitar enfrentar essa angústia nos faz subestimar a possibilidade de nos acontecer alguma coisa.

Partindo do ponto de vista de que os desastres estão relacionados com as modalidades de desenvolvimento social, do ponto de vista de que esses fatores são os que determinam as características deste tempo social, podemos dizer que estamos num tempo que é propício à ocorrência dos desastres.

Incêndio Ycua Bulamos – Paraguai, 1º de agosto de 2004



Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Este gráfico nos permite começar a pensar quais fatores participam da ocorrência de desastres. Nós sabemos que não há detecção de hipóteses de risco, que se subestima o que pode constituir um risco. Este gráfico mostra de que forma começou o incêndio no Shopping de Ycua Bolaños, no Paraguai, em 2004. O gráfico mostra que, em todos os andares, como em todos os shoppings, havia lugares que preparavam a comida. Observamos que nesse encanamento, que seguramente era o de um fogão, havia uma única complicação (que deveria ter sido considerada dessa forma): um encanamento saturado de brasa e gordura. Poderíamos imaginar que um encanamento saturado de brasa e gordura poderia ser o causador de um incêndio que tirou a vida de 400 pessoas? Um encanamento saturado de brasa e gordura impossível de enfrentar? É um risco alheio à possibilidade de enfrentá-lo? Entretanto, certamente, foi subestimada a gravidade dessa situação. Quando nós chegamos, um grupo de profissionais da nossa sociedade, fomos como uma equipe de ajuda da missão argentina, foi um impacto muito forte ver que todas as quadras ao redor do shopping estavam velando membros da família, ver que 40% das vítimas eram crianças.

Além das causas naturais, podemos dizer que a intolerância das diferenças e a instalação de conceitos fundamentalistas, características de nossas sociedades, também contribuem para desastres e emergências. Parece que não é possível conviver com diferenças religiosas, com diferenças conceituais sobre a vida, tomando como exemplo a queda das torres gêmeas como a queda mais simbólica de um modo de organização da nossa sociedade, que pode ser a segurança. A queda das torres gêmeas pode ser considerada a queda da possibilidade de um mundo seguro, um mundo organizado sob a OEA.

Esse é o teto do shopping paraguaio. Essa foto foi tirada momentos depois do incêndio. Entre as causas que intervêm na ocorrência de desastres, podemos colocar também a falta de capacidade para agir nessas situações.

Disse há pouco que a coifa cheia de gordura foi a principal causa desse incêndio, mas o que agravou as conseqüências, o que aumentou o número de vítimas, foi que a maioria das pessoas que estavam no shopping desconheciam as conseqüências de um fogo que não estava perto delas. Observavam o fogo e, por se considerarem longe da possibilidade de serem atingidas por esse fogo, não saíram dos lugares, e a maioria dessas pessoas morreu sentada, envenenada pela contaminação do ar.

Essas situações, que, às vezes, acreditamos que não podem acontecer num shopping, numa escola, num supermercado, num cinema, não nos levam a capacitar todas as pessoas que trabalham nessas instituições e que serão as primeiras a dar algum tipo de indicação do que fazer frente ao que está acontecendo.

Fatores humanos que intervêm na ocorrência de desastres:

- conceitos socioculturais;
- modalidades de organização social;
- falta de equidade na organização social e
- falta de capacidade para atuação diante de uma emergência.

Não saber o que fazer diante da dimensão dos desastres aprofunda a crise. O medo e o pânico anulam a reflexão.

Há alguns anos, num hospital de Buenos Aires, um bisturi produziu uma faísca. A paciente que estava nessa sala estava coberta por uma solução inflamável, que estava lá para desinfetar. Essa mulher morreu com 80% do corpo queimado. Podem imaginar como uma faísca e o álcool que cobria o corpo da mulher causou um incêndio que queimou 80% do corpo de uma pessoa?

A primeira coisa que podemos dizer é que as pessoas que ali estavam nunca imaginaram que poderia ocorrer um incêndio nesse lugar. O impacto dessa situação fez com que algumas pessoas saíssem da sala para buscar ajuda, outros procuraram o extintor de incêndio, outros ficaram paralisados.

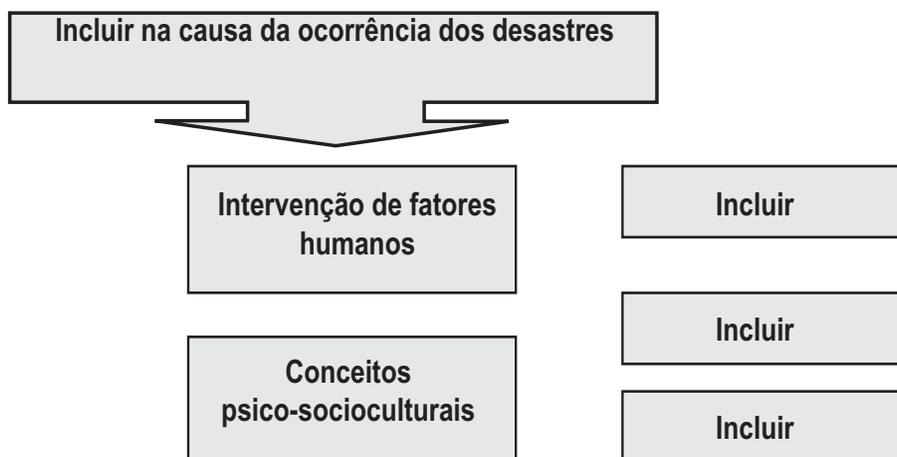
Nessa mesma ocorrência, parte dos o curso estudantes de instrumentação médica não continuaram o curso devido ao impacto causado por esse fato.

Podemos dizer que essas situações provocam um impacto emocional de difícil processamento no aparelho psíquico, um impacto que bloqueia tudo e começa um tempo em que parece não acabar mais.

O conceito dos desastres inclui:

- a consideração dos fatores humanos e socioculturais que intervêm na ocorrência de desastres. Poderemos superar a oposição de desastres naturais ou gerados pela mão do homem;
- a gestão integral de um desastre é a organização dos desastres que marca um antes, um durante e um depois;
- a composição de equipes interdisciplinares; não são somente engenheiros, ambientalistas, integrantes da defesa civil, mas também profissionais da saúde mental e das ciências sociais têm muito a acrescentar na gestão integral dos desastres.

Participação da saúde mental na gestão dos desastres



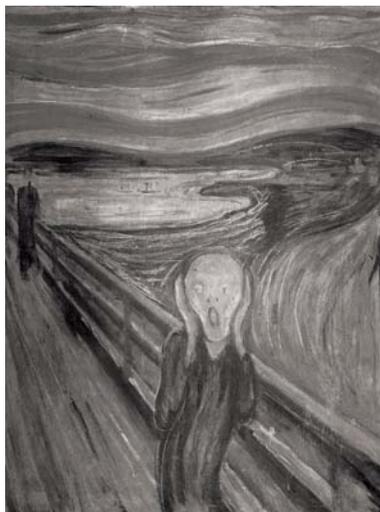
Devemos buscar técnicas e mecanismos para incluir na cultura humana. A sociedade argentina tem pouco apego às normas. Há uma valorização da transgressão que constrói o perfil do *porteño*. O *porteño* se orgulha, às vezes, por não ter cumprido alguma norma. Em dezembro de 2004, em Buenos Aires, aconteceu um incêndio na boate Cromagnon, onde havia um número muito grande de jovens. A capacidade da sala era de 1000 pessoas, e, nesse dia, entraram 3000 pessoas. Esse incêndio tirou a vida de 200 jovens e 1000 sofreram graves conseqüências. Isso causou a queda do chefe do governo de Buenos Aires. Nem mesmo essa situação contribuiu para mudar a conduta da nossa sociedade.

É nossa função pensar como agir, a longo prazo, para modificar condutas de risco que não foram consideradas como tais. Se ficarmos alheios a esse fato, perderemos de vista a meta de trabalhar para modificar as condutas de risco nas sociedades nas quais vivemos. É também nossa função influenciar a educação, pois sabemos que não é um aviso de "proibido" que faz com que as pessoas mudem sua conduta. Não é apenas a informação dos riscos que modifica nossa conduta. Temos que fazer com que cada um tenha consciência da sua participação nessas situações para poder modificar, a longo prazo, a cultura de nossas sociedades, que estão muito afetadas pela não-percepção do risco, por subestimar a conseqüência dos riscos.

Temos que trabalhar para que não haja desastres, porque essas situações deixam marcas nas nossas sociedades muito difíceis de serem apagadas, superadas. Por isso, a participação de profissionais de saúde mental na atenção das conseqüências do impacto em nível individual, familiar, social e das equipes de intervenção será um eixo no qual devemos nos basear.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras



Para terminar, mostramos o quadro “O Grito”, pintado por Edvard Munch. Esse artista pintou a lembrança de uma explosão vulcânica ocorrida na ilha de Ktakatoa, Indonésia, muito longe de onde ele estava, mas que criou um crepúsculo avermelhado na Europa de novembro de 1883 a fevereiro de 1884. Isso é uma mostra da consequência que os desastres têm nas sociedades e que não é preciso estar no lugar da ocorrência para se sentir afetado por essa situação.

Acreditamos que esta atividade de hoje será o começo de um trabalho que os profissionais de saúde mental começarão a construir. Acho que o esforço que estão fazendo hoje de realizar esse evento ajudará a compartilhar experiências e a conseguir uma integração latino-americana para evitar emergências e desastres.

Obrigada.

Roberto Bastos Guimarães

Mestre em Engenharia Civil

Coordenador do Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da UFBA

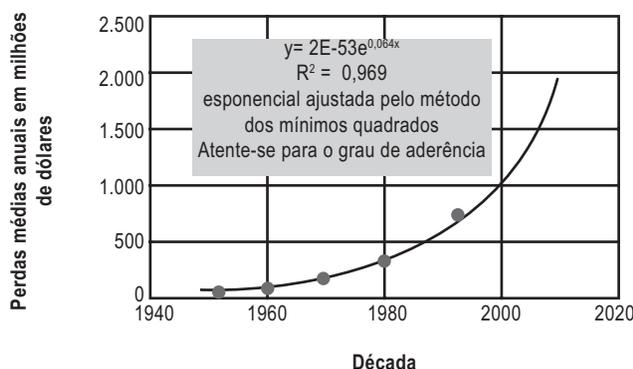
Gostaria de parabenizar o Conselho federal de Psicologia e a Secretaria Nacional de Defesa Civil por este evento, porque isso nunca é demais parabenizar. É mais um setor da sociedade civil aderindo a esses esforços. Também quero agradecer a comissão organizadora, ao Marcus, a Ana Bock, a Daniela, pelo gentil convite para compartilhar esta experiência com vocês, o que tem sido muito bom.

Sumário

- Importância dos desastres
- Conceitos
- Risco
- Vulnerabilidades
- Gestão de risco
- Tipos de desastre
- Formação de desastres
- Questionamentos

Importância dos desastres**Gastos com desastres naturais, sendo a maioria nos países desenvolvidos**

Dados do PNUD (2004), retrabalhados para esta apresentação



Esta curva mostra, na horizontal, as décadas, e, em cima, as perdas médias anuais em bilhões de dólares. Essas perdas são em infra-estrutura física, perda de recomposição de um pavimento, de recomposição de luz, de água. Não são contadas as horas paradas, a produção, não é contada o investimento do setor privado. É investimento de infra-estrutura física. Esses dados são da ONU, e, no trabalho que apresentamos para a defesa civil do Estado da Bahia, trabalhamos esses dados e colocamos uma equação em que eles fossem ajustados, no caso, aquela equação exponencial que tem um $R^2=0,96$, o que significa um grau de ajustamento. Em economia, um ajustamento de 0,60 é ótimo. O significado de 0,96 é quase uma lei física. Então, essa exponencial tem um grande significado. E, para se ter uma idéia, contei uma pequena história para vocês. Dizem que um rei da Índia estava muito deprimido e nada conseguia arrancá-lo de seu estado de depressão. Apareceu alguém com um jogo e mostrou-o ao rei, que se entusiasmou e recuperou-se através do xadrez. Então, ele disse ao homem que queria lhe dar um presente. O homem respondeu que não queria nada, mas o rei tanto insistiu, que ele disse: "O tabuleiro está aqui. São 64 casas. Eu queria que o senhor colocasse um grão de trigo na primeira casa, dois na segunda, quatro na terceira, oito na quarta, até chegar à 64ª casa. "O rei riu, pensando na modéstia daquele homem, e mandou calcular os grãos. Os sábios, após o cálculo, com semblantes graves, disseram que era impossível dar o que o homem pedia. O rei disse: "Mas como? É apenas um punhado de trigo!" Os sábios diziam: "Majestade, fizemos os cálculos. A Índia toda não produz isso". E até hoje, se formos fazer esse cálculo, chegaremos a vários metros de trigo cobrindo toda a terra. É um número de 18 Algarismos.

A curva vai subindo lentamente, como temos no gráfico: uma curva exponencial. Então, até agora, os gastos são de U\$ 600 milhões, e isso nos países desenvolvidos, ou seja, esse sistema de produção é insustentável. O nosso desenvolvimento, se continuar dessa maneira, por esse processo indutivo, sem o qual não se faz ciência, tornar-e-á realmente insustentável.

Conceitos

Tentei agrupar alguns conceitos. A defesa civil coloca, positivamente, uma bibliografia abundante na internet. O CRID também tem abundância de bibliografia. Mas, às vezes, o mesmo termo tem significados diferentes. Por isso, tentamos simplificar.

- Sinistro
 - Evento externo ao indivíduo ou grupo de indivíduos, que altera as condições causadoras de perturbações, danos, prejuízos, que sempre geram vítimas e podem até ser fatais. Ex.: uma batida de carro.

- Desastre
 - É o sinistro que ultrapassa a capacidade de resposta da comunidade afetada, que necessita de auxílio externo.

- Emergência
 - Sinistro que pode ser absorvido (tratado e superado) pela comunidade afetada sem necessidade de auxílio externo.

- Ameaças
 - Fenômenos naturais ou de origem tecnológica ou social que possam causar sinistros.

- Vulnerabilidade
 - Situação em que se encontram pessoas ou bens que permitam, com maior ou menor facilidade, a ocorrência de sinistros.
 - A vulnerabilidade varia de acordo com cada ameaça.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Exemplos de vulnerabilidades por subdesenvolvimento

- Concentração da população nas cidades
- Pobreza (estrutural e conjuntural)
- Concentração de população em áreas de risco
- Aglomeração e precariedade das habitações
- Deficiência no fornecimento de água e saneamento básico
- Deterioração das condições de saúde
- Desemprego e subemprego
- Deserção escolar
- Disparidade na distribuição da renda
- Falta de investimento em segurança

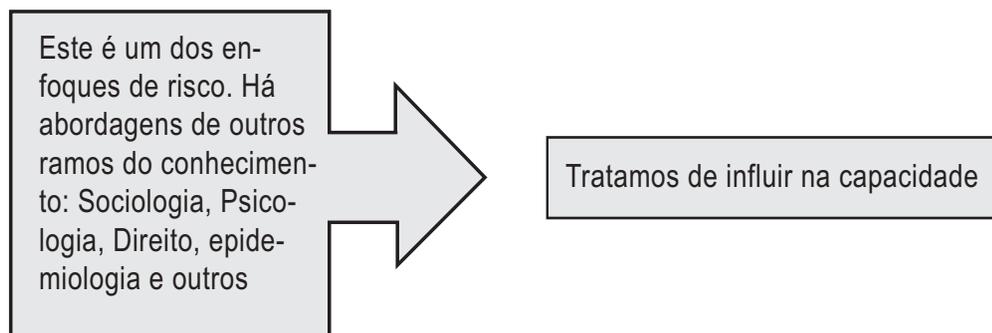
de Ville de Goyet (2003)

Conceitos

- A interação da ameaça e da vulnerabilidade, em determinado momento e circunstância, gera um risco.
- O risco é a probabilidade da ocorrência de danos com osurgimento do fenômeno esperado, num lugar específico e com uma determinada magnitude.

Risco

$$\text{Risco} = \frac{\text{ameaça} \times \text{vulnerabilidade}}{\text{capacidade}}$$



- Essa equação aqui apresentada é muito boa para resolver problemas de desastres, em suas três fases.

Situação atual

- Uma transição progressiva da resposta caso a caso (“apagando incêndios”) para uma visão integral;
- Muitas iniciativas valiosas locais ou setoriais com pouca coordenação;
- É mais fácil gastar muito para uma resposta pouco eficiente que investir para prevenir algo que poderia não ocorrer.

de Ville de Goyet (2003)

O ideal

Uma política nacional:

- Multissetorial;
- Que compreenda todos os aspectos desde a resposta até a prevenção;
- Que envolva todos os agentes: da comunidade e do setor privado;

- Que designe responsabilidades diferentes para ações de emergência e de desenvolvimento.
Fonte: de Ville de Goyet (2003)

Atuação na redução da vulnerabilidade

- Alteração das condições estruturais:
 - » Mudança das feições físicas;
 - » Treinamento de pessoal técnico;
 - » Educação da população;
 - » Renda (política a longo prazo).
- Compreensão das ameaças:
 - » Percepção dos primeiros sinais, evolução e término;
 - » Instrumentação de previsão e acompanhamento.

Fonte: de Ville de Goyet (2003), alterado para esta exposição

Alternativas para a mudança

- Incorporar a perspectiva da gestão de riscos como eixo transversal nas políticas públicas nacionais, estaduais e municipais.

- Avaliar o impacto socioambiental nos projetos de desenvolvimento.

- Incluir a perspectiva da gestão de risco no período de recuperação.

Gerar capacidades para enfrentar os riscos futuros associados à mudança climática.

- Melhorar a preparação e resposta frente aos casos de desastres, em relação aos riscos existentes na atualidade.

- Aprofundar os conhecimentos sobre a gravidade e a magnitude das ameaças, a vulnerabilidade e o impacto dos desastres.

- Profissionalização do recurso humano.

- Incorporar a temática de gênero.

Mudança cultural

Gestão de risco

Processo eficiente de planejamento, organização, direção e controle dirigido:

- à redução de riscos;
- ao gerenciamento de desastre e
- à recuperação de eventos já ocorridos.

Vide: http://www.disaster-info.net/LIDERES/portugues/04/pdfs/conceitos_gerais.pdf

Abordagem de enfrentamento dos desastres

Pré-requisitos:

- Determinação das ameaças
- Determinação das vulnerabilidades
- Análise da capacidade

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Gerenciamento:

- Determinação do risco
- Preparação para o desastre
- Redução do risco

Tipos de desastres

- Naturais
- Tecnológicos
- Complexos

Formação do desastre

Mesmo para os desastres naturais, uma parcela muito grande deles é formada a longo prazo. Em alguns casos, o desastre é intrínseco à natureza, mas, em outros, tem grande participação do homem, por isso a necessidade de chamar de desastres naturais e antrópicos.

Elementos contribuintes para o desastre

- Sistema produtivo
- Meio ambiente
- Assentamentos humanos

Sistema produtivo

- Poluição
- Alteração do meio ambiente
- Exploração rápida e predadora
- Tecnologia inadequada, não concebida em termos de sustentabilidade do meioambiente.

Podemos exemplificar com Volta Redonda, que, no século XIX tinha plantação de café. A mudança da vegetação e a não colocação de outra vegetação adequada provovou o que se chama de fluxo de detritos ou corrida de massa. Então, podemos identificar inúmeros pontos de corrida de massa. A água cai, por um mecanismo que a Engenharia não conseguiu detectar ainda, se liquefaz e desce. Há pesquisas sobre a possibilidade de ser a queda de uma árvore, um impacto, mas não há uma conclusão. No Rio de Janeiro ocorreu a corrida de massa, onde famílias inteiras foram para a Barra da Tijuca, por exemplo, e perderam todos os seus bens.

Então, o acidente é formado ao longo do tempo. Nós já temos conhecimento disso. Os plantadores de café não tinham idéia do que a lavoura do café geraria posteriormente, e, se formos pesquisar, encontraremos essa situação em todos os lugares.

Por exemplo, os abalos sísmicos. Na Itália, foi percebido que, onde havia barragens, aumentava o número de tremores, mas isso não ocorre com todas as barragens, só quando se localizam em lugares suscetíveis, com placas tectônicas ou outros elementos que contribuem para as ocorrências. Hoje, com o conhecimento atual, com satélites, é possível fazer previsões.

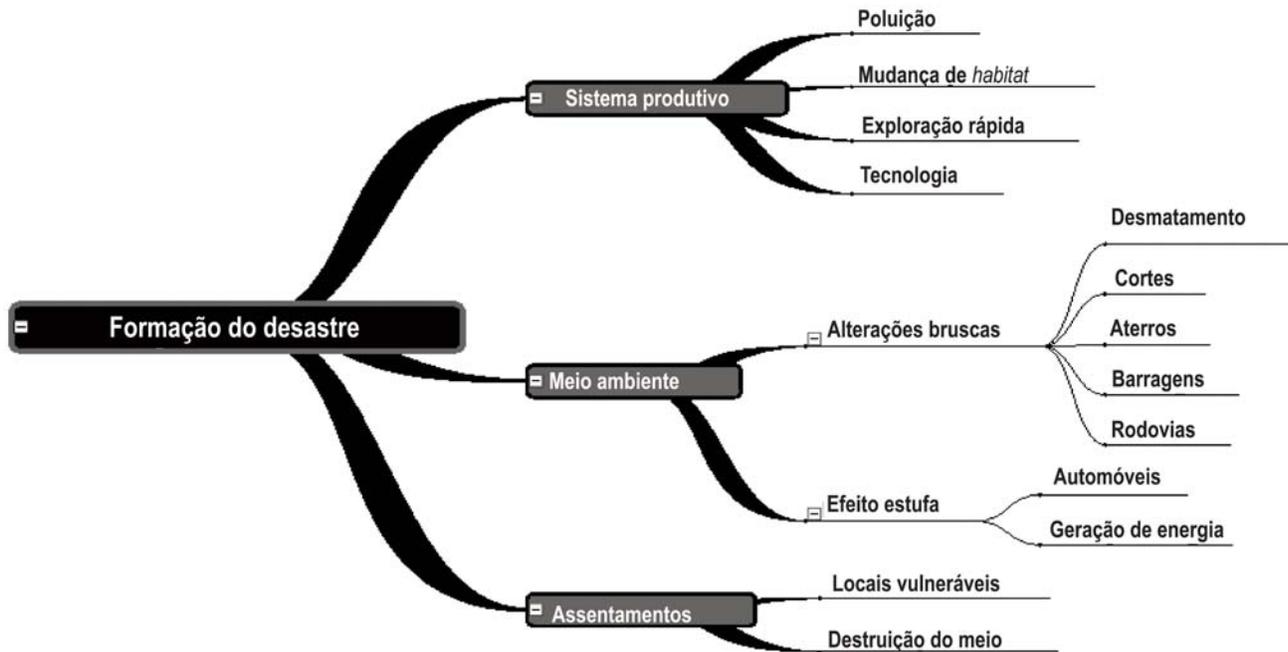
Meio ambiente**Alterações bruscas**

- Desmatamentos
- Cortes e aterros
- Barragens
- Rodovias

Efeito estufa

- Gases dos automóveis
- Geração de energia

Formação de desastres: resumo geral da contribuição do ser humano



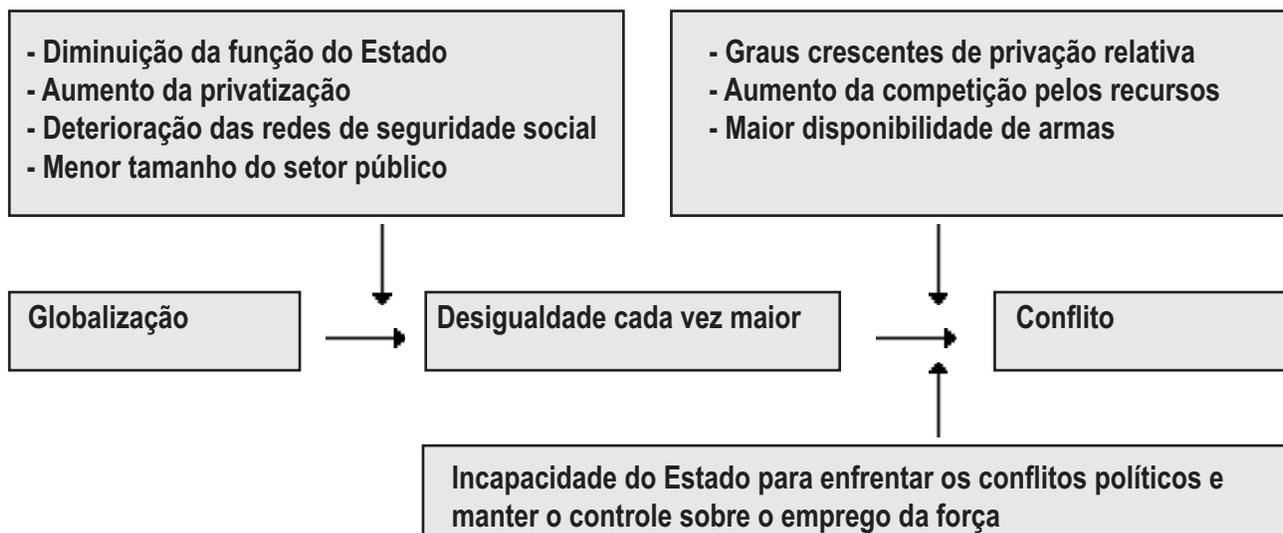
Assentamentos humanos

Locais vulneráveis (mais baratos)

Destruição do meioambiente em curto prazo – aprendizado (?) a longo prazo

Desastres complexos

Os sistemas complexos são as convulsões sociais. A ONU, em relatório, apresenta esta situação: possíveis vínculos entre a globalização, as desigualdades e os conflitos: guerras, por exemplo.



Indicadores para países em risco de colapso e conflitos internos

Indicador	Indícios
Desigualdade	Crescentes desigualdades sociais e econômicas, especialmente entre grupos definidos da população.
Características demográficas que mudam rapidamente	<ul style="list-style-type: none"> - Taxas elevadas de mortalidade infantil; - Mudanças rápidas na estrutura da população, incluídos os desalojamentos, em grande escala, de refugiados; - Densidade demográfica excessivamente alta; - Níveis elevados de desemprego, especialmente entre os jovens; - Abastecimento insuficiente de alimentos ou falta de água potável; - Disputas de terras ou de recursos ambientais entre diferentes grupos étnicos.
Falta de processos democráticos	<ul style="list-style-type: none"> - Violações dos direitos humanos; - Comportamento de delituoso do Estado.
	- Governos corruptos.
Instabilidade política	- Mudanças rápidas dos regimes.
Composição étnica do grupo governante drasticamente diferente da população em geral	<ul style="list-style-type: none"> - Poder político e econômico exercido – e aplicado de maneira diferente – conforme a identidade étnica ou religiosa; - Profanação de símbolos étnicos ou religiosos.
Deterioração dos serviços públicos	- Diminuição significativa do alcance e da eficácia das redes de seguridade social destinadas a assegurar as normas universais mínimas do serviço.
Grave declínio econômico	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento econômico desigual; - Ganhos ou perdas excessivamente desiguais entre diferentes grupos da população ou zonas geográficas como resultado de grandes mudanças econômicas; - Massivas transferências ou perdas econômicas em breves períodos.
Ciclos violentos de vingança	- Ciclo contínuo de violência entre grupos rivais.

Fonte: Carnegie Commission on Preventing Deadly Conflict. Preventing deadly conflict: final report. Nueva York, NY, Carnegie Corporation, 1997. Apud Informe Mundial sobre la Violencia y la Salud: Capítulo 8: La violencia colectiva

Casos de meninos-soldados em regiões de conflito

- Como assinala a Organização Mundial da Saúde, em sua contribuição para o estudo das Nações Unidas sobre as crianças-soldados, “O comportamento militarizado das crianças pode conduzir a um baixo grau de aceitação das normas da sociedade civil”.
- “As crianças que passam pelas etapas evolutivas da socialização e pela aquisição do juízo de valores de um entorno militar estão mal preparadas para reintegrar-se a uma sociedade não violenta. Adquirem uma auto-suficiência prematura, desprovida do conhecimento e das atitudes de discernimento moral, e não distinguem os comportamentos de risco, refletidos seja na violência, no abuso de substâncias psicotrópicas, seja na agressão sexual”.
- “Sua reabilitação se constitui em um dos principais desafios sociais e de saúde pública depois do conflito armado.”

Nossa situação: aonde vamos?

E os nossos meninos (de 8, 10 anos, com um “38” na cintura), armados, “guardiões dos traficantes”, como ficarão?

Questionamentos

- Além de nos prepararmos para o desastre, precisamos discutir as suas origens e formações para evitar outros?
- Profissionais de Sociologia e Psicologia têm produzido trabalhos sobre riscos de acidentes. Como fazer para que esses trabalhos sejam estendidos para desastres e sejam, também, levados à discussão por profissionais de outras áreas?
- Nossa situação de violência, praticamente em todo o Brasil, não exige uma atuação mais engajada do cidadão e do governo, numa atuação multissetorial?

Coloco meus e-mails à disposição rbg@ufba.br errebege@oi.com.br . Muito obrigado.

Mesa-redonda 2:
Psicologia das emergências e dos
desastres: uma área em
construção.
História e desenvolvimento

Psicologia das emergências e dos desastres: uma área em construção

História e desenvolvimento a partir da perspectiva chilena

Rodrigo Molina

Psicólogo formado pela Universidade Central do Chile; fundador da Sociedade Chilena de Psicologia em Emergências e Desastres; capacitador e instrutor em Psicologia das Emergências para voluntários do Corpo de Bombeiros do Chile.

Muito obrigado a todos os presentes. Quero fazer um agradecimento especial ao Conselho Federal de Psicologia pelo convite e por fazer possível minha presença aqui, com vocês.

Um agradecimento também muito especial aos novos colegas, o senhor Pimentel, Daniela e o major Carlos, que foram os que fizeram possível uma visita ao Corpo de Bombeiros aqui.

Sou bombeiro voluntário. Na verdade, no Chile, todos os bombeiros são voluntários. A primeira coisa estranha que vou dizer hoje é que não somos voluntários somente porque não recebemos nada, mas, principalmente, porque pagamos uma taxa mensal para sermos bombeiros. Curioso, mas é assim. Falo isso não somente para descontrar, mas porque tem relação com minha presença aqui neste momento. Como os bombeiros chilenos são voluntários, somos obrigados a ter outra profissão, que é o complemento do nosso trabalho como bombeiros. No meu caso, sou psicólogo. Comecei a ser bombeiro voluntário ao mesmo tempo em que comecei a estudar Psicologia. Isso acontece com todos os bombeiros voluntários, que têm outro ofício, outra profissão. E, no geral, esses bombeiros gostam mais de ser bombeiros do que de qualquer outra atividade. Então, o que eu fiz? Depois de quatro anos estudando Psicologia, encontrei uma forma de misturar as duas coisas: por um lado, minha carreira de bombeiro, por outro, minha carreira de psicólogo, e foi assim que cheguei à área da Psicologia das emergências. E isso é muito bom, porque, quando tenho a oportunidade de fazer palestras, relatorias, cursos, falo de fenômenos que acontecem nas emergências, mas não teoricamente, falo do que vejo sendo bombeiro. Isso é muito importante.

O que vou fazer é tentar, em poucos minutos, contar para vocês qual é a visão que temos da Psicologia das emergências no Chile, como diz o título “Uma área em construção: história e desenvolvimento a partir da perspectiva chilena”.

Angela Coêlho fez uma relação de estudos muito completa da história da Psicologia das emergências e dos desastres, mas eu vou me concentrar em pontos mais importantes para nós, chilenos.

Primeiros estudos

- Guerras mundiais
- Estresse pós-traumático: fadiga de batalha, neurose de guerra, *flashbacks*
- Estudos de Quarantelli, 1959: medo e pânico

Os primeiros estudos de que se têm registro têm a ver com as guerras mundiais, principalmente o fenômeno que se deu nesse tempo, como o estresse pós-traumático, conhecido também como fadiga de batalha, neurose de guerra e *flashbacks*. Podemos dizer que esse tipo de ocorrência, na História, é o primeiro fenômeno psicológico que começa a ser estudado. Há também o estudo do professor Quarantelli, que falou do medo e do pânico. Esse assunto tem a ver com a diferenciação que todos temos que fazer entre o que é medo e o que pânico. Em geral, a comunicação de massas sempre fala de pânico, mas os estudos de Quarantelli mostram que o pânico, ao contrário do que as pessoas pensam, é totalmente improvável. O mais provável é ter pessoas com ataques de medo. Qual é a diferença? O pânico tem a ver com uma resposta de não-adaptação à situação, adaptação que você precisa ter para resolver essa situação. Em geral, trata-se de uma pessoa que não está pensando claramente, e, por isso, fará algo que não terá nenhuma relação com a resolução do fato. É diferente do que acontece com o medo. Todos temos medo.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Um dos pontos que abordamos no ensino dos bombeiros voluntários do Chile é que o bombeiro tem que ter medo. Um bombeiro que não tem medo é uma pessoa muito perigosa, porque não é consciente dos perigos. Uma pessoa, numa situação de emergência, que não é consciente do perigo tem a tendência de se tornar o líder da situação, e pode arrastar outra pessoa a erros, que, finalmente, pode resultar na morte de toda uma equipe. Isso pode acontecer facilmente com pessoas que não têm medo.

No contexto latino-americano, há crises sociopolíticas e desastres naturais: temos uma convivência sistemática com a sensação da instabilidade social e a ocorrência de catástrofes. Esse é o entorno histórico, pelo menos até o século vinte, nas sociedades latino-americanas, sem contar o que aconteceu da década de sessenta à década de oitenta, com os governos militares, uma época em que o povo latino-americano foi submetido a certas situações de crise. Então, entendemos o fato de o povo latino-americano ser um povo que tem resistência a governos duros, a catástrofes, a desastres. Sempre tem a “tendência” de ficar mais forte depois de situações como essas. Esse é o conceito de resistência.

Há uma frequência de ocorrência de emergências e desastres e há um impacto psicossocial nos desastres. Aqui fazemos um paralelo entre o terceiro mundo e o mundo desenvolvido, porque o impacto psicossocial é muito maior naqueles países que têm menos recursos econômicos.

Contexto latino-americano

- Crises sociopolíticas e desastres naturais: convivência sistemática com a sensação de instabilidade social e a ocorrência de catástrofes
- O desenvolvimento de um povo resistente
- Frequência da ocorrência de emergências e desastres
- Impacto psicossocial de desastres: terceiro mundo X mundo desenvolvido
- Criação da Sociedade Peruana de Psicologia em Emergências e Desastres como consequência do trabalho prestado por psicólogos no incêndio de Mesa Redonda (291 mortos, em 29 de dezembro de 2001)
 - I Congresso de Psicologia em Emergência e Desastres, em Lima, Peru, 2002
 - Criação do FLAPED: reunir psicólogos em sociedades nacionais

Seguimos com o contexto latino-americano, mas esse é um tema que tem mais a ver com a organização dos psicólogos em torno da temática de Psicologia das emergências e desastres. O primeiro marco identificado foi a criação da Sociedade Peruana de Psicologia das Emergências e dos Desastres. Essa Sociedade foi fundada como consequência de trabalhos prestados por psicólogos no Incêndio de Mesa Redonda, em que morreram 291 pessoas, em 29 de dezembro de 2001. Esse incêndio foi terrível. A situação foi de tamanha magnitude que o governo peruano pediu ao Colégio de Psicólogos do Peru que fizesse um trabalho com os familiares das vítimas. Por essa razão, foi criada a Sociedade Peruana de Psicologia das Emergências e dos Desastres. Eles organizaram o I Congresso de Psicologia das Emergências e dos Desastres, em 2002. Naquele momento, reuniram-se profissionais que tinham interesse pelo tema e criaram uma entidade que pretendia ter uma abrangência latino-americana, e que recebeu o nome de Federação Latino-americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres – FLAPED, cujo objetivo era reunir psicólogos em sociedades nacionais. As pessoas que estiveram nesse congresso levaram a seus países a intenção de formar sociedades nacionais. Não sei se foi em consequência disso, mas, neste Seminário, estamos presentes 4 pessoas que estiveram nesse congresso.

Trajetória no Chile

No Chile, temos uma longa cultura de prevenção. Vou falar um pouco de legislação e de entidades coordenadoras. No Chile, temos uma entidade coordenadora da defesa civil, que é o Escritório Nacional de Emergência. Esse escritório é a entidade governamental que coordena todas as organizações que eventualmente podem participar de uma emergência: bombeiros, polícia, pessoal sanitário, etc. Esse escritório foi criado em 1974.

Em 1970, é elaborada um projeto de lei, pelo governo, que estabelece a obrigação de todas as empresas e organizações que tenham mais de 100 empregados de contar com um *expert* em prevenção de risco. No Chile, isso é obrigatório. Nesse ponto, falava-se da pessoa que tinha essa função, mas como isso estava pré-definido na legislação, o que aconteceu foi que esse trabalho começou a ser desenvolvido, e hoje temos cursos técnicos nessa área. Temos técnicos de prevenção de riscos e engenheiros de prevenção de riscos.

No Chile, existem programas de prevenção de riscos. Há planos e programas de estudo em nível técnico e profissional.

A primeira aproximação da Psicologia chilena com o problema das emergências e dos desastres foi feita pelo psicólogo chileno Cristián Araya. É psicólogo clínico da Universidade Católica, bombeiro voluntário, e fomenta a aplicação da Psicologia no âmbito das emergências. Ele começa a fazer palestras, principalmente dentro de organizações privadas, e edita o primeiro e único livro, no Chile, chamado *A Psicologia da Emergência (Psicoprevenção e a Psicologia da Emergência)*. Cristián Araya fala de psicoprevenção por ser a forma de incluir o interesse ecológico dentro do contexto chileno sensibilizado com o tema da prevenção; é algo que deve ser o complemento da prevenção. O que dizemos, os psicólogos emergencistas do Chile, é que a Psicologia da emergência tem que ser, e é, um complemento da prevenção. O prevencionista é capaz e tem a competência de fazer um plano de emergência muito bem especificado, mas são as pessoas que têm que tornar realidade o plano de emergência. Por que, quando chega o momento de emergência, as pessoas não fazem o que o plano diz que deve ser feito? Por que, se o sinal gráfico diz que você tem que ir para um lado, no momento da emergência, você vai para o outro? Por que as pessoas passam no sinal vermelho e não no verde, por exemplo? Essa é a maneira que nos complementamos.

A primeira definição que Cristián Araya faz da Psicologia da emergência é: “Ramo da Psicologia geral que estuda as diferentes mudanças e fenômenos pessoais presentes numa situação de perigo, seja esta natural ou provocada pelo homem de forma casual ou intencional” (Araya, 1999).

Definimos áreas de ação da Psicologia da emergência, relacionadas com as três etapas da emergência: o antes, o durante e o depois. O durante é definido até 72 horas depois da emergência.

Na realidade, estamos falando já de quatro etapas. A quarta etapa seria o “entre”. Conceituar o que se tem que fazer diante de uma emergência deve ser compreendido como uma quarta fase. O antes, o durante e o depois fazem parecer que a emergência é um processo estático, e não é. Sempre há emergências, por isso, é necessária uma etapa “entre”, pois temos sempre que estar pensando, desenvolvendo planos de ação para as próximas emergências.

Pré-emergência	Durante a emergência	Pós-emergência
<ul style="list-style-type: none"> • Capacitação e treinamento em habilidades de resposta diante de uma emergência, à população em geral; • Assessoria na definição de planos de emergência; • Seleção de pessoal para integrar as equipes de primeiras respostas. Planos de monitoramento de estado de saúde mental. 	<ul style="list-style-type: none"> • Intervenção em crises; • Aplicação de planos de manejo hospitalar em crises; • Manejo de pacientes e familiares que cheguem a crises decorrentes de emergência ou desastre (enfrentamento num lugar estranho diante de uma situação sensível). Primeiros socorros psicológicos (OPS). 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação do impacto psicológico e possíveis estratégias de manejo; • Investigação dos efeitos produzidos pela emergência, para melhorar respostas diante de uma possível repetição; • Realização de módulos de auto-cuidado para a equipe de primeira resposta e funcionários de centros hospitalares em geral.

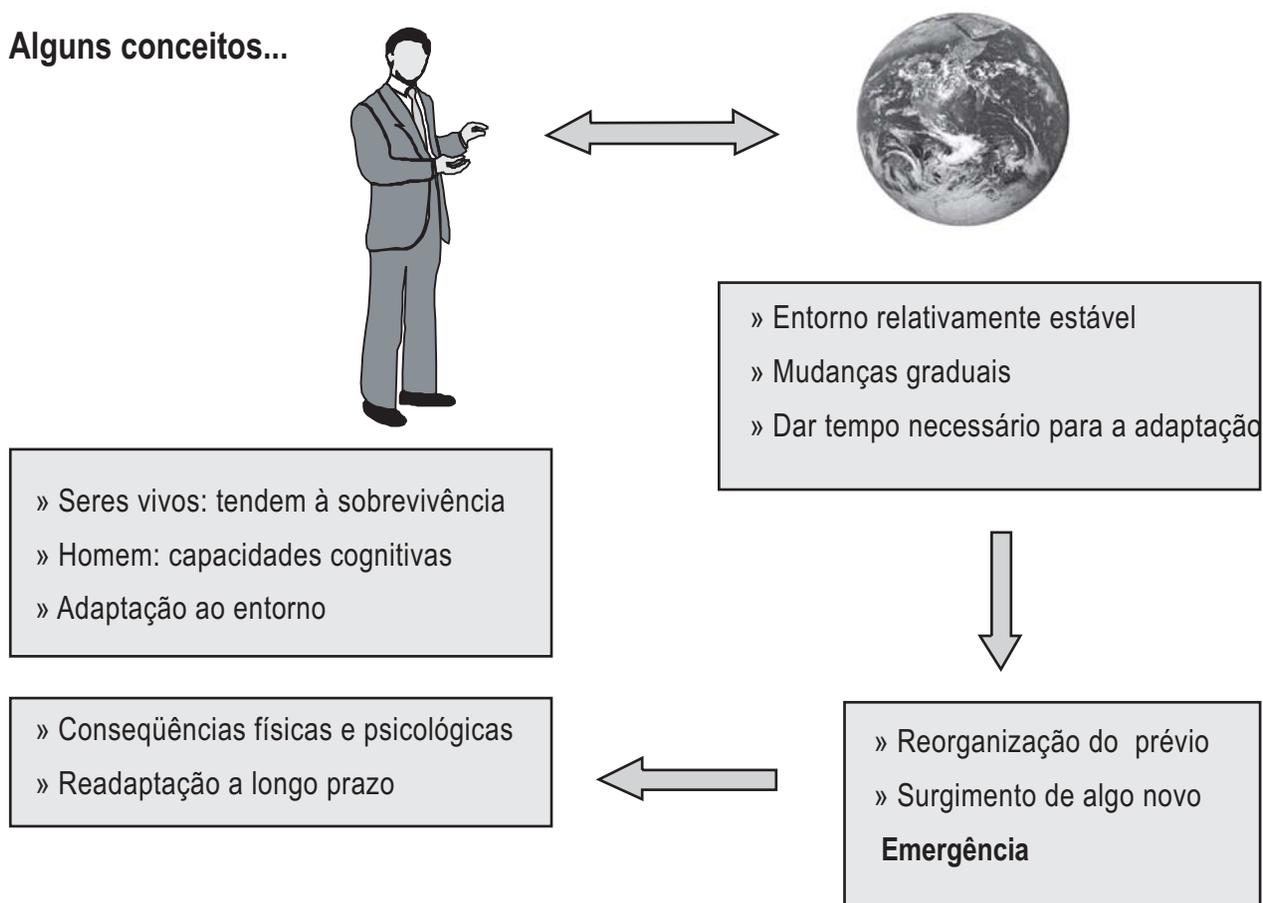
Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

SOCHPED. O nome não é muito bonito. No Chile, temos problemas, pois o nome do nosso país começa com "ch". A Sociedade Chilena de Psicologia das Emergências e dos Desastres nasceu como uma consequência do acordo de Lima. A constituição da SOCHPED aconteceu em março de 2004. 15 psicólogos se reuniram no quartel general do corpo de bombeiros de Santiago. A Sociedade ainda está em processo de conformação orgânica e legal. A Sociedade existe de fato, mas não de direito, ainda. Temos atividades de autoformação e atividades de capacitação, em parceria com entidades acadêmicas. Por exemplo, a Universidade Diego Portales, com a qual fizemos a I Jornada de Comportamento Humano na Emergência, e também com a Universidade Central do Chile.

Objetivos da SOCHPED:

- Descrever e explicar os processos psicológicos que aparecem nas emergências. Isso é o que muitas pessoas desejam saber para poder lidar com os tipos de comportamento que se pode encontrar.
- Desenvolvimento, aplicação e ensino de técnicas psicológicas para situações de emergência. Tem relação com o objetivo anterior.
- Seleção de pessoal para integrar grupos de resgate e trabalhos de risco em geral.
- Capacitar psicologicamente a comunidade em geral para enfrentar emergências. Isso tem muito a ver com a área da Psicologia comunitária.

Alguns conceitos...

Atualmente utilizamos esses conceitos.

As emergências e desastres

Emergências

Situações inesperadas que comprometem a vida e/ou a integridade física de uma ou de várias pessoas, e que demandam uma intervenção especializada.

Desastres

Alterações intensas na vida das pessoas, nos bens, nos serviços e no meio ambiente, causadas por um acontecimento natural ou geradas pelo homem, que excedem a capacidade de resposta da comunidade afetada.

Quando falamos de sociedade, emergências e desastres, temos que fazer a diferenciação entre emergência e desastre, porque poderíamos falar de Psicologia dos desastres ou só de Psicologia de emergências. A diferença é que, quando enfrentamos uma emergência, temos ferramentas para enfrentar essa situação, como habilidades cognitivas, por exemplo. Quando o sistema de respostas não consegue ser aplicado a essa situação, estamos diante de uma situação de desastre.

Emergências são situações inesperadas que comprometem a vida e/ou a integridade física de uma ou de várias pessoas, e que demandam uma intervenção especializada.

Desastres são alterações intensas nas pessoas, nos bens, nos serviços e no meioambiente, causadas por um acontecimento natural ou geradas pelo homem, e que excedem a capacidade de resposta da comunidade afetada.

Um estudo relevante

Autor: Dr. Etienne Krug

Tema: Efeito dos desastres naturais sobre as taxas de suicídio

Lugares de estudo: 377 condados dos Estados Unidos, com desastres federais declarados entre os anos 1982 e 1989

- Inundações
- Furacões
- Terremotos

Etienne Krug trabalha no Centro para a Prevenção e Controle de Danos de Atlanta. Ele pesquisou o efeito dos desastres naturais nas taxas de suicídio. Estudou 377 condados dos Estados Unidos com desastres federais declarados, entre os anos 1982 e 1989, e trabalhou com inundações, furacões e terremotos. Os resultados desse estudo foram os seguintes:

- » Inundações: os suicídios aumentaram 13,8% nos quatro anos posteriores.
- » Furacões: aumento de 31% nos suicídios durante os dois anos posteriores ao evento.
- » Terremotos: alta de 62,9% no número de suicídios, no ano posterior ao desastre.

Quando, no Chile, mostramos esses resultados, há uma conversa bem interessante, pois o Chile é um país sísmico. Nós nunca ganhamos a Copa do Mundo, mas somos o país que sofreu o maior terremoto da História, em 1960, 9,5 na escala Richter. Isso é o que acontece com o povo norte-americano, mas, no Chile, acreditamos que esses números possam ser invertidos, pois os chilenos estão mais bem preparados para um terremoto.

A conclusão de Krug foi a seguinte:

“É necessário um apoio psicológico depois de desastres naturais graves; deve estar disponível por

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

períodos variáveis e deve levar em consideração as necessidades dos diferentes grupos de idade”.

Reação da população diante de uma emergência

A reação da população diante de uma emergência dependerá, basicamente, de três fatores:

- Preparação psicológica dos indivíduos, família, organizações e comunidades diante da possibilidade de existência desse evento;
- Resistência e fortaleza psicológica pessoal, familiar e comunitária dos afetados pelo evento;
- Organização, coordenação, modelo de intervenção, reconhecimento por parte da população e profissionalismo das equipes de intervenção e salvamento.

Qualquer variação nesses três fatores vai incidir na reação da população diante de uma situação de emergência.

Níveis de vítimas

É importante considerar esta taxonomia do nível de vítimas, porque acontecia que, habitualmente, as pessoas que são tratadas por algum meio diante de uma emergência, dizem que só são vítimas os diretamente afetados. Mas há diferentes níveis de vitimização, de acordo com a proximidade dessas pessoas com o evento. Os níveis são os seguintes:

- primeiro nível: pessoas que sofrem o impacto direto do desastre;
- segundo nível: familiares diretos das vítimas do primeiro nível;
- terceiro nível: integrantes das equipes de primeira resposta – policiais, pessoal sanitário. Eles são vítimas também, porque alguma coisa acontece com eles quando têm que encontrar pessoas mortas, etc.
- quarto nível: a comunidade envolvida no desastre;
- quinto nível: aquelas que ficam sabendo do acontecimento;
- sexto nível: aqueles que deveriam estar, mas não estavam no lugar do evento por diversos motivos. Um exemplo disso, muito comum, é relativo aos acidentes aéreos. Muitas pessoas não conseguem embarcar e, quando sabem do acidente, passam a ser um tipo de vítima também.

Passo a mostrar, agora, a relação de todas as categorias de terremotos que aconteceram no Chile, no século XX

ANO	MÊS/DIA	LATITUDE	LONGITUDE	PROF.KM	MAGNITUDE	CIDADE/ ÁREA
1906	08/17	33.00	72.00	25	8.4	Valparaíso
1918	12/04	26.00	71.00	>60	7.8	Copiapó
1922	11/11	28.50	71.00	25	8.5	Vallenar
1928	12/01	35.00	72.00	25	8.4	Talca
1939	01/25	36.25	72.25	55	7.8	Chillán
1943	04/06	30.75	72.00	55	8.2	Illapel
1949	12/17	54.00	71.00	--	7.8	Punta Arenas
1950	12/09	23.50	67.50	100	8.0	Calama
1958	09/04	33.80	70.20	10	6.9	Las Melosas
1960	05/22	39.50	74.50	--	9.5	Valdivia
1965	03/28	32.42	71.10	68	7.5	El Cobre

1971	07/09	32.51	71.21	40	7.5	La Ligua
1975	05/10	38.03	75.78	30	7.7	Angol
1985	03/03	33.13	71.87	26	7.8	San Antonio
1995	07/30	23.34	70.29	46	7.3	Antofagasta
1997	10/15	30.93	71.22	58	6.8	Punitaqui

Não falarei de uma estatística séria, mas acho que ocorre um terremoto a cada três anos.

Um alarme falso de maremoto nas costas da Oitava Região provocou pânico e caos nas ruas de Concepción Talcahuano, San Pedro de la Paz, Haulpén y Coronel, entre outras localidades, onde a população – cerca de 12 mil pessoas – deixou suas casas e fugiu para lugares altos, o que causou uma morte e batidas de carros que fugiam da área.

O que foi importante nessa experiência é que o Chile, apesar do discurso oficial que falava sempre da boa preparação, mostrou que não era bem assim. O Escritório Nacional de Emergências tem bons planos para enfrentar emergências, mas esses planos falham porque não chegam às bases, não chegam às pessoas. Depois dessa experiência, foi que apareceu nos meios de comunicação o sistema que o Escritório utiliza para monitorar as tsunamis.

Em consequência de um suposto escape de gás no Colégio 7 Carmela Carvajal, foi gerada uma situação de histeria coletiva. Em consequência disso, 62 alunas foram parar no hospital, com crise de pânico. A importância dessa ocorrência foi colocar em evidência a inoperância do sistema de Operação Deyse, devido a desacordos no manejo da comunicação por parte da entidade governamental competente.

Tragédia do Exército chileno, Antuco. 45 soldados morreram em decorrência da realização de marcha em condições adversas na alta montanha. Eles não possuíam equipamento adequado.

Isso foi importante, porque evidenciou a falha de comunicação com os familiares das vítimas e com a opinião pública. Os psicólogos do Exército foram mobilizados para atender os familiares.

Na campanha presidencial de Michelle Bachelet, houve um acidente automobilístico nos arredores de Santiago. Morreram 5 pessoas. No ônibus, viajava um grupo pertencente ao comando da campanha de Michelle Bachelet.

Esse evento produziu uma comoção nacional. Foi quase um luto nacional. A candidata suspendeu imediatamente o encerramento oficial da sua campanha. Nessa oportunidade, o comando de Bachelet organizou um dispositivo de resposta que mobilizou alguns profissionais de saúde mental ligados à candidatura.

Acidente de Tur-Bus, San Fernando. 25 pessoas morrem em decorrência do capotamento e posterior queda no leito do rio Tinguiririca de um ônibus interestadual.

Mais de 150 operários de resgate, entre eles pessoal do Exército, trabalharam nas tarefas de emergência para resgatar pessoas falecidas e trasladar os sobreviventes ao Hospital Regional de Rancagua y San Fernando.

Em decorrência disso, começou-se a discutir na opinião pública se as pessoas que manejam os ônibus interestaduais cumprem as regras básicas para evitar esse tipo de acidente.

Quais são as atividades da Psicologia das emergências e dos desastres no Chile atualmente? São os seguintes:

- Incorporação de alguns planos de estudos acadêmicos (Inacap, Universidade Central do Chile): basicamente nos cursos técnico-profissionais de prevenção de riscos e em programas de pós-graduação na Universidade do Chile.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

- Consultorias a empresas de segurança (chefes e vigilantes): continua sendo o forte da difusão e desenvolvimento da Psicologia das emergências no Chile, com forte ênfase em empresas mineiras e em pessoal de segurança de diversas organizações do setor privado.
- Grupos de intervenção em crises (Caso grupo PUC, - violência intrafamiliar-): de acordo com os últimos acontecimentos no Chile, tem se demandado a presença de profissionais psicólogos em cada uma delas. São os casos da tragédia de Antuco, o acidente da campanha presidencial de Michelle Bachelet, etc.
- Capacitações para bombeiros: os bombeiros são uma das entidades de emergência que atualmente mostra maior interesse e demanda para a Psicologia das emergências. Eles têm estado presentes em cada uma das atividades que têm sido desenvolvidas de forma institucional.
- Geração de sistemas de avaliação psicológica para bombeiros: resultado desse interesse é a materialização de iniciativas para incorporar a Psicologia das emergências nos afazeres dos bombeiros. É assim que, atualmente, estamos trabalhando em sistemas de avaliação psicológica padrão para candidatos a bombeiros, em programas de saúde mental, em criação de unidades especializadas, etc.
- Escassa articulação com entes governamentais: todos os esforços atuais, desde associações interessadas em Psicologia das emergências, não apresentam ainda nexos de relevância com o aparelho estatal. Portanto, a demanda de ação psicológica prevalece principalmente no âmbito privado.
- Sociedade chilena em estado de conformação geral: tem impulsionado iniciativas interessantes, como a intervenção em Pica (com a Universidade Central), e alguns dos seus membros colaboram em projetos orientados para os bombeiros.
- Os conceitos-chave que são trabalhados em Psicologia das emergências no Chile têm a ver com o estresse (agudo e crônico), o estresse pós-traumático, a intervenção em crises, a gestão do risco, a psicoprevenção e a resiliência.

Dificuldades encontradas no Chile

- Concepção social da Psicologia: no Chile, a percepção que se tem do psicólogo é daquele essencialmente clínico, se bem que se reconheça o psicólogo do trabalho, educacional, comunitário. As pessoas ainda não conseguem perceber o que pode fazer um psicólogo emergencista.
- Impossibilidade de repetição de eventos: falamos não somente de gestão geral do tema, mas principalmente de pesquisa. Não podemos produzir os eventos em laboratório, mas temos que fazer um trabalho de pesquisa para ter um dispositivo preparado para as situações de emergência.
- Desconhecimento de sua relevância: nós ainda temos que fazer muitas atividades como esta.
- Ocorrência sem aviso prévio.
- Aspectos éticos em estudos e intervenção.

Conclusões:

- Chile, país de desastres habituais (terremotos e inundações). Tem situação macroeconômica estável, cenário propício para investir recursos e fomentar o desenvolvimento da área.
- Crescente demanda da área, que desperta profundo interesse nas diversas organizações sociais, comunitárias e governamentais.
- Governo atual planeja a criação de um Ministério de Segurança Cidadã e o delineamento de áreas conceituais fundamentais.

Muito obrigado.

Angela Lapa Coêlho

Pós-Doutora em Psicologia social pela Universidade de Manitoba, Canadá

Vice-Coordenadora do Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco

Boa tarde a todas e todos. Gostaria de iniciar falando da minha alegria e da minha paixão de estar aqui. Esse é um trabalho que venho construindo há muitos anos, e ver aqui tantas pessoas interessadas é gratificante. Tanto as falas de ontem quanto as de hoje nos remetem à importância de a Psicologia estar à frente também desses trabalhos. O apoio recebido do Conselho Federal de Psicologia e da Secretaria de Defesa Civil, que contribuíram com a articulação para colocar todos esses profissionais aqui para debater a questão das emergências e desastres, é fundamental.

Falarei um pouco sobre a inserção da Psicologia na área de desastres, como isso se deu e a partir do quê.

A área está em construção, porque, inicialmente, as áreas que se preocuparam com os estudos na área de emergências e desastres foram:

- Sociologia
- Geografia humana

A maioria dos estudos, no início do século, estava relacionada a essas duas áreas de conhecimento, e, quando se fazia pesquisa nessa área, eles entendiam que a repercussão em termos individuais era extremamente pequena e não merecia grandes considerações, porque não contava com alguém da área de Psicologia.

A disciplina da Psicologia

– O envolvimento da Psicologia foi muito gradual, e assim continua sendo, porque estamos no século XXI, e só agora estamos trabalhando esse acordo, não apenas no pós-desastre, mas da atuação da Psicologia no trabalho de prevenção. Creio que essa preocupação da Psicologia é para mudar o paradigma de uma disciplina patologizante. Respeito profundamente a clínica, mas creio que podemos ir muito além, trabalhar com prevenção e promoção da saúde. Quando nos limitamos ao atendimento pós-desastre, estamos limitando uma grande parte da atuação do psicólogo. Então, defendo o fato de os cursos, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação, deverem ter como ênfase a prevenção.

– O primeiro estudo, inclusive não muito citado na área de desastres, é o de Edward Stierlin, em 1909. Ele é um médico psiquiatra, um pesquisador, que trabalhou com acidentes de mina, de trem e marítimos, na costa leste dos Estados Unidos. Esse é o primeiro ensaio de uma possibilidade de se entender as questões relacionadas às emoções das pessoas que estiveram envolvidas com desastres.

– A primeira pesquisa científica foi a de Samuel Prince, em 1920, em Halifax, Canadá. Ele também trabalhou com explosões e desastres marítimos. Muito pouco disso é discutido na literatura sobre desastres. Creio que é importante, para qualquer nova área que surge, conhecer o seu percurso histórico, pois, quando nos esquecemos da História, podemos repetir erros. Então, conhecer o que foi feito e o que está sendo realizado é de extrema importância.

– O primeiro estudo, de fato, feito na área de intervenção pós-desastre, foi realizado em 1944, por Lindemann, constituiu-se na avaliação sistemática das respostas psicológicas a desastres no incêndio de uma boate, citada na fala de abertura pelo Sr. Horacio Toro, no qual morreram mais de 400 pessoas. Lindemann fez um levantamento das reações psicológicas dos sobreviventes e esse foi o marco teórico desse começo mais organizado da pesquisa e intervenção nessa área.

– Quando se considera de 1900 a 2000, os primeiros 50 anos foram de pesquisas e trabalhos esporádicos. O interessante é que, nessa época, os estudos eram totalmente influenciados pela psiquiatria e com uma visão da época da Segunda Guerra Mundial, pois trabalhava-se com a possibilidade de guerra

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

nuclear. Então, havia um investimento grande para entender as reações das pessoas frente aos desastres e às emergências para, na eventualidade de um ataque nuclear, se saber como conduzir esse tipo de trabalho, e talvez por isso a ênfase da Psicologia tenha sido de diagnóstico na área de desastres. Então, é essa face de prevenção e promoção que temos que trazer para a Psicologia. No estudo com desastres, quando se enfatizava o diagnóstico, deixava-se de cuidar de muitas pessoas que haviam sobrevivido, com problemas emocionais que não eram de longa duração para serem resolvidos e que, com uma intervenção rápida, imediata e cuidadosa, teriam a repercussão psicológica e psicossocial minimizada. Um exemplo, o Césio 137: se a família, a comunidade e os profissionais tivessem recebido a devida atenção, com certeza, o efeito seria minimizado. O mesmo acontece com as inundações de New Orleans. O efeito pós-evento, a localização onde ficaram os desabrigados e a forma como foram tratados acumula o dano para essas pessoas. Então, na intervenção, a preparação e a forma como a situação será dimensionada terão um efeito fundamental no cuidado com as pessoas.

E surge uma preocupação com as comunidades. Inclusive, devido a esses estudos, já foram feitas reformulações em aeroportos, onde é recomendado que existam salas para onde as famílias de pessoas que sofreram acidentes aéreos sejam levadas imediatamente. E aí se forma um círculo protetor para evitar que a imprensa e curiosos tenham acesso a essas pessoas naquele momento de dor. Essas foram dimensões descobertas através da pesquisa.

Centro de Pesquisa Nacional de Opinião (NORC- Universidade de Chicago)

A primeira pesquisa preparada de forma organizada foi realizada pelo Centro de Pesquisa Nacional de Opinião da Universidade de Chicago.

Foram entrevistados 1.000 participantes que estiveram envolvidos nos mais variados tipos de emergências e desastres. Esses acidentes eram ferroviários, aéreos, terremotos, furacões e outros. As pessoas pensam que os trabalhos de fora são mais importantes e possuem maior validade, e que os trabalhos daqui não têm possibilidade de irem para outros países. O trabalho nessa área mostra que cada país tem sua cultura e seus técnicos de proteção, mas os sentimentos envolvidos são muito semelhantes, e precisamos aprender com isso. Assim como aqui estamos partilhando dos conhecimentos de nossos colegas da América Latina e de nosso colega da Itália, é fundamental aprendermos práticas e fazeres pela segurança.

Os resultados indicaram que:

- a) Pânico e comportamentos fora de controle pareciam ocorrer em situações limitadas;
- b) Que a forma de conduzir as informações sobre o evento tem importância fundamental.

Nessa época, havia a idéia de que, em uma emergência, todas as pessoas se transformariam em vândalos e haveria pânico, e pessoas que participam de resgates em situações de emergência vêem que isso não acontece. As pessoas querem colaborar, ajudar. Você vê pessoas menos feridas que ajudam a segurar o outro mais ferido. Essa imagem ficou evidenciada nessa pesquisa.

É claro que as reações também dependem do lugar onde o desastre acontece. Se é um evento em um local fechado, onde as saídas de emergência estão trancadas, ocorrerá o sentimento de impotência, mas se o ambiente é aberto, não haverá vandalismo, e as pessoas não se transformarão em seres descontrolados. Então, temos que respeitar isso quando abordamos as comunidades.

As informações equivocadas podem ser mais prejudiciais do que a ausência delas. O pânico é exacerbado sem se ter uma informação concreta. Hoje temos sistemas de identificação muito rápidos, e com GPS e celulares há formas de identificar claramente o nível de acometimento nas comunidades, mas que essa informação de nível técnico esbarra em outra questão, a nossa percepção de risco. No Paquistão, há projetos nessa área, e também em Bangladesh, por causa da região do Golfo de Bengala, onde há muitos ciclones. Lá os engenheiros construíram protótipos de proteção da estrutura física, porém muitas

peças continuam morrendo, pois é uma região muito pobre, e as pessoas não saem de suas casas pelo medo do saque ao pouco que têm. Então, não basta o sistema de alarme e a infra-estrutura de proteção, mas é preciso que as pessoas entendam a percepção de risco. O risco para mim tem um significado; para aquela pessoa que mora na beira do rio porque não tem outro local para morar, tem outro sentido. Então, conduzir as informações com base na percepção de risco individual de cada um é muito difícil, tanto que uma atividade preventiva seria a realização de oficinas sobre o que é risco nas comunidades onde o trabalho de prevenção precisa ser feito. E essa é uma etapa pré-desastre. Então, é fundamental trabalhar com essas pessoas e desenvolver essas oficinas, para a partir do conhecimento do sentido que dão ao risco, construirmos esse tipo de intervenção. Como agirmos diante do argumento de que não se tem para onde ir? Essa é uma questão também de compromisso e mudança social.

As reações emocionais podem ser exacerbadas pela separação de outros familiares e pelo contato com os mortos e os feridos. Quando se vai evacuar algum local, deve-se, imediatamente, identificar parentes, familiares, quem mora na mesma rua e vizinhos conhecidos, porque essas pessoas devem ser colocadas próximas para que, ao serem levadas para um ambiente totalmente desconhecido, o mínimo a ser oferecido é um pouco de familiaridade entre as pessoas. Algo precisa ser familiar naquela estrutura para onde as pessoas estão sendo levadas. Se o físico não é familiar, o vínculo emocional precisa ser.

Outra estratégia para minimizar o sofrimento é divulgar as listas de feridos e mortos o mais rapidamente possível.

A perspectiva de análise da Psicologia nos anos 60 e 70 foi voltada para as reações individuais. Contemplava reações extremas, tanto que se discute muito estresse pós-traumático e casos graves. Porém, o estresse pós-traumático foi uma categoria incluída no DSM 4, em 1994, mas existia na literatura desde a Primeira Guerra Mundial. Era a chamada reação de “choque da concha”, em que a pessoa se fechava. São categorias que foram sendo modificadas ao longo do tempo até chegar a essa denominação de estresse pós-traumático, mas tem-se notado que essa reação é uma questão de comorbidade com fatores anteriores.

Nessa época, também se dava pouca ênfase à comunidade como um todo, como estrutura de proteção para os sobreviventes. Não se considerava a importância da comunidade para levar essas pessoas a criarem novos significados no local onde iam morar. Então, atualmente, a perspectiva na Psicologia e em outras profissões para trabalhar nessa esfera é a que chamamos de a matriz de capacidades e vulnerabilidades. Aí se analisa a intervenção nos níveis individual, familiar, social e organizacional. Algo é fazer um trabalho com um desastre de avião, no qual podem ocorrer múltiplas mortes. Ele está localizado, e as famílias de origem estão intactas. Outra situação é atender um local onde 80% da comunidade foi afetada por uma enchente. O nível de comprometimento, de vulnerabilidade e capacidade estão comprometidos. Então, se há a matriz de competências, capacidades e vulnerabilidades, vai-se adiante, com a inclusão da comunidade.

Outra questão a ser considerada é o saber da comunidade. Hoje trabalho com o sistema interdisciplinar. Uso o termo usuário/usuária porque trabalho com o Programa de Saúde da Família da Unidade Básica de Saúde. Então, tenho que saber dele, do contexto e da equipe que atuará; no caso dos desastres, da equipe de resgate, mas também preciso incluir, na minha equipe, técnicos, presidentes de associações de bairros, as pessoas que estão na comunidade em seu dia a dia e que também têm algo a dizer sobre o assunto. Temos que aprender a transformar nossa rede de saberes, na qual o saber da comunidade terá um impacto na minha ação de interventor naquela área.

Perspectiva social e preventiva das emergências e dos desastres

- O que é uma emergência?
- O que é um desastre?
- Quais os parâmetros utilizados para a definição?
- Quem é afetado pelas emergências e pelos desastres?

Discutimos bastante esses quatro itens porque vocês sabem que há impacto, tanto em termos de ajuda financeira, física, como na mídia, do que se define como desastre e emergência.

Como definir desastre? Como dizer se é emergência ou não? Isso também implica liberação de recursos, deslocamento de pessoal, até ajuda para outros países. Quando ocorreu o tsunami, houve toda uma hierarquia para a liberação de recursos e atendimento às vítimas. Então, creio que todo o profissional que trabalhará nessa área tem que, de fato, entender esses sistemas. Caso contrário, poderá atravessar a seara de determinadas situações e não estar atuando como deveria.

O psicólogo precisa estar familiarizado com o que eu chamo bastidores dos eventos, com o diagnóstico *in loco*, para facilitar a locomoção, o transporte de equipes, que também sofrem uma grande perda em cada evento. É um desgaste emocional muito grande, e quem trabalha com equipe deve considerar as categorias de situação nas emergências, pois, caso contrário, pode agravar ainda mais os acidentes. Então, se o psicólogo conhece isso, sabe como se preparar. Se a equipe chega, a pessoa ainda está viva e morre durante o resgate, é diferente de a pessoa já ser encontrada morta. Se, entre os envolvidos, há crianças, é diferente. Se há a perda de uma pessoa que fazia parte do grupo de resgate, como aconteceu nas Torres Gêmeas, quando toda uma unidade de bombeiros ficou dentro dos escombros, é diferente. Então, se o psicólogo tem noção de toda essa teoria, já pode prever o tipo e o nível de intervenção e sugerir a construção, dentro dessas instituições, de grupos que discutam, avaliem, com o intuito de melhorar, de trazer a questão da emoção, de que é ruim perder, pois dói muito, e, se não for falado, dói ainda mais, e pode transformar-se em uma dor que se torne incapacitante a longo prazo, com ausências e rotatividade nos setores, o que é prejudicial a todo o grupo.

Um estudo exploratório da seca no Nordeste

Uma das atividades que desempenhei foi estudar desastres tanto tecnológicos quanto naturais, mas chamou-me a atenção que na literatura existia muito pouco trabalho sobre os desastres que chamamos *sem pegadas*, ou seja, um furacão, um terremoto. Mas, e o césio, e Chernobil, e a contaminação do solo? São desastres *sem pegadas*. É preciso se ter noção desses desastres também.

Então, meu interesse foi pela área da seca. Sou paraibana. Morei durante algum tempo na área da seca e também na área onde não há seca para ter exatamente essa vivência do que as pessoas entendiam como desastre. E foi interessante notar que quem morava em região em que não havia seca tinha mais medo dela do que aqueles que viviam na seca. Isso quer dizer que as pessoas que vivem em área de seca não sofrem? Não. Quer dizer que não estamos sabendo mapear o sofrimento. E temos noção de que precisam morrer muitos e ao mesmo tempo para ser desastre. Ninguém conta o número de mulheres que não tiveram a gestação completa porque passaram fome, ou o número de pessoas que morreram de tuberculose por causa da desnutrição. Isso não entra em cálculo de desastres, daí o meu interesse em trabalhar nessa área, pois aproveitava para questionar a idéia da seca e de como promover a mudança social nesse contexto.

Outra questão é que, quando se trabalha em áreas de desastre, é necessário prestar muita atenção ao que é masculino e feminino. Falo de características masculinas e femininas de determinadas culturas em determinadas áreas. Quando as Nações Unidas criou campos de refugiados depois da guerra, em Ruanda, foi criado um campo de refugiados e entregue aos homens a tarefa de distribuir alimentos. Em poucos dias, isso foi suspenso, porque, na cultura deles, assim como na nossa, a alimentação é tarefa feminina. Então, se for feita uma intervenção, essas questões ligadas ao gênero devem ser consideradas.

A classe social e a etnia, a raça também devem ser consideradas. Quando o esquema ciclovital de intervenção for organizado, é preciso pensar em estratégias. Quando se retira idosos, a retirada deve ser feita de uma forma, crianças, de outra. É preciso considerar todos nas estratégias de trabalho.

Então, quando se pensa no trabalho preventivo, muitas pessoas ainda questionam o papel do psicólogo. Participei de um trabalho bem interessante com professoras, na Ilha de San Martin, no Caribe. Fui como pesquisadora assistente de uma psicóloga designada pelas Nações Unidas para desenvolver

um programa de capacitação dos professores que diziam que, assim que são lançados os indicadores do número de ciclones e furacões, as crianças se mobilizam em torno do evento. Assim, fomos lá para organizar, com as professoras, a elaboração de um conteúdo transversal na escola para ver o medo, a percepção de risco dessas crianças. Por isso, creio que um espaço fundamental para dar início a um trabalho de prevenção para desastres e emergências é o espaço da escola, pois o aluno e a aluna são capacitadores de pais e da comunidade. Temos que aproveitar esse ambiente para trabalhar a prevenção e o cuidado, considerando sempre todas as etapas e nunca perdendo de vista a prevenção, a preparação, a intervenção *in loco* e a mitigação dos desastres. Nunca podemos desconsiderar que, quando vamos atuar em desastres, não queremos que tudo volte ao que era antes. Queremos que mude, pois, se o desastre ocorreu, é porque alguma coisa já não estava dando certo.

Muito obrigada.

**Mesa-redonda 3:
Psicologia e emergências
sociais: intervenções nos
cotidianos e eventos**

Arturo Marinero Heredia

Psicólogo formado pela Faculdade de Psicologia da Universidad Veracruzana, México, onde é professor interino e responsável pelo Programa de Proteção Civil.

Boa tarde a todos.

Quero agradecer, antes de qualquer coisa, o convite que me fizeram para este Seminário, especialmente ao Marcus Vinícius, que sabemos que, desde 2004, faz um grande esforço para desenvolver um seminário com esse tema. Vemos que isso está se tornando realidade, o fato de fazer um trabalho mais perto com as pessoas afetadas, com a Secretaria Nacional de Defesa Civil.

Neste fórum, quero explicar o motivo pelo qual consideramos a atenção à saúde mental das pessoas afetadas por uma situação de desastre ou de emergência seja fundamental. Quando digo queremos explicar é porque sou parte de uma equipe. Não trabalho sozinho. Em Jalapa, onde moro, trabalho com uma equipe, e já atendemos pessoas afetadas no Estado e capacitamos outras que atendem no sul do Estado, participamos de uma avaliação num trabalho que se desenvolveu sobre saúde mental, em Honduras e em El Salvador. Mais que dizer que é um trabalho meu, é melhor dizer que é um trabalho de equipe.

Quero começar com uma expressão de uma desabrigada de Honduras. Ela dizia: "Todas ficamos mal. As pernas doem. O cérebro dói. Bom, somos dores. Agora falamos de dor. Hoje não falamos do projeto, mas de dor." Faço, então, uma pergunta inicial: por que é pertinente o trabalho de atenção à saúde mental com pessoas afetadas por desastres? Para algumas pessoas, isso pode ser muito óbvio, mas outros se perguntariam e argumentariam que, num desastre, a prioridade será a reconstrução da vida, do abrigo, da alimentação, do albergue, o básico. Portanto, nosso trabalho de saúde mental seria considerado um incômodo ou um luxo.

Ao nosso ver, é iniludível que a prioridade absoluta seja sobre a vida. No momento de um desastre, a prioridade fundamental é resgatar vidas. Num segundo momento, entraríamos na atenção à saúde mental.

Então, tínhamos que ir com eles para ajudar. As pessoas queriam sair ao mesmo tempo, vir para o Centro de Saúde, para estar ali, conosco. Queriam vir porque tinham medo. Não de que o rio entrasse, porque estava longe, mas pelo que escutavam das pessoas, que havia mortos. Isso deixava as pessoas muito tensas. E muitas pessoas choravam. Víamos nelas o nervosismo. Nós estivemos ali. Também víamos o sofrimento de várias pessoas da escola, e não era porque o rio passou perto, mas pelo que escutavam. Casualmente, trabalhei nessa noite, pois moro lá. Eu desejava a ajuda de alguém, pois não via como poderia trabalhar sozinho. Vemos muito sofrimento entre as pessoas. Há pessoas que chegam humildemente e nos fazem relatos do que já conhecemos. Há pessoas que dizem que a zona sul é bem típica: ou há seca, ou há inundações. Diziam: "Estávamos bem na beira do rio, mas veio o furacão e levou tudo. Eu perdi até a cabeça. Não sabia nem que dia era, que dia tinha passado, porque quando se passa por essas situações, perde-se a cabeça."

Os psicólogos, ou trabalhadores da saúde mental, em geral, são identificados como aqueles que trabalham com a falta de razão, com a loucura ou com o sofrimento mental. Na verdade, nossa intervenção não se justifica pela presença de uma doença mental, mas legitima-se diante da presença do sofrimento psíquico humano. O substantivo da nossa prática social é ajudar a compreender, a descobrir o sentido dos comportamentos, os problemas e as dificuldades das pessoas quando enfrentam a realidade física e social em que vivem. Isso nos leva a trabalhar com a saúde, mais do que com a doença, e interessa-nos avaliar os riscos que possam afetá-la.

Como coloca Cufre, uma colega dessa equipe, quando acontece um desastre, fato que, pela sua gravidade, magnitude ou transcendência ultrapassa a capacidade de resposta de uma sociedade ou comunidade, já não são as pessoas que parecem enlouquecer, mas a realidade. E muitas pessoas, diante do imprevisto, da magnitude e da intensidade do fato, tendem a apresentar dificuldades na sua maneira de reagir. Diante de uma situação imprevista, que ultrapassa momentaneamente essa capacidade individual

e grupal, tende-se a reagir de diversas maneiras. Algumas pessoas ficam paralisadas; outras não, pois não só ficam afetadas pela magnitude do estímulo como pela falta de sentido do evento.

Uma primeira aproximação à pertinência da intervenção em saúde mental nos desastres é ajudar as pessoas afetadas a pensar sobre o sentido que tal evento tem pra elas, para seu grupo e para sua comunidade. É lógico que essa busca ao sentido nos remeterá às suas histórias individuais e grupais, que não são tão óbvias. Há determinantes da ordem da natureza, como o furacão e o terremoto, determinantes sociais, socioeconômicos e culturais que fazem com que esse evento natural se transforme num desastre humano.

São causas não-naturais de desastres tanto a exploração irracional de recursos da natureza como a marginalidade social e econômica, que levam certos grupos humanos a viverem em zonas de risco. Dessa perspectiva, qualificar de naturais os desastres enfatiza o evento e encobre a violência humana direta ou indireta. Para entender os chamados desastres naturais, preveni-los e recuperar-se deles, é preciso desprender-se de uma série de interpretações errôneas e incluir linhas de pensamento na ordem do social.

Uma das depurpações mais comuns é supor que os desastres sejam produzidos pelas forças naturais poderosas ou sobrenaturais que atuam irremediavelmente sobre os seres humanos. A mãe, senhora natureza, investe com toda sua força sobre os passivos e impotentes moradores. Essa interpretação é dada por religiosos, políticos e meios de informação e joga a responsabilidade para essa senhora, que não pode ser processada. O fatalismo inibe a ação e conduz à resignação e ao conformismo.

Individualmente, é preciso levar em conta que as pessoas instalam defesas psicológicas como barreira contra a ansiedade. Por exemplo, muitas pessoas supõem que é melhor não saber suas doenças e não fazer os exames necessários. “E se eu tiver câncer? E se eu morrer? Não vai acontecer nada. É melhor eu não sair daqui.” Por um lado, se não se percebe a ameaça nem a vulnerabilidade, não se pode determinar o risco de forma realista e oportuna, por isso, dificilmente serão realizadas ações preventivas.

Levar em consideração o individual não quer dizer “psicologizar” o problema. Por outro lado, a isso se junta o fato de que mais de 90% dos desastres acontecem no terceiro mundo, onde a falta de prevenção é notável. De acordo com um escritório da ONU, por volta de 75% da população mundial vive em zonas que foram fustigadas, pelo menos uma vez, entre 1980 e 2000, por um terremoto, um ciclone, uma inundação ou pela seca.

Os desastres, a nosso ver, mostram as diferentes caras da pobreza: a econômica, a social, a precariedade da saúde integral e as carências educativas, entre muitas outras.

Em muitas das catástrofes que vemos num desastre, já existiam, desde antes, uma calamidade e tragédias anteriores. Em El Salvador, uma camiseta, impressa por uma ONG, dizia: “Aqui não há desastres, só calamidades.”

No terceiro mundo, as políticas de bem-estar social, entre elas a de saúde, são muito limitadas. A concepção hegemônica desse setor é biologicista, ou seja, medicalizam a vida e não contam com uma visão psicológica. Isso é refletido na ausência de serviços capazes de responder, de forma eficaz e equitativa, às necessidades de atenção à saúde mental geradas por eventos de grande magnitude. Em todos os casos, as ONGs foram as que trabalharam e produziram algum tipo de material ou pesquisa.

Quero dar um exemplo dessa concepção médica relatada por um médico, membro de uma ONG de Honduras. Ele dizia: “Há algumas pessoas decepcionadas, inquietas e que pensam que não estão se sentindo bem. O que precisam fazer é muito exercício para tirar a tensão, para, quando tiverem que encontrar o que tiverem que encontrar, estejam com os nervos estáveis, um estado emocional equilibrado e que não façam o que querem fazer. Por exemplo, se quiserem ingerir álcool, façam exercícios, livrem-se da tensão e não terão mais vontade de ingerir bebidas alcoólicas. Ou, se sentirem vontade de discutir com suas esposas/esposos, se fazem bastante exercício, chegarão com mais calma e dialogarão com elas/eles. Ensinamos-lhes um meio de liberar a tensão. As crianças ficam distraídas, ou perdidas, depois de um furacão. Eu pedia a elas que desenhassem, e todas desenhavam a casa levada pelo rio.” Essa concepção indica uma energia corporal mal canalizada e tira toda a relevância do âmbito psíquico.

Ao nosso ver, numa situação de desastre, o que fica gravado na mente das pessoas não é o fato, não é o estímulo, mas sua representação, que está diretamente determinada pelo sentido que a situação tem para o indivíduo. Na verdade, o que importa não é a magnitude do evento, mas o que representa para as pessoas que passaram por ele. De outra forma, seria impossível explicar porque a vivência e as reações são tão diferentes em cada indivíduo diante de um mesmo estímulo. O terremoto é o mesmo para todos, o dilúvio é o mesmo para todos, mas o que acontece psicologicamente é diferente para cada pessoa.

O sentido e a valoração não são produtos que dependem exclusivamente de experiências particulares, mas também do âmbito coletivo, do grupo. Se o sentido fosse totalmente individual e privado, seria intransferível, incomunicável, e não seria possível captar elementos comuns. Tampouco poderíamos suportar a existência de elementos psicológicos comuns. Mas as marcas do evento, o que fica do estímulo, tem alguma coisa da disposição individual e do coletivo que é compartilhado.

Dizia outra pessoa: “Olhe, hoje meu corpo é outro. Não era assim antes. Muitos pensamentos já não são iguais. Se, até agora, olhamos a tormenta e rezamos para que não aconteça nada, já temos uma psicose. Eu, quando olho a tormenta, quero me esconder, mas não encontro lugar.”

A ameaça à integridade física ou mental de um sujeito sempre produz efeitos, que podem ser muito graves se contamos com uma estrutura psíquica frágil, com poucas ou ineficazes regras de apoio social. Pode acontecer também que o sujeito esteja numa situação de maior vulnerabilidade, por exemplo, por excesso de cansaço, por uma doença, por um problema nesse momento. Para ele, o sujeito da experiência, é muito importante considerar se está se comportando ou não de acordo com as expectativas do seu grupo.

Não deixam de nos surpreender as semelhanças encontradas nos registros psíquicos e nos mecanismos que as pessoas colocam em jogo para tratar de superar o horror. Talvez a explicação esteja na semelhança do aparelho de registro, do aparelho psíquico. E isso me leva a outra reflexão: por que as pessoas que não estavam no lugar dos atentados contra as Torres Gêmeas também se sentiram afetadas e também precisaram de apoio emocional? Não estou falando de norte-americanos, mas de porto-riquenhos, mexicanos, etc, que estavam a quilômetros de distância. Isso me faz pensar que, para ser prejudicado em saúde mental, às vezes não é necessário estar presente no momento do evento.

Com relação às técnicas de intervenção, em minha opinião, devem ser mais equitativas, eficientes e eficazes para a atenção de pessoas afetadas por desastres. Vale mencionar que, para preservar a vida, inevitavelmente é necessário dar ajuda direta: alimentos, roupa, etc. Acontece que, geralmente, os desabrigados vêm de setores sociais muito desfavorecidos, com experiência de participação limitada, ou que têm sido reiteradamente manipulados. Portanto, é fundamental que a intervenção em saúde mental tenha um enfoque que combata a passividade, que não a reforce, como quando se medica indiscriminadamente ou se recomenda algo aos indivíduos. Não é fácil evitar que a assistência se converta em assistencialismo. Alguns dos critérios que usamos para evitar isso são: priorizar ações nas quais se contemplem a participação ativa da comunidade, com decisão na programação, para que as pessoas saibam o que vai acontecer com suas vidas, para que não cheguem outros que se dizem *experts* para dizer o que essas pessoas têm que fazer; recompor redes psicossociais de apoio, buscando apoio nos atores sociais comunitários e não favorecer organizações fantasmas, ou seja, não criar organizações, mas apoiar-se nas que já estão estabelecidas e instituídas na sociedade; garantir que a comunidade esteja informada com relação aos temas e problemas sobre os quais terão que tomar decisões; otimizar recursos de todos os tipos, formando recursos humanos polivalentes, pois, no trabalho comunitário, o recurso humano operativo de saúde mental é precário. Um brigadista de saúde mental, no primeiro momento, não deveria resgatar mortos, nem vacinar as pessoas, nem dar alimento, nem abrigo, porque, se o fizer, ficamos sem pessoas para o trabalho posterior.

No que se refere a técnicas e práticas do trabalho em saúde mental, o desejável é que sejam coerentes com a proposta teórica e que possam produzir resultados razoáveis em termos de eficácia e equidade.

A intenção das intervenções que propomos é a de conter ansiedades, favorecer a descarga emocional, promover a compreensão do significado do fato e sua relação com as experiências prévias do sujeito,

desalentar condutas passivas e favorecer a solidariedade entre os que sofreram o dano. Estes são alguns dos componentes psicossociais básicos para poder compreender a realidade crua das pessoas afetadas por desastres. Não olhamos pessoas doentes. Para nós, são pessoas que estiveram no lugar errado, no momento mais inoportuno. Achamos que nosso trabalho não deve ser clínico, no sentido de ver as pessoas como doentes. Quem não ficaria afetado se perdesse tudo, família, casa, trabalho, etc. Geralmente as vítimas estão na hora e no lugar menos indicados. A saúde mental das pessoas está afetada.

Quando falamos dos trabalhos em grupo, dizemos que o trabalho em grupo não deve ser clínico, mas acreditamos que o trabalho em grupo seja terapêutico. Isso não significa que temos que interpretar tudo o que o grupo diz ou tratar de entrar em parte da vida das pessoas que não está em jogo nesse momento.

Por último, gostaria de dizer que um dos aspectos que achamos muito relevante é que o trabalhador da saúde mental não necessariamente deve ser psicólogo. Talvez isso seja um golpe no nosso narcisismo, depois de estudar tanto. É importante dizer que, para que sejamos um trabalhador de saúde mental, são necessárias características muito precisas para saber escutar, e não para culpar, não responsabilizar as pessoas, pois estas têm seu próprio ritmo e seu próprio tempo, e há que se respeitar esse tempo. Tampouco devemos dizer coisas como “sinto muito”, porque às vezes não sentimos, ou “resignação” ou “tudo vai dar certo”, pois não podemos prometer isso. Achamos que o trabalhador de saúde mental, como todo profissional de saúde, é um profissional em risco, que também deveria receber cuidado e atenção.

Muito obrigado.

Saúde mental na gestão dos desastres: intervenção no cotidiano e nos eventos

Claudia Gómez

Pós-graduada em Psicologia clínica; membro do Grupo Internacional Líderes em Saúde, Desastres e Desenvolvimento, OPS/OMS; coordenadora do Programa Saúde Mental em Emergências e Desastres do Hospital de Clínicas – Hospital Universitário de Buenos Aires/Argentina

Quero agradecer o convite que nos fez o professor Marcus Vinícius de Oliveira para participar deste seminário. Quero agradecer também ao Coronel Pimentel pela sua hospitalidade. Quero também compartilhar com vocês a alegria e a esperança que me dá encontrá-los.

Tive a sorte de poder participar, nos anos 2003 e 2004, como facilitadora do módulo de saúde mental do curso Líderes, que aconteceu na Bahia. Pude perceber que, em dois anos, houve uma evolução incrível na defesa civil do Brasil, com uma integração dos conhecimentos e das disciplinas que é invejável. Isso me dá muita esperança.

Gostaria de compartilhar com vocês o que me aconteceu enquanto preparava essa curta apresentação, pensando em conversar um pouco sobre as intervenções.

Enquanto pensava como transmitir algumas idéias relacionadas com a intervenção da saúde mental no cotidiano e nos eventos, apareceram algumas vivências dos anos percorridos nessa temática, que nem sempre foram fáceis, pelo contrário, foram bastante difíceis, porque hoje somos muitos conversando aqui e entrando em acordo em alguns temas básicos, mas a realidade é que esse tema há dez, quinze anos, era visto como algo menor, de pouca categoria. Encontrávamos muitas dificuldades. A primeira era que nossa formação, pelo menos na Argentina, era basicamente em clínica e psicanálise. Era dessa formação que partíamos para compreender a realidade, mas diante da situação de desastre, do encontro com os atingidos, não tínhamos armas, não tínhamos ferramentas para passar dos conhecimentos à ação. Talvez seja esse um dos problemas que temos, os psicólogos em geral, ou seja, somos muito prolixos, e nos é difícil encontrar modalidades de ação. Essa foi uma das grandes dificuldades ao pensar em como intervir. A segunda grande dificuldade que encontramos ao longo das intervenções em diferentes situações foi como conseguir uma participação no encontro com outras disciplinas, com outros discursos, com outras intenções, às vezes até com intenções políticas que não coincidiam com nosso interesse, que era so-

mente o de prestar socorro a um grupo de vítimas, mas com as quais, de qualquer forma, tínhamos que conviver, porque a situação estava ali.

Basicamente, compartilho totalmente do que Arturo nos relatou, de uma maneira tão emocionada, que, quando intervimos numa situação de desastre, não estamos intervindo com pacientes, não estamos fazendo uma intervenção clínica, ainda que haja um efeito terapêutico; estamos intervindo com a cidadania. Nesse sentido, acredito que o trabalho tenha que ser sempre interdisciplinar, contínuo, mantido, porque as conseqüências são de longo prazo, e deve-se estar sempre articulado com as demais disciplinas que intervêm.

Intervenções no cotidiano

Sobre as intervenções no cotidiano, o que podemos fazer, partindo da saúde mental, para intervir na vida diária, quando ainda não aconteceu um evento? Acreditamos que seja muito importante trabalhar sobre a percepção do risco. A negação e o desconhecimento diante do risco aprofundam a vulnerabilidade. Seria como o risco de não perceber o risco, ou seja, um risco agregado.

Percepção do risco

A negação e o desconhecimento diante do risco aprofundam a vulnerabilidade individual e social



O risco de não perceber o risco

Fatores psicológicos que interferem na percepção do risco:

- Desconhecimento;
- Negação;
- Onipotência, ou seja, acreditar que podemos dominar a situação;
- Pensamento mágico.

A inadequada percepção do risco facilita reações de:

- Desconcerto;
- Minimização da situação;
- Falta de responsabilidade no desenvolvimento de planos;
- Falta de compromisso na gestão de recursos profissionais, financeiros, de equipamentos;
- Negação;
- Desqualificação;
- Desestímulo.

No Hospital Universitário de Buenos Aires, onde trabalho, tivemos que atender um grupo de pessoas atingidas por um atentado terrorista em 1994, e depois disso, fizemos um trabalho interno, de lições aprendidas, dentro do Hospital, com todo o pessoal, e concordamos que deveríamos fazer um simulado para ver se nossos planos de emergência funcionavam corretamente e o que deveria ser corrigido. O mais difícil foi entrar num acordo sobre a utilidade do simulado, porque essas questões do pensamento mágico faziam com que muitos profissionais dissessem que não teríamos nem que dizer que haveria a possibilidade de que acontecesse alguma coisa.

Quando a percepção do risco não é adequada, acontece a facilitação de reações de desconcerto, a minimização da situação, a falta de responsabilidade no desenvolvimento de planos, a falta de compromisso no direcionamento de recursos (profissionais, financeiros, de equipamentos), a negação, a desqualificação e o desestímulo.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Capacitação

Outra das atividades que acreditamos que deve ser feita no cotidiano é relativa à capacitação, ou seja, que os profissionais de saúde mental e outros que possam somar-se, obviamente não vamos colocar todos, pois a formação é muito ampla, têm que conhecer tudo o que diz respeito a:

- Assistência psicológica das conseqüências;
- Detecção de manifestações prováveis, transitórias, quadros psicopatológicos, manifestações de elaboração psíquica, processos de luto;
- Medidas diretas e indiretas de cuidado da saúde mental;
- Planos, papéis e funções de todos os atores e grupos de intervenção;
- Diagnóstico de situação, detecção de danos, necessidades e recursos;
- Treinamento interdisciplinar. Este último é muito difícil, pois, se nos capacitamos isoladamente, é muito difícil trabalharmos juntos depois. Em algum ponto, parte dessa capacitação deveria ter algum módulo de trabalho interdisciplinar.

E, obviamente, oferecer capacitação em saúde mental a líderes, equipes de resposta, mestres, funcionários e comunicadores, pois também terão uma função importante e têm que ser capacitados. Ficamos com muita raiva se fazem alguma coisa que vai contra nossa intervenção num momento de emergência, mas, se não capacitamos essas pessoas previamente, não podemos pretender que possam trabalhar articulados conosco.

As comunidades que carecem de recurso profissional devem ser capacitadas, assim como os líderes, para que tenham uma ação básica de cuidado da saúde mental.

Comunicação

O que acreditamos ser muito importante para trabalhar no cotidiano é tudo o que diz respeito à comunicação, que tem um papel muito importante. Nós, na verdade, somos profissionais da palavra, mas sempre que temos que traduzir nossas idéias em pequenas mensagens que têm que chegar até a população não é tão fácil, porque temos que selecionar as idéias que realmente tenham um resultado no cuidado com as pessoas. Por isso, achamos que temos que:

- Desenvolver conteúdos de informação, alguns para divulgação massiva e outros para divulgação mais especializada;
- Elaborar informação específica acerca de processos de conduta, pois as pessoas precisam saber o que pode ocorrer quando acontece um furacão, uma enchente, e precisam saber como podem ser as condutas diante dessas situações;
- Orientar sobre as modalidades de transmissão da informação, articulação e coordenação com altofalantes, com facilitação da informação adequada. Como pode um comunicador, um médico, etc, transmitir uma informação?
- Esclarecimento sobre mitos e crenças. A memória histórica que tem cada comunidade vai influenciar a forma de conceituar o que acontece. Não temos que lutar contra isso, mas juntar-nos a essa situação, e, se houver algum tema que interfira no desenvolvimento da comunidade para que possa voltar ao seu funcionamento cotidiano, tratar de abordá-lo junto à comunidade.

Coordenação

Algo que acredito ser muito importante é o tema da coordenação. Na resposta, nos momentos agudos de intervenção, o problema de coordenação é um segundo desastre sobre o desastre. Não é fácil coordenar-se, articular-se. Às vezes é difícil com nossas próprias equipes.

Para uma boa coordenação, faz-se necessário:

- Levantamento de instituições, organizações e organismos que contam com recursos para a atenção à saúde mental em desastres;

- Treinamento interdisciplinar para facilitar a articulação;
- Desenvolvimento de atividades conjuntas com profissionais e técnicos de outras disciplinas;
- Promover alianças interinstitucionais e intersetoriais para facilitar a resposta aos eventos.

Planejamento

Desenvolver planos de curto, médio e longo prazo para minimizar riscos, reduzir condições de vulnerabilidade e preparar-se para responder, levando em consideração a afetação psicológica em cada situação e cada comunidade. Claro que, se existe um plano, e, se temos que ajudar uma comunidade diferente, esse plano de outra comunidade pode servir como exemplo, mas tem que ser adequado, porque cada comunidade tem suas necessidades.

Participação comunitária

Muito importante também, e que deve ser trabalhada na etapa prévia, é a participação comunitária.

– Promover o protagonismo de todos os atores sociais como agentes capazes de transformar as situações de risco em oportunidades de desenvolvimento. Nunca uma comunidade ou uma pessoa é a mesma depois de atravessar uma situação de desastre. Então, é importante que possamos aprender e, sobre essa aprendizagem, possamos assentar uma experiência que nos permita trabalhar com maior participação.

– Estimular a participação comunitária como fator de sustentação e elemento protetor. Isso quer dizer que nossa função é somente de a facilitadores, de catalisadores.

Intervenções no cotidiano:

- percepção do risco;
- planejamento;
- capacitação;
- comunicação;
- coordenação;
- participação e organização comunitária.

Para trabalhar em outra etapa, quais seriam nossas intervenções nos eventos?

Acreditamos que seja, basicamente, atender o impacto emocional, para conseguir o restabelecimento das modalidades de funcionamento cotidiano das pessoas e dos grupos.

Com quem trabalharíamos? Com os indivíduos, com os grupos, com as famílias e com as instituições.

As intervenções nos eventos têm que estar direcionadas à contenção do impacto emocional, elaboração de perdas e recuperação dos recursos de enfrentamento.

Essas pessoas estão olhando a queda das Torres Gêmeas em Nova Iorque. É uma imagem que resume o impacto, não? Não podemos dizer o que cada uma delas sentiu que estivesse perdendo, porque é



uma experiência completamente individual, mas, com certeza, em cada uma dessas situações, existe a vivência de que se perdeu alguma coisa: algo material, um ser querido, um trabalho, certa tranquilidade ou o fato de não mais reconhecer sua cidade, ou seja, o cenário que viam depois do desastre não era o mesmo do lugar onde nasceu, cresceu, se desenvolveu e que era sua casa.

Objetivos das intervenções

- Restaurar o funcionamento de mecanismos de adaptação;
- Reforçar a capacidade para resolver problemas;

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

– Promover o desenvolvimento de um sentido interno de ordem e perspectiva para reorganizar seu mundo;

- Ajudar a processar psicologicamente as emoções, e
- Ajudar a reintegrar-se às redes de sustentação, interrompidas pelo desastre.

A existência de redes familiares e sociais de sustentação não é garantia de que as pessoas sofrerão menos ou de que vão se recuperar mais rapidamente, mas dá-nos um recurso para que essas pessoas tenham a possibilidade de maior enfrentamento.

Ações diretas e indiretas nos cuidados com a saúde mental**Ações diretas**

- Avaliação de danos e necessidades;
- Detecção de grupos de risco;
- Orientação e assistência de atingidos diretos e indiretos: feridos, familiares de feridos e de pessoas falecidas, testemunhas presenciais, equipes de resposta, equipes de saúde;
- Informação de manifestações emocionais para líderes comunitários, comunicadores, funcionários, docentes, membros de equipes de resposta, comunidade;
- Elaboração do impacto para grupos de intervenção.

Ações indiretas

- Recomendar a difusão de informação adequada e confiável (listas de feridos e falecidos, indicações e lugares para a realização de trâmites, difusão de centros de assistência);
- Recomendar a agilidade de trâmites burocráticos. No exemplo do incêndio da discoteca, no final de 2004, mencionado pela Susana, muitas famílias esperaram várias horas para reconhecer os cadáveres e por todo o trâmite no reconhecimento de cadáveres. Todo esse trâmite é inevitável, mas as pessoas deveriam ser informadas disso para que elas não se sentissem desprotegidas.
- Garantir a assistência às vítimas;
- Dar assessoria aos funcionários;
- Favorecer a recuperação do funcionamento das instituições, como, por exemplo, as escolas.
- Promover o fortalecimento das instituições: diferenciação de funções adequadas ao exercício da autoridade e da liderança, reconhecimento dos riscos, dificuldades e recursos;
- Estimular o fortalecimento de laços familiares e sociais.

Assistência psicológica inicial nos hospitais

Desde o primeiro momento de chegada dos feridos, dispor de profissionais de saúde mental em áreas críticas: salas de espera, unidades de terapia intensiva e espaços para familiares. É muito importante nessa hora, pois é um momento de muita confusão, muito impacto, e a presença de profissionais treinados ajuda as pessoas a processarem essa situação.

Como ações para realizar nessa assistência nos hospitais, poderíamos citar as seguintes:

- Contenção do impacto emocional de familiares e conhecidos;
- Acompanhamento de familiares na busca de informação;
- Orientação e assessoramento a servidores administrativos e voluntários;
- Orientação e contenção da equipe médica.

Trabalhamos muito tempo com profissionais de terapia intensiva. O médico de terapia intensiva é um profissional treinado para trabalhar constantemente entre a vida e a morte, mas, nesses casos em que há um estresse diferente, sentem-se envolvidos de uma forma singular. Já aconteceu várias vezes, médicos muito bem treinados nos dizerem que não queriam mais mortes dos pacientes.

Assistência psicológica em necrotérios

É uma questão muito delicada. Constitui-se basicamente em:

- Acompanhar familiares na realização de trâmites burocráticos e no processo de identificação por meio de fotografia ou presencial;
- Assessoramento e orientação ao pessoal que trabalha nos necrotérios, planejando modalidades de comunicação com os familiares para facilitar a situação.

Adequação do papel do psicólogo

- Adaptar-se a cenários pouco convencionais e mutantes;
- Adaptar-se ao trabalho multidisciplinar;
- Adaptar-se à variedade de discursos e modalidades de trabalho;
- Trabalhar na comunicação;
- Ter muita plasticidade;
- Ter muita tolerância à frustração.

Os grandes desafios que temos estão relacionados a trabalhar mais e melhor para suavizar esses obstáculos que não nos permitem perceber bem os riscos, e conseguir maior participação das comunidades para que dominem essas situações, esses riscos, para podermos trabalhar em conjunto: profissionais, comunidade, defesa civil e forças de segurança, a fim de que as situações não nos sufoquem.

Obrigada.

Intervenção psicológica em emergências e desastres: a experiência peruana

Desirée Salazar

Psicóloga; membro e fundadora da Sociedade Peruana de Psicologia das Emergências e Desastres

Para mim, é um prazer estar aqui no Brasil. É um país muito agradável, principalmente pela sua gente, pela amabilidade, pela hospitalidade que recebemos desde que chegamos aqui.

– Apresentação de um vídeo.

Esta é uma das nossas tantas emergências. A última foi a do vulcão Ubinas, do qual vamos falar mais à frente.

Pertencemos à Sociedade Peruana de Psicologia das Emergências e dos Desastres, uma Sociedade fundada por psicólogos voluntários. Percebemos que os psicólogos que trabalham nessa Sociedade pertencem à Cruz Vermelha, ao corpo de bombeiros e a brigadas de saúde; de alguma forma, há um perfil para trabalhar nessas atividades voluntárias. A partir daí, forma-se a Federação Latino-americana de Psicologia das Emergências e dos Desastres, da qual fazem parte muitas federações, como a argentina, a chilena. Então temos muito com o que trabalhar.

Falarei de três experiências, e, em cada uma delas, há uma intervenção psicológica diferente para cada situação.

Incêndio em Mesa Redonda

Mesa Redonda é um shopping localizado no centro histórico de Lima. É um mercado popular cujos preços são muito baixos. O incêndio aconteceu num sábado, 29 de dezembro de 2001.

Essa imagem foi captada por um edifício que está em frente ao shopping. O shopping fica numa avenida muito movimentada. Imaginem todo o movimento que começou às 19h do dia 29 de dezembro de 2001, quando as pessoas foram fazer compras para o Ano Novo. A Câmara de Vigilância da Polícia Nacional do Peru (PNP) detecta o início do fogo às 19h15. A rua estava congestionada de compradores e carros.

Nesse lugar, haviam sido realizadas simulações. Para nós, quando acontece um incêndio assim, chamamos de morte anunciada, ou seja, nós já sabíamos que, se acontecesse um incêndio em horários de

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

pico, seria, e foi, uma tragédia. Uma das maiores tragédias do país.

O incêndio aconteceu no cruzamento de duas ruas, em pleno coração da cidade de Lima.

O lugar onde começou o incêndio abrigava uma população de mais de vinte mil pessoas: eram comerciantes agrupados em galerias que não ofereciam as condições de segurança adequadas para controlar qualquer emergência.

Cerca de 70% das vítimas eram crianças e mulheres, que, no momento do sinistro, ficaram totalmente desprotegidas devido, entre outras razões, a uma cultura que não valoriza nem respeita a vida dos outros. Muitas pessoas não puderam sair das galerias devido à quantidade de carros que estavam parados na frente dessas galerias. Outras pessoas, quando viram o fogo, pensaram que fossem fogos de artifício e ficaram completamente paradas, admirando as bonitas luzes que viam nesse momento.

Muitos ficaram presos nas galerias, pois, pensando que fosse um roubo geral, fecharam-se nas suas lojas.

Lembro-me muito bem da intervenção de muitos amigos bombeiros. Nosso amigo Santiago Valero encontrou três amigos na rua, todos bombeiros e os quatro tomaram um táxi para ir até o shopping. Quando o taxista soube que eles eram bombeiros, e iam ajudar a apagar o incêndio, não cobrou a corrida. Conto isso para que vocês vejam o sentimento altruísta que se espalhou pela cidade.

Nesse momento, chegaram muitos bombeiros à paisana para tentar ajudar. Nos primeiros minutos, alguns bombeiros fizeram uma tentativa arriscada, mas falharam. Era muito difícil conter o fogo. As casas, nesse lugar, são feitas com muita madeira; além do mais, em todas as avenidas, vendiam-se fogos artificiais, roupa ou material plástico.

As unidades médicas, ambulância de bombeiros, serviços privados e hospitalares ultrapassaram suas capacidades de resposta.

As investigações concluíram que um girador elétrico de EDELNOR seria o elemento mais controverso da investigação, já que sua explosão eletrocutou mais de vinte pessoas que tentavam fugir. Os arames caíam no chão e tocavam as pessoas, mas a umidade e o próprio fogo geravam muito mais perigo. Houve pessoas que morreram queimadas e asfixiadas.

A galeria mais afetada também foi onde havia mais cadáveres. Essa galeria era feita de concreto e de tijolos, e muitas pessoas achavam que fosse a parte mais segura, mas foi o lugar onde mais vítimas havia.

Pôde-se chegar à zona da emergência somente às 10h da manhã do dia seguinte.

O armazenamento e o uso indevido de materiais como fogos artificiais, plásticos e outros objetos inflamáveis foram os causadores do incêndio. Como falamos anteriormente, era uma morte anunciada, pois as pessoas continuavam vendendo esse tipo de material num lugar fechado.

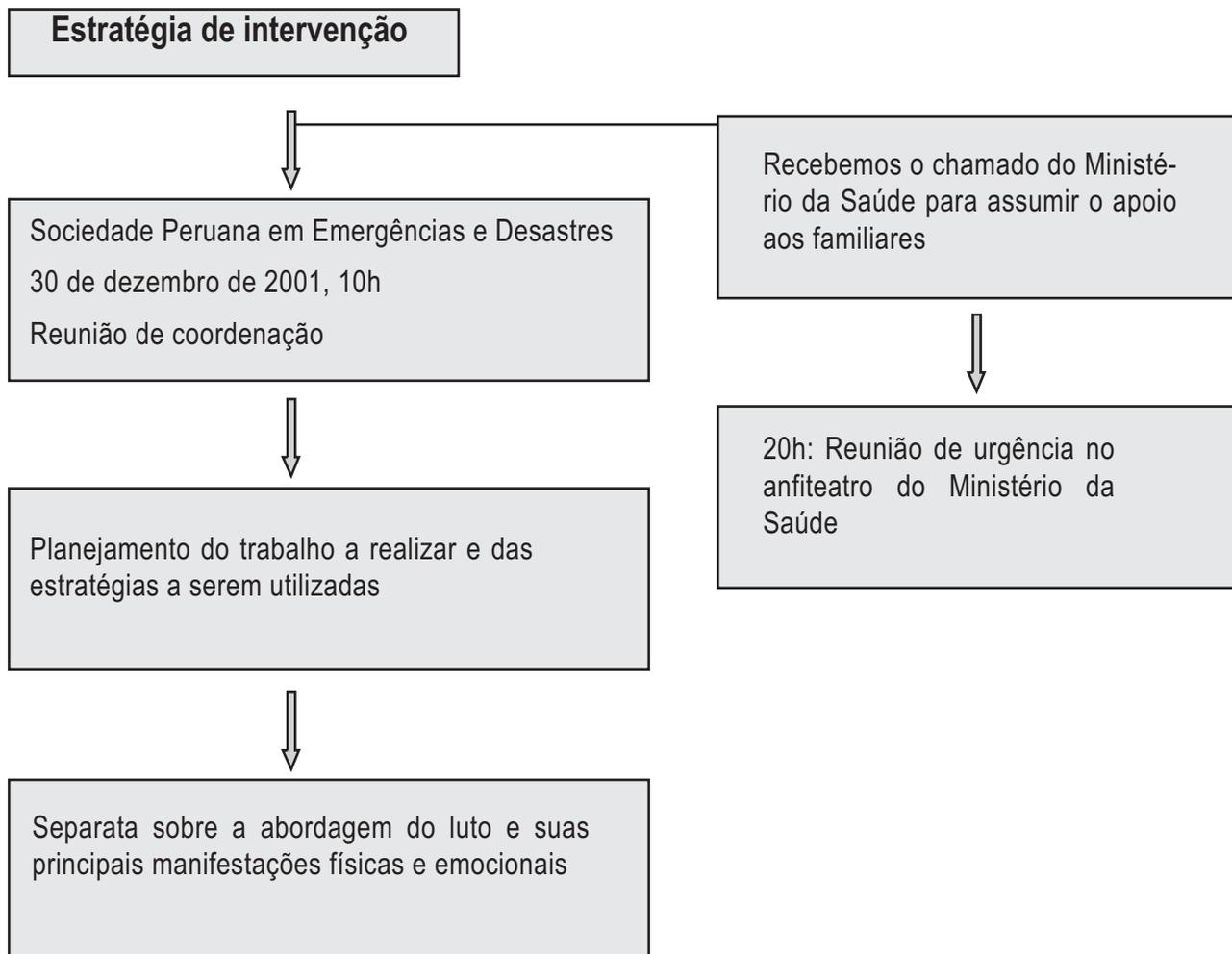
Havia crianças que manipulavam os fogos de artifício como vendedores de rua, e desconheciam os detalhes de segurança.

Mesa Redonda abrigava um dos maiores mercados informais de Lima. Havia muitos comerciantes nesse lugar.

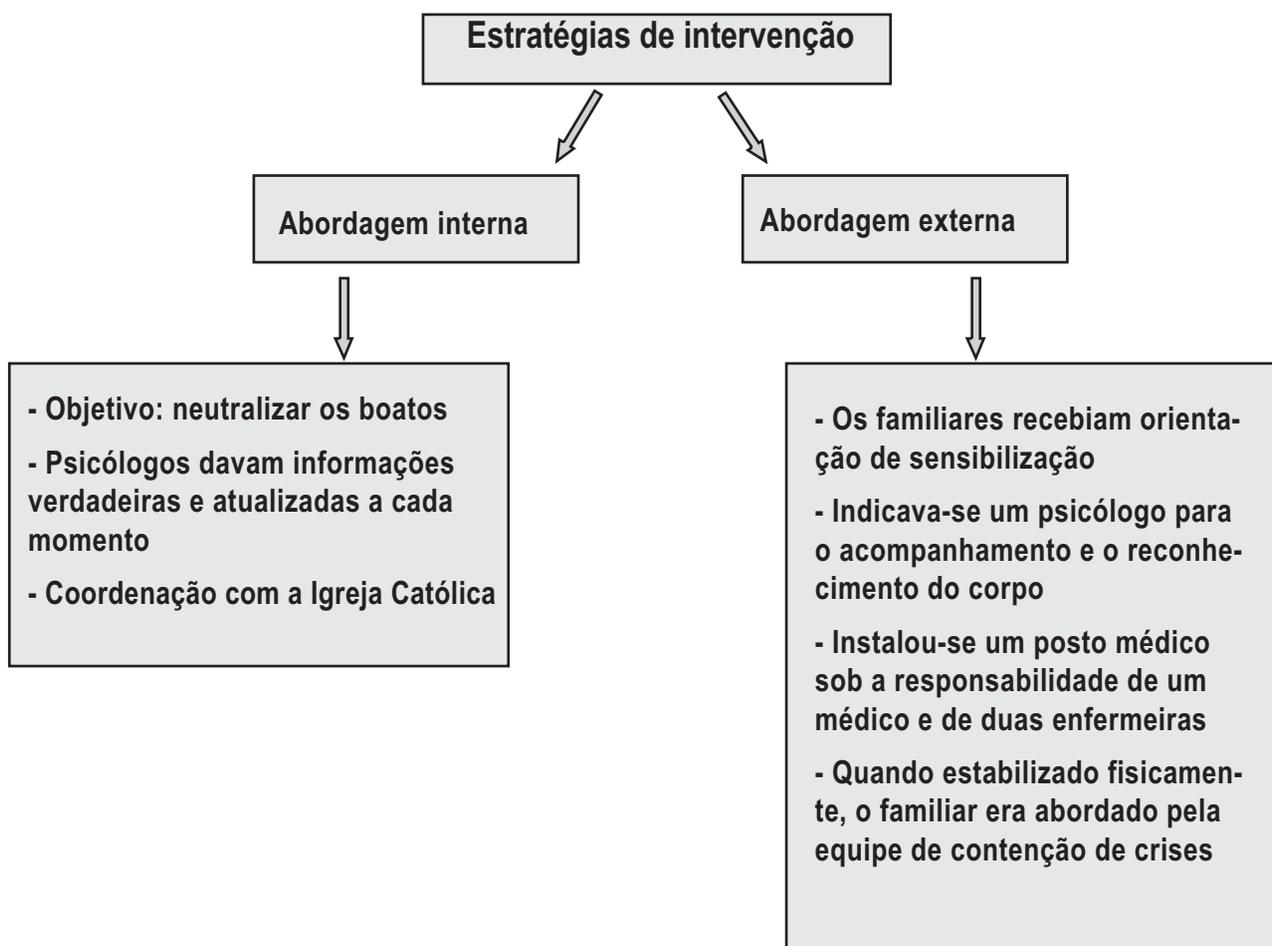
Houve um impacto emocional dos familiares de quase 300 vítimas, com suas seqüelas de estresse pós-traumático, o que danifica significativamente a qualidade de vida e a resistência da saúde mental das pessoas afetadas e as de seus familiares.

Os psicólogos são chamados para visitar hospitais, mas não sabíamos a quantidade de mortos. Por meio do Ministério da Saúde, houve um contato com o Colégio de Psicólogos, e este chamou a Sociedade Peruana de Psicologia de Emergências e Desastres para realizar uma intervenção específica com essas pessoas.

Danos pessoais	Danos materiais
» 274 mortos » 210 feridos	» 15 locais destruídos » 15 carros destruídos



Reunimo-nos no dia 30 de dezembro, às 10h da manhã, para começar a traçar estratégias de intervenção. Nunca havíamos tido experiências nesse nível. Tínhamos relatórios de uns trabalhos que foram feitos na Espanha, que nos ajudaram a ter um ponto de referência para a intervenção. Realizamos uma separata sobre a abordagem do luto e suas principais manifestações físicas e emocionais, para que a população soubesse que o que ia sentir era normal dentro do processo de recuperação emocional. Recebemos um chamado do Ministério da Saúde para atender os familiares das vítimas. Às 20h, houve uma reunião com o Ministro da Saúde, que disse que queria a presença de pessoas que trabalhassem com o manejo do luto. Isso nos deu toda a abertura que até agora continua. No setor público, já há psicólogos trabalhando com emergências e desastres formalmente. O Ministério da Saúde tem uma linha telefônica denominada "infosauúde". Muitos psicólogos ficaram nessa linha, que ficou aberta por 72 horas depois da emergência, porque nós tínhamos uma relação de supostos desaparecidos e mortos. Isso também ajudou muito as famílias a se comunicarem pelo telefone, e também foi uma estratégia de ação.



Nossas estratégias de intervenção eram neutralizar os boatos. Um dos boatos que corria era que os órgãos dos mortos seriam vendidos. Então, muitas pessoas queriam ver os corpos, com medo de que começassem a comercializar os órgãos dos seus familiares. Esse era um boato. Os psicólogos davam informações verdadeiras e atualizadas a cada momento. Foi feita uma coordenação com a Igreja Católica, inicialmente, e depois com outras igrejas. Quando, ao necrotério central, começaram a chegar todos os cadáveres, foi armada uma estrutura na qual os familiares teriam que permanecer sentados, e começamos a levar os sacerdotes para que realizassem missas para os católicos. Depois chegava um pastor para realizar um culto para os protestantes. Foi muito respeitado o aspecto religioso, espiritual. No Peru, apesar de a religião católica ser a oficial, atualmente existem muitas religiões.

Como estratégias de abordagem interna, os familiares recebiam orientação de sensibilização, e era indicado um psicólogo para o acompanhamento e reconhecimento do corpo; foi instalado um posto médico que estava sob a responsabilidade de um médico e de duas enfermeiras e, quando estabilizado fisicamente, o familiar era abordado pela equipe de contenção de crises. Era uma equipe que realizava um acompanhamento, mas fazia uma abordagem especial.

Antes de o profissional de saúde mental ou o psicólogo realizar o acompanhamento e o reconhecimento de vítimas, entrava um grupo de psicólogos que avaliavam o que estava acontecendo, e lá dentro havia uma série de cadáveres que não podiam ser reconhecidos. Eram corpos carbonizados. Fazíamos isso porque tínhamos que preparar os psicólogos e dizer o que eles iam encontrar lá dentro. Os psicólogos, por sua vez, já de posse da informação, avisavam os familiares em que estado estavam os corpos e avisavam que haveria dificuldade de reconhecê-los. Lá dentro, os corpos estavam separados por gênero e idade (crianças e adultos), obviamente, quando era possível fazer essa identificação.

Essas pessoas que vocês vêem na foto são brigadistas de emergências e desastres da zona de Lima Sul, que treinaram um grupo de brigadas de busca e resgate, e, dentro dessa intervenção, havia capacitados em saúde mental e um grupo geral, composto, não exclusivamente, de psicólogos. Então tivemos a ajuda de técnicos de enfermagem, enfermeiros, médicos, pessoal administrativo, que tinham sido treinados em brigadas e puderam realizar o acompanhamento.

Para lidar com esse tipo de situação, as pessoas devem ser maiores de 20 anos, ter alguma experiência de acompanhamento ou de trabalho com luto e morte. Essa foi uma regra imposta pela Sociedade Peruana de Psicologia de Emergências e Desastres.

De 30/12 a 2/1, fizemos o que se chama de *briefing*. Ninguém ia embora se não nos reuníamos e compartilhávamos o que tínhamos vivido. Geralmente, quando chegávamos e saíamos de uma sala, vinha um psicólogo e perguntava se estávamos bem. Isso era muito alentador, mas havia psicólogos que se sentiam muito frustrados por não poderem realizar o acompanhamento. Então dizíamos que não era só isso que podiam fazer, mas que podiam estar em outros lugares, fazendo outro tipo de intervenção.

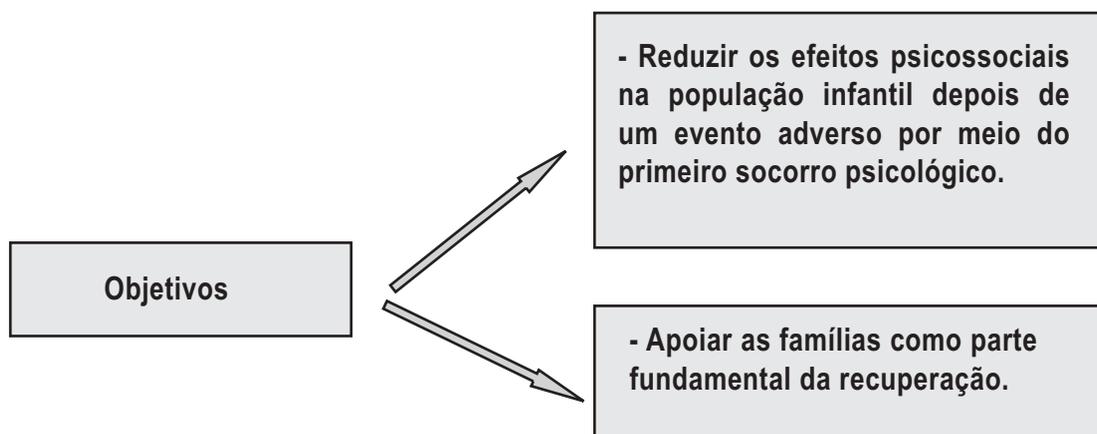
As emergências são muito grandes, e as intervenções também são muito específicas em cada evento.

Nesse evento de Mesa Redonda, acho que todos ficamos “doutores” em desastres, não somente em Psicologia, mas em todas as áreas. Tivemos muito contato com médicos forenses, com bombeiros, com advogados, dentistas.

Save the Children

Outra intervenção que tivemos foi um incêndio numa favela chamada Lomo de Corvina, localizada na Villa El Salvador, em Lima. Foi um trabalho feito em conjunto com a organização *Save the Children*.

Nessa intervenção, eram 1.210, pessoas que integravam 323 famílias. As casas dessas pessoas eram de palha, madeira ou material inflamável. Careciam de serviços básicos de água e esgoto. No dia 11 de dezembro, muito perto do Natal, às 5h30 da tarde, aproximadamente, começa o fogo numa das casas. Quatro quarteirões foram incendiados.



Essa intervenção também foi realizada por meio de equipes multidisciplinares. Isso implicava reuniões com a rede de Serviços de Saúde-Villa El Salvador, defesa civil, Cruz Vermelha e a Defensoria Municipal de Violência – DEMUNA. Era uma equipe que trabalhava no lugar, e tínhamos que entrar num acordo sobre as decisões a serem tomadas.

Início da intervenção

No dia 23 de dezembro de 2003, realizamos o mapeamento e o reconhecimento da zona, entrevistando os dirigentes a fim de conhecer o número de famílias e as idades dos filhos para selecionar a população com a qual iríamos trabalhar. A Sociedade Peruana de Psicologia de Emergências e Desastres

também tem suas subespecialidades. Eu, por exemplo, trabalho com crianças, outros com adultos, outros com idosos, etc.

Depois do incêndio, as pessoas foram recolocadas, provisoriamente, na parte mais baixa. O fato de não terem nem água, nem esgoto, não era muito diferente da sua realidade, mas o problema era que lá embaixo ventava muito.

Nossa população-alvo era as crianças de 4 a 11 anos de idade.

Características da população

- Crianças menores de 11 anos.
- Algumas das crianças eram trabalhadoras.
- Algumas meninas apresentavam antecedentes de violência sexual, abandono por parte da mãe ou pai, e algumas que moravam somente com o pai.

Quando fazemos uma intervenção, temos que avaliar a população com a qual temos que trabalhar, pois isso nos permite definir planos específicos.

Intervenção psicológica

O trabalho de recuperação emocional das crianças em situação de emergências e desastres baseia sua metodologia nas técnicas vivenciais e lúdicas. Essa metodologia permite canalizar suas emoções e diminuir o impacto, e permite também viver momentos agradáveis. Nós fizemos essa intervenção com a psicóloga do Hospital, pois, em algum momento, vamos sair, e alguém deve continuar essa intervenção. A criança evidencia as relações com seu entorno (família, amigos e comunidade), mas acima de tudo, expressa seus temores e cria sua experiência diante da comoção.

Etapas da intervenção:

- Dinâmicas de integração e conhecimento
- Dinâmicas de recreação
- Relaxamento
- Criação e expressão a partir do jogo

Depois de passado um mês do incêndio, algumas crianças continuam apresentando:

- Terror noturno
- Enurese
- Medo de fogo
- Pesadelos
- Comportamento agressivo.

Muito obrigada.

**Mesa-redonda 4:
Contribuições da Psicologia para a
construção de
comunidades mais seguras:
comportamento, cultura e
organização social**

Giuseppe Sica

Professor de Sociologia dos processos culturais e das comunicações da Universidade de Pisa – Itália; Diretor do Comitê Científico do Instituto Internacional de Psicologia da Emergência da Itália

Obrigado, sobretudo porque estou aprendendo. Espero fazer um intercâmbio com vocês, no qual aprendam pelo menos metade do que estou aprendendo. O que aprendo é o que vivo, que é uma situação de grupo com vocês e com meus colegas. Isso é o início, a base de qualquer trabalho.

Enfrentar a emergência significa ter um grupo. Não se pode fazer esse enfrentamento sozinho, mas com todos juntos, cooperativos e solidários. Isso é o que posso levar comigo para a Itália, esse apoio do trabalho de grupo. A novidade é que se pode fazer isso também em uma atividade como esta, onde poderíamos estar competindo de modo desastroso. E, pelo contrário, uma situação de unidade. Esses são os sentimentos que podem guiar um agente em uma situação de emergência. Em emergência, o que é útil é a emoção e a criatividade. Parece estranho falar isso, mas é preciso saber se divertir, fazer o trabalho com bom ânimo, com boa vontade, com energia positiva. Isso é o retorno para qualquer agente que precisa voltar de uma missão com saúde. Não é possível dar mais do que se pode dar. O maior perigo é ser generoso demais. É preciso voltar para casa saudável.

Ocupo-me de processos culturais criativos na Universidade de Piza e ocupo-me de emergências, que são diferentes da urgência.

Uma situação de urgência tem um protocolo, horário de entrada e de saída. A emergência, não. Sabe-se quando se entra, mas não se sabe quando se sai. Somos nós que precisamos saber a hora certa de sair, por isso, é preciso planejar o trabalho de modo que, ao sair, alguém assuma o seu lugar.

A palavra emergência significa muitas coisas. Há emergência de quem namora, a dos professores, na escola, que trocam de turma todo ano, a das prisões. Isso significa que me ocupo da formação dos agentes de emergência: professores, carcereiros.

Ontem se falava de pânico. Pelo que estudei de psicanálise e Antropologia cultural, pânico é um arquétipo, uma defesa, como a epilepsia. Com a epilepsia você pára, finge-se de morto. É uma maneira de se defender do agressor. Com o pânico, foge-se e é preciso ser como um *cowboy* para se conseguir dominar as ondas do pânico. Então, por isso, precisamos ser voluntários e ter muito esclarecimento, como fazemos e gostamos de fazer. Quando trabalho com formação de agentes, muitas vezes eles dizem que não precisam desse tipo de trabalho, pois não são loucos. Pelo contrário, dizem, “Sou uma pessoa fria, dura e segura”. Isso me alarma, porque esse é meu trabalho, que consiste em ensinar que a única dureza que podemos ter é nos dedos, quando vamos tocar violão. Esse é o princípio que utilizo ao trabalhar nas escolas, nas prisões e nas emergências.

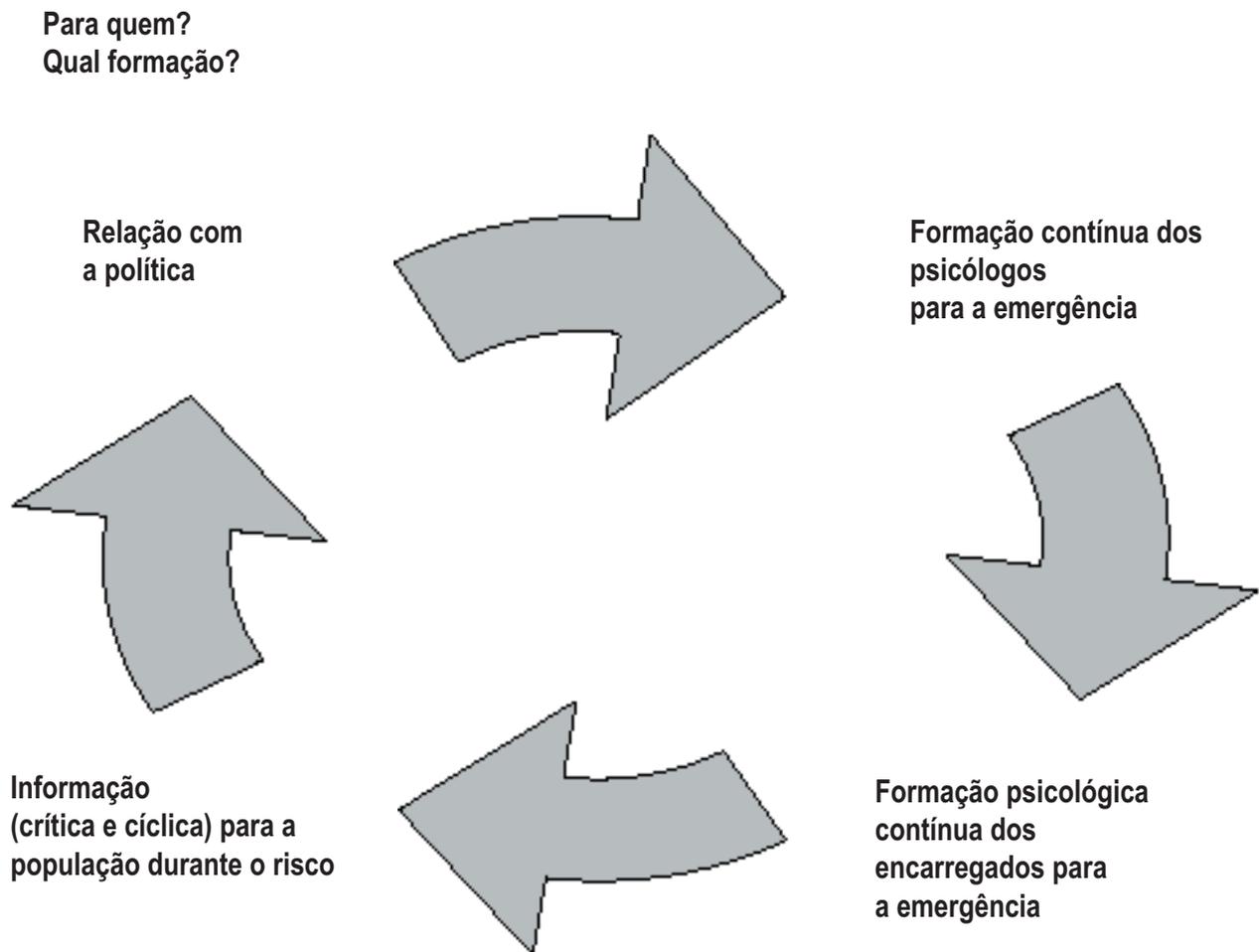
A formação para emergências e desastres possui três fases:

1. A informação para a população;
2. A formação dos agentes: geólogos, engenheiros, médicos, enfermeiros;
3. A formação do psicólogo.

São três aspectos integrados, mas distintos.

Quero mostrar uma síntese que preparei, através de um *power point*, mas antes, quero narrar um fato: a situação é um dilúvio que aconteceu há mais de 50 anos, na Itália. A chuva provocou uma grande enchente, e um rio inundou todas as terras dos trabalhadores. A casa de um agricultor foi destruída. A água leva tudo embora, e toda a família é arrastada pelas águas. O pai se agarra a uma árvore. Passam diante dele, levadas pelas águas, a mulher e a filha. Ele precisa, com uma só mão, ficar preso à árvore e esticar a outra para pegar uma delas. Quem ele pega? A mulher ou a filha?

Agora veremos o material enquanto vocês pensam, e voltaremos a falar sobre o assunto.



O conceito central desse círculo é a interação. Pode-se começar em qualquer um dos pontos, mas todos esses momentos são de integração. É uma integração de relação, não de poder, que vai desde a formação dos psicólogos e dos agentes além da a informação da população em risco, até a relação com a política. O psicólogo tem que saber escolher se participa ou não de uma situação de emergência. Isso deve ser uma opção. Precisa saber se quer sair de seu laboratório, de sua clínica, e trabalhar nesse outro contexto, sem defesas, lá fora, com seus sentimentos. Os agentes, como geólogos e engenheiros, devem servir-se da Psicologia, de seus recursos. A população deve poder criticar o plano de emergência, deve ser ativo diante da situação. A relação com o governo precisa ser clara. É melhor haver gastos para prevenção de danos do que para a recuperação desses danos.

Distinção entre urgência e emergência

Conforme minha experiência profissional, fazer essa diferença é importante. Gostaria de saber a opinião de vocês sobre essa distinção.

Urgência

Situação de extrema gravidade, que exige intervenções, soluções e decisões imediatas. Faz parte da rotina, e é previsível.

Emergência

Circunstância ou eventualidade imprevista que requer medidas excepcionais. Exige invenções e criatividade. Não é previsível. Quem opera em uma emergência, está em risco.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Abaixo, um resultado de um exercício que fiz com meus alunos de doutorado.

- Planejamento
- Prevenção
- Pré-alarme
- Alarme
- Estabilização
- Reconstrução

A primeira coisa que se faz em uma situação de emergência é o planejamento, o estudo, que deve servir para prevenir o dano. Prevenir quer dizer retirar as causas ou reduzir o dano ou fazer a situação voltar ao normal o mais rapidamente possível.

O pré-alarme é o oposto. É um momento em que se avalia quem irá, quem tem condições de prestar socorro. Na Itália, um capitão de bombeiros me disse: “Isso não posso fazer, somos militares”. Eu respondi: “Mas sua equipe é composta de quantas pessoas?” Ele disse: “Doze”. “E por que, em doze, três não podem ir, três ficam na observação e os outros ficam na reserva?” Ele se surpreende: “Então se pode escolher, não?” Pode, sim, pode-se escolher entre os doze aqueles que se sentem mais em condições e com vontade de ir.

Não creio que ele tenha digerido bem a possibilidade. Era difícil para ele, porque sentiu isso como uma perda de poder. Sua formação o construiu assim, portanto, não era sua culpa.

O alarme é o momento em que se “pula no mar”, se joga na situação, sem olhar a lista de um, dois, três. É preciso a energia para se jogar na situação e criatividade para saber como voltar. Ontem, falando com os bombeiros daqui, soube que esse é o treinamento deles. E me diziam isso com satisfação, e não com depressão.

Depois ocorre a estabilização. É a fase da triagem para manter vivas as pessoas, quando se avalia como estão os atingidos, como devem ser socorridos, se devem ser retirados de lá, para onde devem ser levados.

Mas a emergência não acabou aqui, porque ainda há a reconstrução, que deve ter um prazo. Quando você terá a sua casa ou uma casa de volta? Precisa de uma data. Quando se volta ao trabalho? Precisa de uma data. Essa é a capacidade de uma organização de defesa civil. A credibilidade está nisso.

Diagrama da emergência

É um diagrama de fluxo da emergência. A reconstrução colocará em crise o planejamento, porque pode mostrar os erros do plano. Então se recomeça, o que transforma esse em um trabalho que enfrenta o prazer de estar neste planeta, convivendo com os riscos que aqui temos.

FIM

Esse não é o fim. Essa é uma palavra que escreveram meus alunos, dizendo “basta... chega”... Trabalharam três meses para aprender, construir e oferecer para vocês este trabalho.

E agora, voltemos ao início: O trabalhador salvou a mulher ou a filha? É importante, naturalmente, pensar no porquê. Quem acredita que ele salvou a mulher, levante a mão. Quem pensa que salvou a filha, levante a mão. (A maioria levantou a mão) E quem pensou que não decidiria, levante a mão. Essa última resposta é um sintoma de que aqui dentro há uma boa relação. Alguém gostaria de explicar porque ele salvou a mulher e outro, porque salvou a filha?

- Salvou a mulher porque esta, com seu instinto materno, estaria presa à filha, e assim se salvariam todos.
- Salvou a filha, porque é parte de seu sangue, e isso é muito forte.
- Salvou a filha, porque ela teria muito tempo de vida ainda pela frente.

Parece-me, com essas respostas, que poderíamos começar um trabalho de grupo e criar nossa própria formação.

Para que vocês saibam como realmente ocorreu o fato, contarei como aconteceu na realidade. O trabalhador salvou a mulher. A filha, não. Precisava trabalhar. A mulher poderia ter outros filhos. 50 anos atrás, o trabalhador precisava da mulher para trabalhar. Esse é um dado que precisa ser considerado. Em uma emergência, não se pode desconsiderar a cultura, a realidade em que vive o povo. Precisamos entender o que podemos encontrar, no campo dos desastres, que têm a ver com nossa competência, não com a competência de geólogos, de engenheiros. Nós nos ocupamos dos pensamentos, não no cérebro, mas nos pensamentos, nos sentimentos. Em situações de emergência, a opção de trabalho é como um voluntariado, senão não voltaremos bem para casa.

Creio que usei seu tempo e sua capacidade de ouvir de maneira exagerada. Se quiserem, com muito prazer, depois responderei suas perguntas e escutarei suas críticas e sugestões. Muito obrigado.

A questão da segurança na sociedade da incerteza

Marcos Antônio Mattedi

Mestre em Sociologia política; Diretor do Instituto de Pesquisas Sociais da Universidade Regional de Blumenau

Inicialmente, gostaria de agradecer o convite e parabenizar o Conselho Federal de Psicologia e a Secretaria Nacional de Defesa Civil pela organização deste evento. Aqueles que acompanham a temática dos desastres e das emergências sabem o quanto este Seminário é importante. Creio que constitui uma oportunidade para reunir e disseminar a questão dos desastres na comunidade acadêmica. Existem muitos estudos, mas são feitos de forma dispersa e desintegrada. Então, acho que esta oportunidade é revestida de uma importância singular, no contexto dos estudos sobre desastres e emergências no Brasil.

Gostaria de agradecer aos expositores que me antecederam. Havia preparado um texto para orientar minha fala, mas, em função do tipo de contribuição dos especialistas que falaram antes de mim, trabalhei esta noite e procurei reunir dados e mudar minha exposição para integrar e refletir com base nas informações que fui incorporando.

Evidentemente, não vim aqui para ensinar os psicólogos como fazer Psicologia. O que falarei diz res-

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

peito à minha própria disciplina. Foi considerando a Sociologia e me perguntando qual sua contribuição para os desastres é que comecei a refletir sobre o papel da Psicologia na construção de comunidades mais seguras.

Digo isso porque meu encontro com a temática das emergências e desastres foi na sala de visitas. Venho de uma região, o Vale do Itajaí, que tem um convívio de 150 anos com o problema das enchentes. Temos uma indústria da seca às avessas, em Santa Catarina. Em 1992, minha família foi duramente castigada por uma grande enchente. Eu havia ingressado no mestrado com um estudo tradicional de Sociologia política, mas a situação foi tão impactante que decidi dedicar toda a minha formação de mestrado e doutorado ao estudo das enchentes, e depois retornar a Blumenau para contribuir com estudos sobre esse tema.

Digo isso porque um desastre assusta e facina, ao mesmo tempo. Quando comecei a refletir sobre o problema que aqui nos reúne, lembrava de como minha família ficou naquela situação. Houve muita destruição. Toda a memória da família se perdeu. Imaginem aquelas fotos antigas, em preto e branco, que, ao serem molhadas, desaparecem; elas realmente sumiram. Não tenho mais minhas fotografias de criança. Porém, naquela situação, emergiram comportamentos, ações extremamente importantes e que me chamaram bastante a atenção, e, desde aquela época, venho acompanhando a discussão e a produção sobre os desastres. Então, o tipo de reflexão que trago une essa experiência pessoal à minha formação e também às minhas atividades profissionais na Universidade Regional de Blumenau. A partir dessas três posições, vou buscar refletir sobre a questão que nos reúne hoje pela manhã.

Logo que comecei a refletir sobre as eventuais contribuições da Psicologia, perguntei-me como poderia contribuir para produzir segurança. Então, faz-se necessário tematizar duas questões:

- 1ª) Quais são as fontes de insegurança;
- 2ª) O que entendemos por comunidade.

Estrutura da exposição

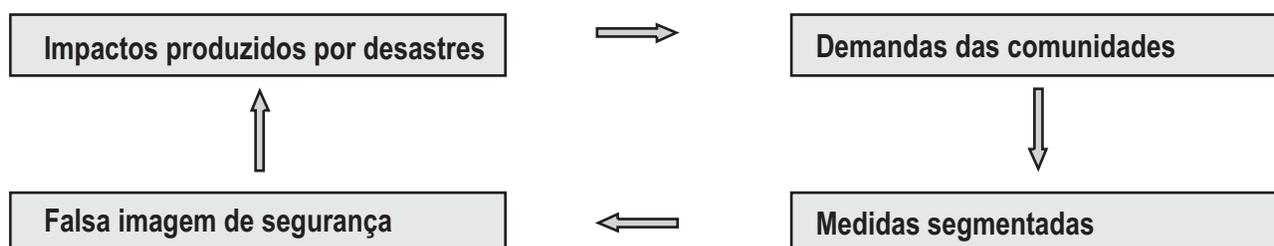
Será feita em quatro momentos:

1. Problematização da relação entre SEGURANÇA e COMUNIDADE
2. Apresentação das formas de caracterização da INSEGURANÇA
3. Apresentação das formas de caracterização das COMUNIDADES
4. Avaliação das contribuições da Psicologia

Relação entre segurança e comunidade

Quando tratamos a questão da segurança, deparamos-nos com uma contradição, ambivalência ou assimetria. Por um lado, mais investimento no processo de monitoramento, um aumento progressivo dos recursos investidos em obras de confrontação, pré, trans, pós-impacto, obras estruturais e não estruturais, todo tipo de estratégia para enfrentar o problema. Por outro lado, mais intensos se tornam os impactos.

Esse paradoxo resulta do fato de que os desastres são produto do padrão de desenvolvimento socioeconômico predominante, da interação da sociedade com a natureza, e as estratégias de enfrentamento procuram sustentar ou reconstruir esse padrão de ocupação do espaço e utilização dos recursos, e isso gerava um ciclo de retro-alimentação positiva.



Em 1957, Blumenau presenciou sete enchentes em um ano. Em função disso, foi criado um grupo de trabalho junto ao Governo Juscelino Kubitschek para resolver o problema das enchentes do Vale do Itajaí. A medida adotada foi a construção de um sistema de retenção, com três represas. Por que foram escolhidas represas? Porque, naquele momento, o desenvolvimento socioeconômico do Vale do Itajaí estava limitado pela falta de energia elétrica. Portanto, a construção das represas representava o potencial de geração de energia. Ocorre que, quando as represas foram construídas, foi dito à comunidade que elas eram seguras, o que estimulou a ocupação de áreas de risco. Com isso, ao ocorrerem novas enchentes, houve a amplificação do problema. Então, uma forma segmentada, limitada, parcial, de interferir no o problema aumenta o impacto do desastre.

Estava lendo um relatório do PNUD sobre administração de riscos, e a abordagem por eles realizada é a mesma, ou seja, os desastres constituem um entrave para o desenvolvimento, e é preciso adotar medidas para sustentar esse desenvolvimento. Isso gera um padrão ambivalente, contraditório e assimétrico de tratamento das questões dos desastres.

Isso nos leva à reflexão de que, se precisamos falar de situações de emergência, segurança e comunidades, é preciso entender de segurança, de escala de segurança e de conceito de comunidade.

Com base nesses procedimentos, argumentamos que a contribuição da Psicologia para a construção de comunidades mais seguras está relacionada à capacidade de mostrar que a segurança não constitui uma propriedade pré-determinada e inerente a um tipo específico de comunidade, mas constitui um efeito relacional de como a comunidade percebe a própria insegurança. A partir do reconhecimento do caráter conjuntural específico de cada comunidade, podemos falar das contribuições da Psicologia.

Para examinar isso, precisamos entender, primeiro, as formas como a insegurança pode ser abordada.

A classificação das fontes de incerteza

Existem três formas predominantes, usuais, conhecidas:

1. A incerteza como *hazards*

É uma tradição que vem da geografia humana, desenvolvida nos Estados Unidos, e tem preocupação com a característica dos eventos. A insegurança pode ser descrita com base nos processos geofísicos que cercam o mundo humano e, portanto, o fator determinante da caracterização dos desastres compreende a dimensão física.

Os eventos, então, podem ser comparados:

- a) Pela frequência: freqüentes ou raro;
- b) Pela duração: longos ou curto;
- c) Pela área de extensão: espalhados ou limitados;
- d) Pela rapidez de início: lentos ou rápidos;
- e) Pela dispersão espacial: difusos ou concentrados;
- f) Pelo espaço temporal: regulares ou aleatórios;

Isso significa que o tipo de segurança, de atuação e de intervenção depende do tipo de evento, e não da comunidade.

Desse ponto de vista, encontraremos comportamentos diferenciados.

Tipos de comportamentos

- 1) Absorção passiva dos impactos

Reflete a inexistência de consciência do risco, o que dificulta a preparação e aumenta a vulnerabilidade;

- 2) Ajustamento temporário

Absorção dos impactos, por meio da solidariedade comunitária e aceitação dos riscos pela população;

- 3) Redução dos impactos

Desenvolvimento de estratégias de atenuação individual antes, durante e depois dos impactos, exprimindo a capacidade da comunidade de estimar os custos de proteção e as perdas;

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

4) Modificação radical do comportamento

Ocupação do espaço e redefinição do modo de vida, que indicam a disposição política privativa de longo prazo.

Assim, cada tipo de intervenção da Psicologia, desse ponto de vista, será específico, mas essa não é a única forma de caracterizar o problema da insegurança.

2. A insegurança como desastres

A insegurança pode ser descrita como o resultado da relação de continuidade entre as condições sociais, o pré-impacto e a situação pós-impacto. Nesse caso, o que importa não é, necessariamente, o evento, e sim, a vulnerabilidade da comunidade a impactos negativos. A insegurança constitui, primeiramente, um fenômeno social e, portanto, deveria ser identificadas em termos sociais.

Estrutura teórica DRC típica

Tempo 1	Contexto socioevolucionário Demandas Componentes, domínios e limites dos sistemas de assistência a emergência
Impacto	Condições socioculturais
Tempo 1	Contexto socioevolucionário Demandas Componentes, domínios e limites dos sistemas de assistência a emergência

Fonte: Quarantelli, Dynes, 1977;37

Existe uma passagem do tempo 1 para o tempo 2. As condições pré-impacto se traduzem nas condições pós-impacto. Existe o que se chama de processo de passagem.

Comportamentos da comunidade

Tempo 1

Pré-impacto, onde se destacam as ações de preparação e reação.

Tempo 2

Pós-impacto, com medidas de recuperação e mitigação.

Então, o tipo de abordagem e de medidas é próprio de uma intervenção cognitiva. A insegurança é resultado da relação de continuidade entre as condições sociais pré-impacto e a situação pós-impacto, dos tipos de integração ou de conflito observados na comunidade e da experiência acumulada na confrontação da crise.

3. A insegurança como disposição sociocultural

Terceira forma de pensar a questão da insegurança, que diz que esta se converte numa disposição sociocultural. É o que Ulrich Beck chamou de sociedade do risco, nas quais as características principais das fontes de insegurança são:

a) A invisibilidade cotidiana das causas, pois os pontos de impacto não estão mais diretamente ligados aos seus pontos de origem;

- b) A escala autodestrutiva assume uma dimensão global;
- c) Os impactos não se encontram mais confinados a determinado grupo social.

Então, mais uma vez se caracteriza que, dependendo de como a questão da insegurança seja configurada, implica um tipo de resposta e, portanto, um tipo de intervenção da Psicologia.

Em Blumenau, por exemplo, uma pessoa rica poderia mudar-se para um apartamento ou para uma região mais alta. Foi o que aconteceu. As encostas foram ocupadas. Porém, do Césio 37, não há como se proteger. Os efeitos do impacto sobre a alimentação, a destruição do meio ambiente e o aquecimento global são diferentes para os diferentes grupos sociais, mas todos são atingidos.

Assim, reforço que, ao pensar em segurança, precisamos pensar primeiro nas condições de insegurança, que ainda são relativamente controversas. Estão sendo negociadas as formas de como podemos falar delas.

Comportamento da comunidade

Para Beck, a insegurança constitui o produto da aplicação da ciência à tecnologia para a manipulação da natureza. A ciência, na sociedade do risco, é sempre mais necessária, porém sempre menos eficiente.

O movimento posto em marcha na sociedade do risco se exprime pelo indicativo “tenho medo”. A ansiedade toma o lugar da necessidade, pela impossibilidade de controle das conseqüências das decisões civilizacionais.

Síntese

A insegurança apresenta duas perspectivas epistemológicas de abordagem:

Realista

A insegurança é definida de forma objetiva em termos de eventos e impactos.

Construtivista

A insegurança é definida de forma subjetiva em termos socioculturais.

Dependendo de como configuramos a insegurança, teórica e metodologicamente, a intervenção da Psicologia será diferente, assim como de qualquer outra ciência. O olhar dirigido para o fenômeno determina a maneira de tratá-lo, e existem controvérsias sobre como devemos caracterizar o fenômeno. Assim, creio que a primeira contribuição da Psicologia é reconhecer o caráter diverso e controverso de caracterização do fenômeno.

Porém, não somente a insegurança é controversa. A própria noção de comunidade é controversa.

Caracterização de comunidade

Venho de uma área onde essa questão é extremamente problemática. É uma comunidade cognitiva, normativa, virtual; qual é o impacto? É uma escala espacial?

No Vale do Itajaí, há duas cidades muito próximas: Timbó e Rio dos Cedros, que são totalmente diferentes. Eles se sentem diferentes e percebem os impactos de forma diferente.

A comunidade indica um tipo de relação entre os indivíduos, que se caracteriza pela proximidade e se opõe às relações societárias caracterizadas pela impessoalidade dos relacionamentos.

Então, uma forma flexível de tratar a noção de comunidades é pensá-las como redes de tradução sociotécnicas, que estabilizam as associações simbólicas e materiais e mantêm unidos os elementos que compõem o mundo social e os elementos que compõem o mundo natural.

Insegurança do ponto de vista da comunidade

A insegurança compreende o desacoplamento da base simbólica e material da rede sociotécnica que permite a associação das dimensões naturais e sociais da existência humana. Ao mesmo tempo em que a perda da base simbólica impede o indivíduo de compreender a base material, a perda da base material

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

impede as representações simbólicas.

Imaginem como foi montada a rede de processamento no Vale do Itajaí. A primeira comunidade que lá se instalou foi a dos Choclins. Eles conviveram com o Rio Itajaí durante 500 anos. Nas grandes enchentes de 1983 e 1984, não houve um sítio arqueológico indígena que não tenha sofrido um impacto.

Em 1850, estabelece-se o processo de ocupação estrangeira. Nesse momento, a floresta atlântica, a natureza, converte-se em um inimigo. É uma barreira a ser vencida. Os imigrantes vêm da Europa com sua cultura e suas técnicas, e instalam-se nesse meio ambiente. A natureza é um obstáculo à civilização. Com o processo de urbanização e desenvolvimento industrial, a natureza passa a ser vista como um estoque de onde se tira energia e um depósito para se jogar os dejetos. Com o passar do tempo, a natureza será problematizada por outros atores: ambientalistas, pesquisadores da Universidade. Então, essa rede sociotécnica não é fase evolutiva, mas um emaranhado que vai se montando e permitindo que aquela comunidade represente a si mesma e manipule o meio ambiente. Quando ocorre uma enchente, a auto-imagem que a comunidade tem de si mesma se rompe. A comunidade tinha a idéia de que, com as represas a ocupação do espaço estava assegurada. Mas, quando ocorre a enchente, aquele tipo de representação da natureza e da sociedade se dissolve. Logo, pode-se ver que existe um problema de manipulação. Então, a segurança das comunidades é bastante conjuntural, processual, relacional. Não é estável. Varia com o tempo e o contexto.

Com base nesse tipo de avaliação do problema da segurança da comunidade, gostaria de passar para as conclusões.

Contribuições da Psicologia

A Psicologia é uma disciplina científica, e, como tal, oferece duas formas de contribuição:

1. Produção de conhecimento

Na criação de programas de pós-graduação ou linhas de pesquisa em Psicologia dos desastres e das emergências;

No estabelecimento do intercâmbio internacional.

2. Aplicação do conhecimento

Na formação, com a incorporação do tema nos PPPs de cada curso a questão dos desastres e das emergências. A questão dos desastres é um fator decisivo da avaliação subjetiva da qualidade de vida. É uma ação em nível de MEC.

Na extensão, com a incorporação do tema, por exemplo, no Programa de Saúde da Família. É uma estrutura que os psicólogos conhecem bem, da qual fazem parte, é interdisciplinar e chega nas comunidades mais carentes.

Como isso pode ser feito

Do ponto de vista da Sociologia, da técnica e da ciência, é preciso haver estratégias de:

Curto prazo

- Promoção de eventos junto à comunidade;
- Conhecimento da experiência internacional.

Médio prazo

Implantação de programas e linhas de pesquisa que tematizem a questão, o que implica:

- Mobilização;
- Problematização;
- Interesse.

Isso significa trazer o mundo para os laboratórios das universidades, trazer o problema dos desastres para as universidades, colocá-los nas agendas de pesquisa, com a criação de recursos e o estímulo para

que parceiros utilizem o conhecimento da Psicologia.

Longo prazo

Fazer com que a especificidade da intervenção da Psicologia se torne um ponto de passagem obrigatório.

Digo isso com relação à Sociologia e à Psicologia. O que esta faz de fundamental para a recuperação de comunidades hoje? Vocês acham que, se não existisse Psicologia, as comunidades não se recuperariam? Sim, elas se recuperariam. As comunidades, antes de a Psicologia existir, já sofriam o impacto de por desastres. Então, se a Psicologia quer ter um papel decisivo na construção de uma política de segurança para as comunidades, é preciso que produza um tipo de indicador, um tipo de conhecimento que se torne indispensável na atuação das entidades que tratam da questão da segurança.

Gostaria de concluir dizendo que os desastres assustam, mas também fascinam, porque revelam a precariedade da existência humana. Por isso, não são somente uma ameaça para a comunidade, mas também uma oportunidade para que os indivíduos, os grupos, as comunidades, as sociedades se conheçam melhor.

Para finalizar, quero deixar com vocês duas indagações, duas questões para reflexão:

a) A intervenção científica deve gerar confiança ou desconfiança a respeito da segurança das comunidades?

b) Que garantia podemos ter de que as decisões tomadas no presente serão vistas, no futuro, como adequadas, do ponto de vista técnico, e justas, do ponto de vista moral?

Muito obrigado.

Contribuições da Psicologia para a construção de comunidades mais seguras: comportamento, cultura e organização social

Daniela da Cunha Lopes

Psicóloga, gerente do Departamento de Minimização de Desastres da Secretaria Nacional de Defesa Civil

Quando pensei na apresentação, senti-me na responsabilidade de, mais do que de falar como psicóloga para psicólogos, de falar como técnica de defesa civil, contar para os psicólogos o que a defesa civil está fazendo para construir comunidades mais seguras, e, então, fazer um convite aos psicólogos para se integrarem nessa política pública existente no País. Assim, minha exposição será muito mais um convite aos psicólogos e um pedido aos técnicos de defesa civil para que fortaleçam esse convite nos seus Estados e Municípios.

Em defesa civil, temos um conceito de desastres que relaciona um evento natural ou um evento tecnológico, ou misto, com as vulnerabilidades. A partir desse conceito é que definimos todas as intervenções em defesa civil nas quatro fases de atuação.

Minha proposta é pensar que esse conceito, hoje reconhecido como válido para o sistema nacional de defesa civil, já não mais atende da forma como deveria a construção de comunidades mais seguras.

Desastre

Resultado de uma trajetória de exclusão social.

Um desastre não acontece, seja de que natureza e origem for, justamente em função das vulnerabilidades, de uma hora para outra. Na verdade, é uma trajetória de exclusão. Por exemplo, essa foto que inspira nosso Seminário não foi resultado imediato. É a fotografia de uma trajetória de exclusão, de falta de acesso aos recursos básicos de saúde, assistência, habitação, informação. Essa situação gerou essa fotografia. Essa trajetória fez com que essas pessoas pudessem olhar para esse cenário, inclusive quem tirou a foto, que, de alguma forma, também contribuiu para essa trajetória. Nós, que estamos vendo essa foto, também contribuimos, fazendo ou deixando de fazer alguma coisa enquanto gestores públicos, enquanto psicólogos ou assistentes sociais.

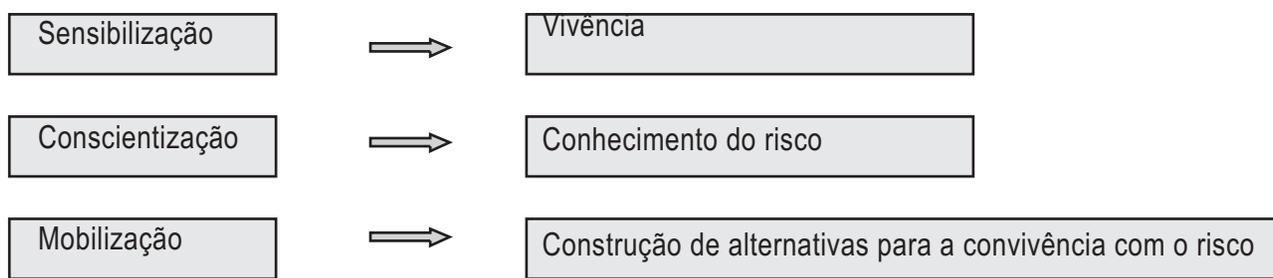
Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

É nessa trajetória que precisamos pensar de que maneira intervir, não no sentido de dizer o que deve ser feito, mas como construção, da mesma forma que a trajetória foi construída.

A trajetória de exclusão social gera a ausência de percepção de risco. As pessoas que vivem nas áreas mais vulneráveis muitas vezes não percebem os riscos que podem ser agravados, por exemplo, por um evento natural. A população daquele local não tem oportunidade de informações que possibilitem pensar sobre aquele local de maneira diferenciada e convivem com riscos que poderiam ser evitados como se fossem naturais. Na ausência da percepção de risco, existe a possibilidade de desenvolvimento de comportamentos cristalizados: medo, angústia, impotência. Assim, a trajetória de exclusão, gerada pela percepção de risco, faz com que as pessoas não tenham alternativas próprias e alternativas coletivas.

Para alterar essa trajetória de falta de percepção de risco, a defesa civil tem tomado iniciativas e quer fazer um convite aos psicólogos para se inserirem nesse projeto em desenvolvimento.

Núcleos comunitários de defesa civil: uma proposta de inclusão social

Entendo que inclusão não é simplesmente pôr para dentro o que está fora, porque isso pode parecer que o que está fora é ruim. Quando levamos essa proposta para a comunidade, é como se a ela disséssemos que o espaço em que ela vive é ruim, que o que vive não é bom, e que é preciso incluir aquela comunidade em algo bom. Assim, desconsidera-se todo o valor positivo, a história cultural daquele local, os saberes ali existentes, com a justificativa de implantar um programa de inclusão social. Então, quando falamos em inclusão social nos núcleos comunitários de defesa civil, estamos falando em fazer com que as comunidades, efetivamente, participem do planejamento das ações de defesa civil. Isso é diferente de ir com uma pauta já pronta.

Fazemos isso através de cursos, tanto para lideranças comunitárias como para técnicos de defesa civil e outros atores sociais. Trabalhamos em etapas.

1ª) Mobilização: constitui em dizer o que faz a defesa civil, para que serve e como pode contribuir para aquela comunidade a partir da vivência e da história relativa ao risco.

2ª) Conscientização: fazer com que a comunidade perceba o risco, como ele foi gerado naquele local e como essa comunidade foi também responsável pela construção desse risco para que possa também propor alternativas para diminuí-la. Isso faz com que a comunidade deixe de ser somente vítima. Ela também contribuiu para a ocorrência do problema. Nesse momento, trabalhamos com a construção dos mapas de risco em que a comunidade mesma identifica o que é risco para ela.

3ª) Mobilização: a partir da construção dos mapas de risco, é feita a mobilização comunitária, ou seja, verificar o que pode ser feito a partir do que foi criado como percepção de risco para diminuir esse risco. Esse processo é de construção de alternativas com diferentes atores sociais para a convivência com o risco. Trabalha-se, nesse momento, com a comunidade, com equipes de saúde, com equipes de habitação, ambiental.

Assim, nos núcleos comunitários de defesa civil, a inclusão social propõe uma reestruturação das comunidades, de modo que todos participem do processo.

Exibição de vídeo.

– “Estamos formando um grupo, grupo esse que, tenho certeza, já está tendo êxito. Só de estarmos aqui todas as terças e quintas, unidos em um só propósito, o da prevenção, para, quando chover, estarmos bem amparados”.

– “Acho que, com o grupo que está se formando aqui, as pessoas estão ficando melhores. As pessoas daqui não eram muito preocupadas umas com as outras. Isso está melhorando”.

– “Não tenho leitura, não tenho nada, mas eu quero trabalhar com o povo. Não posso fazer nada demais, mas posso dar um telefonema, pedir lonas, abrigar alguém, arranjar meios para ajudar. E isso é ótimo”.

– “O NUDEC é uma coisa boa que acontece em uma comunidade. Eu, particularmente, estou feliz com isso. E fiquei feliz também porque vi a comunidade respondendo ao apelo, vejo os órgãos públicos participando e estamos aqui com o objetivo de formar esse grupo com o intuito de transformar nossa comunidade”.

– “O espaço onde se vive, sua cidade, seu bairro, sua rua, sua comunidade. Um lugar no tempo que existe porque existem as pessoas. Gente que mora, que trabalha, que estuda, gente que tem sonhos mesmo diante de uma realidade capaz de negá-los. Mas os sonhos, e principalmente a negação deles, muitas vezes dizem respeito à vida de todos e à de cada um”.

– “Gente que se vê e gente que se encontra em casa ou no caminho de casa; pessoas que, em nome de um projeto comunitário, se reúnem para compartilhar sonhos e formam um núcleo de defesa civil. Pessoas diferentes, com experiências de vida diferentes, mas que falam a mesma língua e usam as mesmas palavras de ordem”.

– “Responsabilidade, união, ajudar, conhecer, formar, transformar...”

– “Tenho certeza de que, em um tempo o mais curto possível, teremos o sucesso em termos de prevenção aqui em nosso bairro, passo a passo, morro a morro, ladeira, por ladeira e assim sucessivamente”.

– “A maioria do grupo não é jovem, não são pessoas da minha idade. São pessoas mais velhas. Acho que os jovens não se inscreveram até pelo mesmo motivo que eu, por não conhecerem e não terem quem incentivasse. Mas, agora vão se engajar muito mais jovens, se depender de mim”.

– “Tenho que andar, tenho que agir, tenho que pedir, tenho que chorar. Tenho que fazer tudo. Eu tenho que trabalhar. Não tenho força, sou doente, não tenho mais saúde nem nada. Mas vou estar lá. Tenho boca e mão, graças a Deus. Deus não me calou, então o que eu puder fazer, eu faço. Estou aqui, e tudo o que precisar, o que puder fazer, eu faço pelos meus vizinhos, pelo meu próximo. Sem união, ninguém pode fazer nada”.

– “Acredito que teremos êxito. Quando colocamos ali as características de nosso grupo, do nosso NUDEC, vi que as pessoas estão dispostas a participar. Encontramos frases como altruísmo, dedicação, coragem, renovação, participação e uma série de outras coisas que dão a característica de um grupo que tem vontade de agir, de atuar, de crescer enquanto comunidade e enquanto pessoa. Espero que núcleos como esse sejam formados em outras comunidades aqui do Município, mas também do Estado, e porque não dizer, do País”.

Essa é uma experiência de Núcleo Comunitário de Defesa Civil no Município de Jaboatão dos Guararapes, em Pernambuco. E vocês vejam que a proposta do núcleo é de participação conjunta do poder público e da comunidade, de co-responsabilização. É uma proposta de criação de alternativas para a convivência com o risco, não individuais, mas coletivas, considerando o comum na história e a possibilidade de alternativa para permanecer naquele local. Muitas vezes, nós, como técnicos, pensamos que a alternativa é retirar todos das áreas de risco. Mas as pessoas, muitas vezes, gostam de morar ali, não somente porque não possuem outro local, mas porque têm vínculos, formaram uma rede social e podem pensar em como permanecer ali de uma maneira mais saudável.

Essa é a proposta do Núcleo Comunitário, e é nesse sentido que entendemos que a Psicologia pode contribuir como Psicologia de transformação, acessível e de mudança cultural.

O convite está posto. Psicólogos, precisamos de vocês nos núcleos comunitários de defesa civil neste país. Muito obrigada.

Mesa-redonda 5:
Perspectivas de investigação em
Psicologia das
emergências e dos desastres na
América Latina.
Emergências e desastres:
aspectos Psicoambientais e
vulnerabilidade

Ariane Kuhnen

Psicóloga, Mestre em Sociologia política, Doutora em Ciências Humanas, fez estágio doutoral no Laboratório de Psicologia da Universidade de Paris, coordena atualmente o Laboratório de Psicologia Ambiental da Universidade Federal de Santa Catarina

Gostaria de dizer que é um imenso prazer estar aqui fechando este evento. E, como hoje pela manhã, o professor Giuseppe falou sobre nossa irmandade, creio que estamos saindo daqui nos sentindo bastante enriquecidos com nossas discussões e com nossos relacionamentos. Construímos nesses dias um grupo bastante preocupado com as comunidades e que sai daqui também se sentindo uma comunidade. Essa sensação de estarmos trabalhando por uma irmandade que pensa na construção de uma Psicologia voltada para comunidades mais seguras é muito importante. Também nós, assim, nos sentimos mais seguros.

Esse trabalho para mim é uma grande novidade. Desde o convite, questioneei o que era esperado de mim, porque não atuo na temática de desastres, mas, à medida que fui entendendo um pouco o que trabalharíamos aqui, fiquei também mais tranqüila nesse ambiente. Assim, trago para vocês contribuições que servem também para outras áreas de conhecimento da Psicologia e que contêm um aporte mais complexo, que pode, então, ser utilizado em outras áreas.

Meu lugar de origem é a Psicologia ambiental, uma área que está em construção e traz uma série de contribuições para a questão das emergências e desastres. A formação traz uma contribuição para as relações entre as pessoas e a natureza, o meio ambiente e a sociedade, de uma maneira mais global. Então, trataremos de vários assuntos e de diversos contextos ambientais.

Dimensões físicas e humanas de um evento**Relação sociedade – natureza / pessoa - ambiente**

Durante todo o trabalho, faz-se a relação entre os ambientes e as pessoas nele inseridas, sejam as pessoas vitimadas ou as pessoas que são socorristas nesse evento. Essas dimensões físicas e ambientais não podem ser vistas de maneira separada. Fazem parte de um todo. Então, essa relação é pessoa – ambiente, e caracteriza-se, em nossa sociedade, pela ausência da experiência. Estamos experienciando muito pouco os ambientes. Isso traz uma repercussão em nível dos sentidos sobre as mensagens que o ambiente nos envia, por isso, muitas vezes, temos problemas ambientais. O que seria uma relação, torna-se um problema, em função da ausência de experiência com o ambiente.

Sustentabilidade planetária e modelo de desenvolvimento

Essa dificuldade da relação está muito centrada em nosso modelo de desenvolvimento. A maneira como estamos construindo nossa sociedade tem nos levado ao distanciamento da natureza. Há toda uma discussão sobre o distanciamento do fenômeno, o que causa uma relação de estranhamento para com ele. Assim, quando nos demanda comportamentos, não sabemos como agir e, então, surgem as repercussões dessa situação.

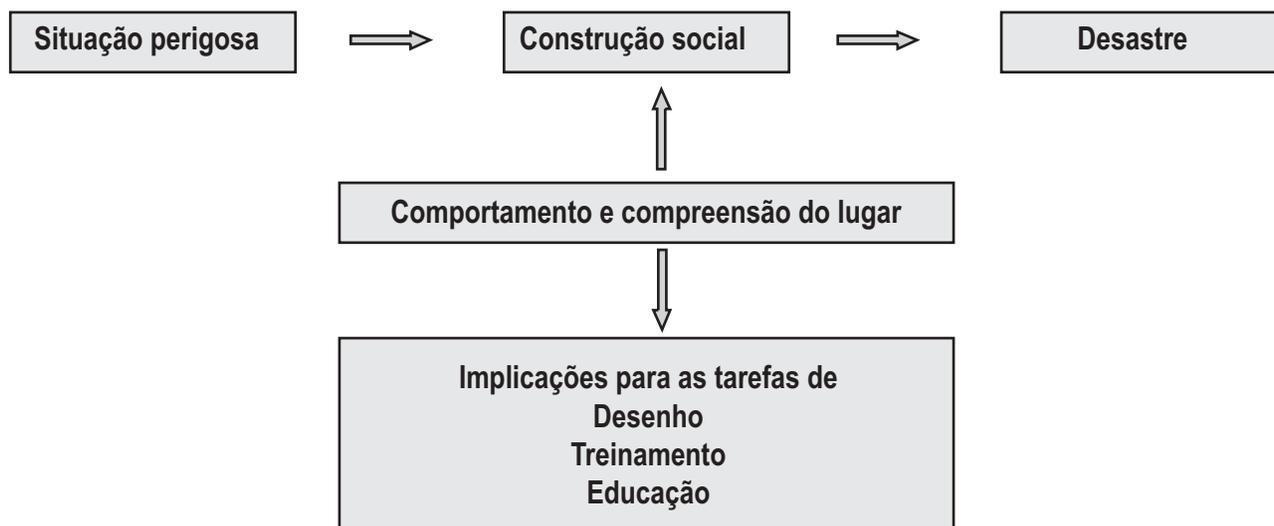
Isso está relacionado com o modelo de desenvolvimento que temos adotado, que não é sustentável. Em sendo assim, não é um modelo de vida que traga sustentação psicológica, física, social. Esse modelo de desenvolvimento é que nos tem levado ao distanciamento do meio ambiente. Assim, precisamos começar questionando esse modelo de desenvolvimento que vem sendo construído por todos nós, habitantes deste planeta.

A sustentabilidade planetária é uma das questões que precisa de reflexão, porque a magnitude dos problemas ambientais está diretamente relacionada ao modelo de desenvolvimento. E falamos, hoje, de um caráter global dos problemas ambientais, de uma relação que não possui fronteiras, que ultrapassa o

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

limite de nossa casa, de nosso bairro, de nossa cidade, de nossa nação. Esse caráter global dos problemas ambientais nos leva a pensar sobre o lugar do indivíduo. Em um lado da História, está o indivíduo, no outro, a nação, entrando aí a relação entre o psicológico e o social. Isso nos traz uma característica enquanto sociedade, que é nossa vulnerabilidade. Muitas vezes, sentimo-nos um indivíduo deslocado do social. A globalização nos traz uma série de benefícios, mas traz também uma certa solidão, uma dificuldade de comunicação, apesar de todas as facilidades que temos nesse aspecto.

O que é um desastre?

Ao longo destes dias de Seminário, temos aprendido alguns conceitos de desastre, mas quero trazer para vocês o conceito de que o desastre é uma construção social. Vivemos certas situações perigosas em um ambiente mais ou menos vulnerável, dependendo da época histórica em que nos encontramos. Essas situações perigosas vão se tornando desastres na medida em que se constroem enquanto desastre. Isso também está relacionado ao modelo de desenvolvimento. Nessa construção social é que encontraremos a noção de indivíduo, do comportamento das pessoas, que leva a situação perigosa a um desastre maior ou menor. A compreensão do lugar, de onde nos situamos, também interfere na construção social.

O entendimento de que o desastre é uma construção social tem uma implicação que leva a várias tarefas, do desenho dos lugares e das cidades ao treinamento do pessoal e a educação. Essa noção de que construímos socialmente o risco é importante, porque este não é objetivo, e é pensado a partir de uma variedade de circunstâncias locais.

Perigos potenciais – emergências silenciosas

A Psicologia ambiental questiona-se relação recíproca entre pessoas e ambientes é natural ou construída. Trabalha-se com abordagem multiteórica e em vários contextos.

Proposta teórico-metodológica da Psicologia ambiental

A percepção ambiental de risco interfere no comportamento humano. A orientação tomada, então, é integradora entre os níveis psicológico e social.

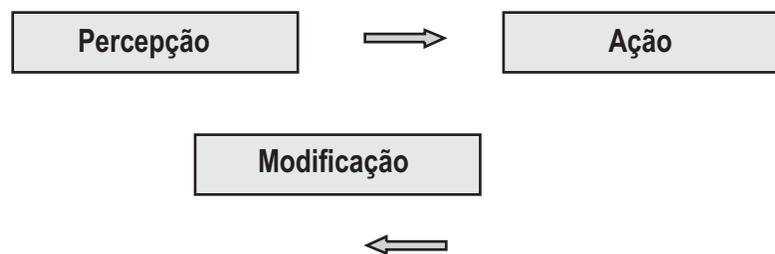
Definição de percepção

Percepção consiste na captação, seleção e organização das modificações ambientais, orientada para uma tomada de decisão que torne possível uma ação inteligente, isto é, uma ação dirigida a um fim e que se expressa por ela. Essa definição é a base para o conhecimento da percepção ambiental.

As contribuições do enfoque ecológico da percepção ambiental

- A percepção é função mais ou menos imediata do ambiente.
 - O significado não está na pessoa, mas no ambiente percebido, devido à estrutura ecológica deste.
- O ecológico compõe-se de aportes recíprocos entre o indivíduo, o ambiente social e o ambiente físico.
- A exploração ativa do organismo faz com que a pessoa perceba propriedades ou ofertas do ambiente.
 - Perceber as ofertas do ambiente é perceber como interagir com ele, ou seja, o que tem que ser feito, como agir em um determinado ambiente.
 - O problema perceptivo não é, então, determinar o que existe na cabeça das pessoas, mas onde está a cabeça, em que lugar ecológico as pessoas se encontram.

Adquire-se a percepção ambiental ao mesmo tempo em que se atua e se modifica em função dos resultados da atuação.



O que leva às mudanças de percepção do ambiente depende do balanço entre perdas e benefícios advindos da modificação.

Por exemplo, trabalhei muito tempo com coleta seletiva de lixo, e nos fazíamos as mesmas perguntas que vocês aqui se faziam com relação a outras questões. Por que a pessoa, mesmo sabendo de todos os benefícios da separação do lixo, sua importância para a natureza e para o ser humano, não o faz? O indivíduo faz o balanço entre o ganho e a perda desse comportamento. Não no sentido da premiação, mas no sentido do trabalho que terá em casa, da organização doméstica que terá com a separação, que benefícios e perdas em termos de tempo; enfim vários aspectos devem ser trabalhados, não somente em nível de informação, mas de organização espacial, com a entrada da nova informação, como se dá a organização a partir da nova informação.

- Portanto, a percepção do ambiente surge das intenções modificadoras que empregamos em relação ao ambiente. Essa ação está carregada de afetos.
- Fazem parte desse processo tanto aspectos emocionais quanto cognitivos.
- Interpretação e avaliação não estão separados nos processos de percepção ambiental, seja da qualidade ambiental, da estética do ambiente ou do risco ambiental.

Percepção de risco ambiental

- Dificuldade de definição do que seja um risco.
- Não é possível chegar a uma idéia objetiva e consensual.
- Não é um mero estímulo físico objetivo; trata-se de uma construção social, portanto, subjetiva e multidimensional.
- Enquanto processo, mantêm-se imbricados a ele atitudes, valores, crenças, sentimentos e normas, que influenciarão a forma de entender o risco.
- Tanto o conteúdo como o processo da percepção do risco são de natureza social.
- Qualifica-se, então, como uma percepção social, já que se está tratando de juízos, atribuições, memória, emoção, motivação, categorização.

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

- É uma percepção complexa, que excede a aprendizagem de probabilidades, pois intervêm dados cognitivos acerca da fonte de risco, dados espaço-temporais e muitos fatores pessoais de experiência e motivação.
- As certezas individuais relativas ao estado do meio ambiente condicionam a percepção dos riscos ambientais. Assim, olhar para uma encosta e crer que nada acontecerá está relacionada a essa certeza do estado em que o ambiente se encontra. Fazemos isso no nosso dia a dia ao transgredir regras de trânsito, atravessar fora da faixa de pedestres, expressando a certeza individual de que nada acontecerá, o que condiciona nossa percepção.
- A percepção de risco é composta de fatores que influenciam as pessoas a se darem conta dos riscos e serem conscientes da vulnerabilidade da sociedade. Isso significa que, a partir de um estudo de percepção de risco, temos a possibilidade de nos relacionar com a vulnerabilidade, ou seja, à medida que conhecemos a percepção dos atores com os quais trabalhamos, podemos entender o sentimento de vulnerabilidade ou não perante as ameaças.
- Devido ao fato de a ciência não ter alcançado um grau satisfatório de influência sobre os conhecimentos da sociedade, o que se tem é um público que não sabe avaliar o risco. A ciência também se tornou uma crença, e a mídia tem muito poder de disseminar informações. Então, temos um conhecimento científico sobre um tema ambiental ou uma situação de desastre, mas esse não é um tema no qual cremos realmente. Temos dúvidas sobre o que a ciência nos alerta. Então, temos um papel enquanto formadores para alcançarmos um nível de conhecimento que atinja a sociedade.
- A percepção de risco determinará cuidados/cautelos com a vida.

Para que serve esse tipo de estudos psicológicos?

- Estudar o conjunto de características das pessoas ou grupos e ambientes em termos de sua capacidade de antecipar, lidar com, resistir e recuperar-se do impacto dos perigos, considerando contextos de gênero, tempo, espaço e escala.
- Ter à disposição um conjunto de fatores que influenciam a preparação e as respostas no ciclo geral de desastres.
- Possibilitar a relação entre percepção de risco e capacidade de reação.
- Apropriar-se de conhecimentos sobre comportamentos favoráveis às advertências: ambientes do meio ambiente que interagem com informações de advertência e influenciam percepção e resposta.
- Ter a percepção como ferramenta metodológica: análise do discurso, diagnóstico descritivo, estratégia de gestão e informação.
- O conhecimento sobre a percepção do risco pelos cidadãos e pelas autoridades pode se constituir em importante subsídio para planejar desde ações emergentes até políticas públicas eficazes.

Concluindo ...

A Psicologia ambiental vem, através de suas teorias e métodos, oferecer um novo olhar para os acontecimentos catastróficos, sustentada na hipótese de que o fenômeno oportuniza alargar a compreensão da totalidade do contexto ambiental e das interações entre a(s) pessoa(s) e seu(s) ambiente(s).

Conhecimentos sobre as percepções do meio ambiente no fenômeno de apego ao território, apropriação do espaço como um modelo explicativo do comportamento de pessoas que se instalam ou reinstalam em zonas de risco, controle do espaço como expressão de poder legítimo, entre outros aportes, são bases fecundas para se compreender tais fenômenos.

Para a Psicologia ambiental, a dinâmica do ambiente deve ser levada em conta em todas as etapas da gestão do risco, potencial ou atualizada.

Procurei não ser repetitiva, pois já abordamos a percepção de risco desde o início do Seminário, e fiquei me perguntando qual o próximo passo dessa síntese que estamos construindo. Não penso que o estudo da percepção possa constituir essa síntese. Vimos vários aspectos da Psicologia serem abordados,

assim, a Psicologia ambiental também precisa construir um conhecimento sobre essa questão. Escolhi falar aqui sobre a percepção de risco entendendo que seria uma possibilidade de investigação para nos organizarmos enquanto formadores ou enquanto pessoas que estão atuando diretamente nas emergências e desastres, como uma ferramenta.

Destacamos a importância de conhecermos a comunidade, de nos aproximarmos das pessoas. Então, os estudos de percepção são uma ferramenta, entre tantas outras, a serem utilizados para a eficácia de nossa tarefa.

Muito obrigada.

Pitágoras Bindé

Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Doutor pela Eberthard-Karls-Universität Tübingen, Alemanha, na área de prevenção e combate a desastres

Gostaria, inicialmente, de dizer que, para tentar não ser repetitivo, dividi minha exposição em três momentos. Na primeira parte, quero relatar um pouco da minha história. Depois, abordarei propriamente a apresentação e, no final, passarei a vocês uma pequena mensagem.

Emocionei-me muito com o vídeo do acidente radiológico com o Césio 137. A minha história na área da Psicologia dos desastres se iniciou justamente em 1987, e queria colocar que é muito fácil um determinado tema, uma determinada pessoa, enfim, algo que nos motive. Nós, psicólogos, principalmente, temos observado que é muito fácil despertar motivação. O difícil é manter a motivação. Nesse sentido, queria fazer um relato pessoal e dizer que, muitas vezes, também me senti desmotivado pelas inúmeras vezes em que tive a sensação de ser um corpo estranho dentro de determinado grupo. Era assim que me sentia na época do acidente com o Césio. Eu estava concluindo meu curso de Psicologia, e uma colega e eu começamos a nos preocupar com essa questão porque víamos em nossa cidade, Porto Alegre, muitos carros com placas de Goiânia que sofriam discriminação, inclusive Congressos que seriam realizados em Goiânia foram cancelados.

Recordo-me que, no Departamento de Psicologia, meus colegas e professores questionavam sobre nosso desejo de trabalhar com isso, argumentando que era tarefa de biólogo e de físico, e, em determinada ocasião, com todo respeito aos psicanalistas, um professor psicanalista me questionou sobre nosso trabalho e eu disse, para provocá-lo, que estávamos trabalhando com Psicologia nuclear. E ele nos disse: "Muito interessante, essa questão da Psicologia no núcleo da família".

Para vocês terem uma idéia, temos outra situação, no País, de cápsulas semelhantes àquelas dos pára-raios. São cerca de 80 mil cápsulas, no País, de amerício 241, que têm uma meia vida de 430 anos. E temos radium 226, com 1600 anos de meia vida (são não ionizados). Aqui em Brasília, existem cerca de 1000.

Seguindo minha história, depois de muito não, de muitas pessoas dizendo que a Psicologia não tinha nada a ver com isso, terminei indo para a Alemanha, com solicitações negadas pela CAPES e pelo CNPQ, que alegavam que ainda não estávamos capacitados para isso. Era muito interessante, porque a Universidade nos dizia para ir, julgando interessante o trabalho, e, no Brasil, não havia o menor interesse. Mesmo assim, resolvemos seguir nesse trabalho, e, na Alemanha, terminamos atuando em um grupo tipo a NASA alemã. A melhor palestra que ouvi sobre processos cognitivos foi a de um engenheiro que participava dessa sociedade.

Depois trabalhamos com simulador e analisamos os planos de prevenção e combate de catástrofes da Alemanha. Eles têm muito isso, até em função da história um pouco macabra do país, pois foi lá que se iniciaram duas guerras mundiais. Tivemos dificuldades para ter acesso a esse material.

Depois, concluí o doutorado em 1996, e voltei ao Brasil. Em 1998, ocorreu uma reunião da SBPC, com a defesa civil, em Natal. Infelizmente, nessa época, não havia mais, além dos dois que haviam ido para a

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Alemanha, profissionais que trabalhassem nessa área. O próprio Departamento de Psicologia não julgava essa uma demanda psicológica.

Posteriormente, em 2000, houve o início de trabalho da Psicologia ambiental como uma tentativa de construir essa área. Em 2003, fui trabalhar na Universidade com um projeto de realidade virtual, junto aos bombeiros, e, mais recentemente, no primeiro semestre de 2005, fui chamado pela chefia do Departamento da minha Universidade para uma reclamação, a de que estava trabalhando com um tema fora da área, que era justamente a Psicologia dos desastres e uma metodologia específica. E agora, em 2006, estamos aqui. Antes de vir para cá, estive no Departamento e comuniquei que estava vindo aqui para trabalhar justamente com aquilo que foi me dito que estava fora da alçada da Psicologia.

Gostaria de solicitar agora que seja passado um pequeno vídeo.

O que vocês acabaram de ver é a cidade de Natal. Ao ver toda essa beleza, vem tudo à nossa cabeça, menos desastres. Não temos uma cultura preventiva. Mesmo nós, psicólogos, adotamos um modelo médico de prevenção: primária, secundária, terciária. Temos que trabalhar com aprevenção em um modelo psicológico, no qual prevenção seja uma antecipação cognitiva de algo que ainda não aconteceu. A cognição, os processos cognitivos, são elementos psicológicos.



2006

O que leva a mídia a ter interesse em simular um desastre?

Simulação realizada pela Revista *Época*, em 22/05/2006, com dados topográficos cedidos pela Prefeitura do Rio de Janeiro e confrontados com o cenário traçado pela ONU.

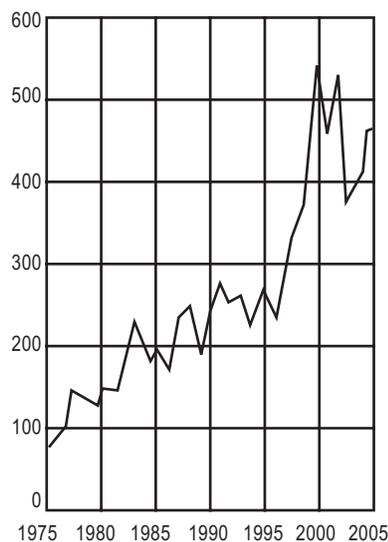


2010

Na simulação, há um avanço das águas, de 25 metros. Se isso acontecerá, se será antes ou depois de 2100, não importa muito. Um avanço das águas em uma área não habitada é um evento agressivo da natureza, mas torna-se um desastre quando atinge uma área como essa do Rio de Janeiro, por exemplo.

Hipóteses para o crescimento do interesse geral pelo tema

Time trend of natural disasters,
1975-2005*

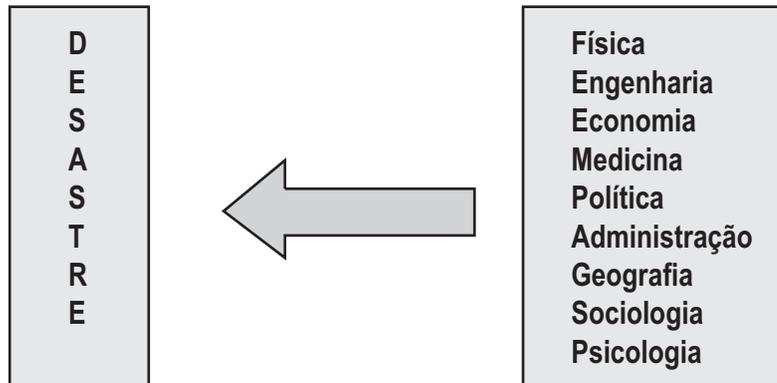


*Natural disasters=Country-level disasters

Esses são dados cedidos pela ONU, portanto, são outras pessoas que estão dizendo isso, e não nós. Então, temos uma tabela que mostra a curva de aumento dos cenários dos desastres de 1975 a 2005.

São pessoas contaminadas, afetadas, mortas. Assim, temos o aumento dessa gravidade do cenário, a questão econômica e a questão humana. Não temos como escapar disso, e, juntando todos esses dados, nos perguntamos o que está acontecendo. E aparece a mídia com uma simulação daquela.

Desastres como área de interface de diferentes disciplinas



Quando tratamos especificamente da Psicologia, vemos que temos interesse no tema dos desastres, mas o interesse não é somente nosso. A Física, a Engenharia, a Economia, a Medicina, a política, a Administração, a Geografia, a Sociologia, as ciências sociais também estão envolvidas no assunto.

Classificação do estudo dos desastres na Psicologia

(Ketterer & Spada, 1993; Bindé, P.J. & Carneiro, 1996, 1997, 2001)

– Pesquisa aplicada

Dividide-se em três momentos:

- Situação anterior a um desastre: comunicação, percepção e aceitação do risco, credibilidade da informação e conteúdo da mesma na situação de alarme.
- Situação durante um desastre: pânico, motivação/desmotivação para seguir ou contrariar as medidas de evacuação, comportamento durante a evacuação, possibilidades de transporte e de abrigo temporário.
- Situação pós-desastre: tratamento psicossocial dos envolvidos, estresse pós-traumático.

– Pesquisa básica

- Homem enquanto vítima de desastre: comunicação, percepção e aceitação do risco, o papel da mídia.
- Homem enquanto co-autor de desastres através dos efeitos de suas intervenções em sistemas ecológicos: consciência ambiental e comportamento ecológico, processos de decisão em cenários complexos.

O risco é um constructo social, criado por nós mesmos. Antes, por exemplo, não tínhamos necessidade de celular. Hoje, praticamente, todas as pessoas têm um celular.

Desafios para a construção de um programa de formação/investigação em Psicologia dos desastres

- Primeiro desafio: desenvolver uma cultura preventiva e de aplicabilidade dos saberes psicológicos, pois desse profissional será exigida uma visão ampla dos setores da vida de uma sociedade bem como conhecimento específico sobre desastres;
- Segundo desafio: transitar em diferentes áreas da Psicologia, tais como Psicologia comunitária,

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

Psicologia clínica, Psicologia do trânsito, Psicologia ambiental, psicopatologia, psicotraumatologia, saúde mental, confrontando-as com suas limitações de ação e inabilidade em tomadas de decisão sob estresse, bem como frente a diferentes interesses e prioridades sócio-político-econômicos antes, durante e depois da ocorrência de um desastre;

- Terceiro desafio: trabalhar em equipe com paradigmas, geralmente, diferentes ou desconhecidos pelo psicólogo;
- Quarto desafio: adotar uma flexibilidade metodológica, visando a buscar respostas práticas e adequadas, sustentadas em um planejamento estratégico* orientado para desenvolver algum suporte metodológico consistente e participativo para a construção de um plano de formação de psicólogos na área;
- Quinto desafio: gerenciar a crise junto à população e aos profissionais envolvidos no complexo cenário de combate e prevenção de desastres;
- Sexto desafio: implementar uma rede nacional para o desenvolvimento da Psicologia das emergências e dos desastres no País, em nível de graduação e pós-graduação.

* O método "ZOPP" - *Planejamento de Projetos Orientados por Objetivos* auxilia na construção de um programa de formação em Psicologia dos desastres, bem como em estratégias de combate e prevenção de catástrofes, sustentados em uma metodologia já muito testada e aprovada em diferentes países em desenvolvimento, e serve de apoio ao estudo do cenário dos desastres. (www.zopp.com.br)

Objetivos para um programa de formação/investigação em Psicologia das emergências e dos desastres

- Formar e capacitar psicólogos instrutores na área de prevenção e resposta aos desastres, através da transmissão sistemática de informação e desenvolvimento de novos saberes, para que esse profissional se atualize com os conceitos, metodologias e aplicabilidades de conhecimentos específicos dos desastres;
- Fomentar a aptidão do sujeito em identificar elementos teóricos de diferentes áreas da Psicologia que sirvam para elaborar programas de ajuda para vítimas de desastres e para os profissionais que atuam e estão inseridos em estruturas sociais abaladas pelo evento, bem como para desabrigados e para o fortalecimento da estrutura e funcionamento das funções vitais de uma comunidade;
- Desenvolver metodologias adequadas e participativas para um trabalho de suporte psicológico antes, durante e depois de desastre;
- Oferecer ao psicólogo treinamento em equipes multi e interdisciplinares, para ajudar a melhorar a eficiência dos programas de prevenção e resposta aos desastres e diminuir a vulnerabilidade das comunidades;
- Capacitar o psicólogo a formar instrutores em todos os níveis da sociedade, servindo este como agente multiplicador para o gerenciamento de crises na área de prevenção e resposta aos desastres.

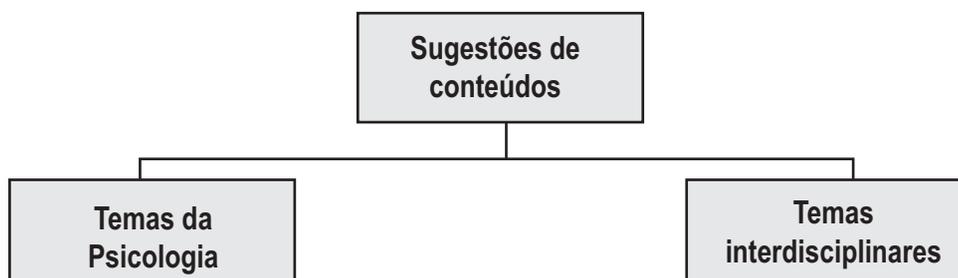
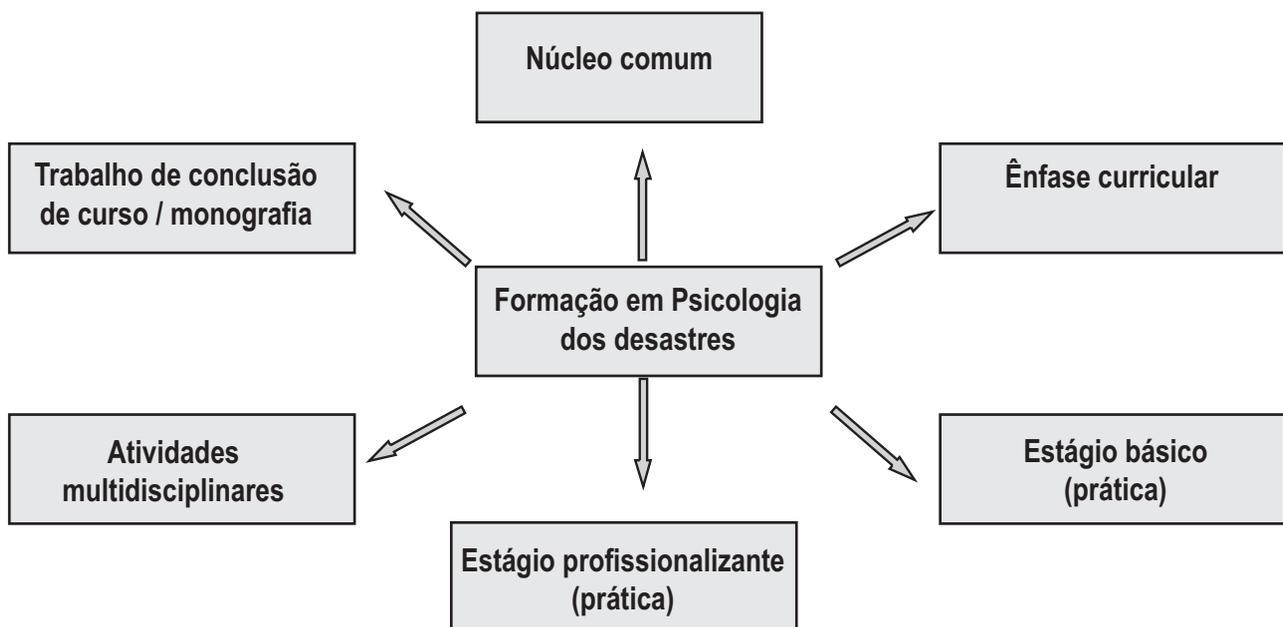
Competências

- Exercitar um saber psicológico científico aplicado de natureza multidimensional;
- Apresentar características de formação generalista, com base no enfoque da prevenção da saúde tanto em contextos psicossociais, clínico-hospitalares, como em contextos organizacionais, para a minimização do impacto dos desastres;
- Promover a recuperação, fortalecimento e manutenção da qualidade de vida das comunidades;
- Utilizar capacidade emocional, cognitiva e técnica para desenvolver certas habilidades na área de Psicologia das emergências e dos desastres.

Habilidades necessárias

- Identificar e analisar as necessidades de natureza psicológica, diagnosticar e desenvolver projetos, planejar e intervir adequadamente, com base teórica e de acordo com a população-alvo;
- Selecionar e utilizar métodos psicológicos para a prevenção e combate dos efeitos dos desastres;
- Avaliar, diagnosticar e atender os problemas humanos de ordem cognitiva, comportamental, afetivo-emocional e de somatização em diferentes contextos;
- Dominar procedimentos técnicos e utilizar modelos de intervenção psicológica (individual-grupal);
- Coordenar e manejar processos grupais, considerando as diferenças de cultura, de formação e de valores de seus integrantes;
- Desenvolver análises multidimensionais sistematizadas;
- Analisar o campo de atuação profissional e seus novos desafios;
- Cooperar profissionalmente com equipes nas atividades relacionadas à recuperação do cenário afetado, a curto, médio e longo prazo, para reduzir o impacto futuro de um desastre.

Perspectivas de formação/investigação em Psicologia das emergências e dos desastres



Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

- História da Psicologia dos desastres
- Ética profissional
- Estudo sobre grupos (cultura)
- Teoria de campo de Kurt Lewin
- Teoria de *behavior setting*
- *Training*: simulação x realidade
- Mapeamento, análise e comunicação do risco
- Análise e processamento de informação
- Mecanismos de defesa
- Teorias de estresse e de *coping*
- Estresse pós-traumático
- *debriefing, defusing*
- Mapeamento comportamental
- Tomada de decisão
- Teoria da ação
- Comportamento seguro
- Psicopatologias
- Psicotraumatologia
- Psicoterapia integrativa de atenção às vítimas
- Metodologias qualitativa e quantitativa

Sugestões de temas interdisciplinares

- Definições de emergência e desastre
- Taxonomia dos desastres
- Aparato de combate e prevenção de desastres
- Vulnerabilidade
- Trânsito: transporte de cargas perigosas
- Sistemas redundantes de vigilância
- Sistema de saúde
- Sistema Brasileiro de Defesa Civil
- Emergências sociais: intervenções na vida diária e nos eventos
- Comunidades mais seguras e cultura preventiva
- Planejamento estratégico: método ZOPP
- Políticas de desenvolvimento sustentável
- Políticas públicas de prevenção e atendimento a situações de emergência e desastre
- Rede nacional para desenvolvimento da Psicologia das emergências e dos desastres
- Perspectivas de investigação na área dos desastres na América Latina

Gostaria de deixar a mensagem de que vocês não fiquem desmotivados. Continuem.

Marcus Vinícius de Oliveira Silva

Vice-Presidente do Conselho Federal de Psicologia, psicólogo, professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, Doutor em saúde coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, integrante do Núcleo de Estudos pela Superação dos Manicômios na Bahia.

Quase terminando nosso evento, gostaria de comentar com vocês alguns aspectos de como ele surgiu.

Lançamos, no interior da União Latino-americana de Psicologia – ULAPSI, a proposta de organização de um movimento de tipo latino-americano que oferecesse uma oportunidade aos psicólogos para se mobilizarem em solidariedade a situações de crise de nossas sociedades e de uma forma que pudesse também refletir esse importante movimento de solidariedade internacional. Então, lançamos o movimento *Psicólogos sem Fronteiras*, como movimento que poderia oferecer aos psicólogos generosos, na linha do que Giuseppe nos falava pela manhã, de que somente se deve praticar a solidariedade se estiver, de fato, motivado e se conhecer suas motivações com clareza. Quando nossas motivações são obscuras, precisamos tomar cuidado com quem queremos salvar. Muitas vezes, o sujeito quer salvar algo de si próprio, que não sabe onde está perdido, e isso pode ser um fator obscuro que leva alguém a aderir a uma causa, a uma religião ou a um movimento profissional de solidariedade. Mas, de toda forma, achamos que pode existir uma generosidade elucidada, esclarecida, que pode se organizar e prestar importantes contribuições para as pessoas. Daí o lançamento desse movimento.

Quando estávamos estruturando a proposta, ficou clara a necessidade de esclarecimento das bases metodológicas e da preparação que deveria ter um profissional para que pudesse se dedicar a essas atividades. E é interessante, pois confronta-se o desejo, a intenção nobre, a vontade de contribuir, a emoção positiva de solidariedade com a constatação da realidade do caráter dispersivo e pouco consistente da organização da Psicologia das emergências e desastres no Brasil. É a partir dessa constatação que imaginamos um determinado caminho estratégico, que veio depois ser ampliado com a compreensão, no Conselho Federal de Psicologia, da importância de se poder trabalhar com a política pública de defesa civil. Essa busca de informações nos levou à defesa civil para dizer que tínhamos em comum a necessidade de produzir, de uma forma consistente, uma área de conhecimento e de uma área de atuação profissional denominada Psicologia das emergências e desastres, que sabíamos já ser melhor estabelecida como caminho nos países vizinhos. Então, fomos buscar esses companheiros, esses colegas. E daí a história do porquê de estarmos aqui.

Dessa situação, queria destacar para vocês que não sou especialista em emergências e desastres. Na verdade, sou especialista em luta antimanicomial, em clínica das psicoses, o que não deixa de ter um ponto de confluência muito importante, porque costumo dizer que a matéria com a qual fundamentalmente trabalho é a da desorganização psíquica. Geralmente, somos úteis quando há desorganização. Quando as pessoas estão bem, autônomas, cuidando de suas vidas, não faltam ao trabalho, não tiram notas ruins na escola, não têm desentendimentos familiares, não estão desempregadas, não procuram os psicólogos. Psicólogos são procurados quando as pessoas se desorganizam e se desorientam. Costumo dizer que, há muito tempo, descobri, nessa matéria da desorganização e na desorientação o meu objeto de sentido clínico de ser psicólogo.

Em segundo lugar, meto-me com esses assuntos porque venho trabalhando com meus companheiros do Conselho Federal de Psicologia e, muitas vezes, venho me responsabilizando por uma colaboração na construção do que chamamos de agenda da Psicologia brasileira. Achamos que essa agenda está marcada pelos temas da cidadania, dos direitos humanos e das políticas públicas. Ela é um esforço de fazer, do processo de organização da nossa profissão, algo mais nobre do que defender interesses corporativistas e privilégios de grupos que já são muito privilegiados. Achamos que o CFP é uma instituição estratégica para a construção das relações da Psicologia com a sociedade brasileira, se formos capazes de identificar, na sociedade brasileira, um conjunto de demandas e necessidades, nas quais a presença

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

do saber do psicólogo, a presença do conhecimento psicológico, pode fazer uma diferença do ponto de vista da construção de uma sociedade mais agradável para todos os que nela vivem. Então, com isso, definimos claramente uma esfera de compromisso social da Psicologia. Então, dentro desse contexto, vocês percebem a importância que tem, para nós, estarmos aqui nesse evento acompanhado por vocês, porque a defesa civil nos oferece um espaço prático, objetivo, de necessidades sociais relevantes, eticamente sustentáveis.

Queria localizar o interesse do CFP por esse tema e dizer que, para nós, é uma espécie de laboratório da atitude que achamos que essa instituição deve ter, que é a ação de buscar os gestores públicos das diversas esferas das políticas públicas brasileiras para contratar com eles um encontro que seja da necessidade da população, que seja um encontro onde a presença da Psicologia possa contribuir para a humanização dessas políticas públicas. Por humanização das políticas públicas, entendemos que são políticas nas quais o alvo, o objeto, é um sujeito, e, como sujeito, senhor de percepções, sentimentos, emoções, capacidade de simbolização, significação, capacidade da palavra. O gestor da política pública que lida com o que é universal para todos, necessariamente tem que saber que, lá na ponta, a política pública é para pessoas e cada um que recebe a política pública dá importância à consideração de que é um sujeito que fala, pensa, interpreta. Às vezes, a sua interpretação das nossas ações pode ser muito interessante. Gosto de citar sempre, na área da saúde coletiva, o exemplo da revolta da vacina. Pereira Passos derrubou, no Rio de Janeiro, metade da cidade onde estavam populações pobres. Dois ou três meses depois, subiu o valor do preço do bonde. Três meses depois, Osvaldo Cruz disse que tinha que vacinar todos contra a febre amarela, e a população concluiu que as autoridades queriam eliminá-la. Foi a revolta da vacina. É a percepção de que havia algo de antipopular na conduta daqueles governantes, algo ameaçador para os interesses do povo. E o povo reagiu através de uma revolta. Isso aconteceu novamente com Fernando Henrique Cardoso, que tanto lutou pela implantação de um regime previdenciário que tributasse os aposentados, e que, logo depois, ofereceu uma vacina antigripe, e muitos idosos brasileiros se negaram a tomá-la com medo de serem mortos. No início da campanha, houve uma desconfiança dos idosos, e muitos se recusaram a participar, pois identificavam uma perspectiva antipopular por parte dos governantes. Digo isso para pensarmos como a população interpreta as ações dos agentes estatais quando estes conduzem políticas públicas. A população tem direito de não entender, e nós temos obrigação de compreender isso e explicar as ações quantas vezes forem necessárias. O poder, na República, emana do povo, e nós somos funcionários públicos, funcionários desse povo, dessa gente. Por isso, temos que buscar uma forma de agir da melhor maneira para o povo, inclusive incorporando a própria perspectiva de interpretação do povo acerca de nossa ação. E durma-se com um barulho desses, além de tudo, ganhando pouco e sendo desvalorizado pelo nosso patrão, o governo. É muito difícil ser funcionário público.

Portanto, queria dizer que o CFP é uma instituição que está apostando na possibilidade de que encontremos, no campo da Psicologia das emergências e dos desastres, um ponto de confluência de vários interesses, inclusive os interesses de nossa corporação de ter emprego. É verdade. Há um interesse de criar oportunidades legítimas para que os psicólogos prestem seus serviços, mas esse não pode ser o interesse principal. Para isso, é necessário que desenvolvamos a competência, que também é uma preocupação do Conselho. O CFP não irá lutar para que a Psicologia esteja presente se não considerar que há pessoas preparadas consistentemente para desempenhar essas funções.

Isso tudo para dizer também, aos não psicólogos, que a Psicologia é um campo marcado por muita diversidade e por vários equívocos históricos. Hoje, buscamos reverter esses equívocos históricos da Psicologia, mas a Psicologia, que serve para produzir esclarecimento, elucidação, entendimento, liberação, também é uma Psicologia que já foi muito utilizada para produzir mortificação, discriminação e uma série de efeitos problemáticos. Então, a Psicologia é uma ciência perigosa. Não podemos ter uma visão iludida, porque ela, como todas as ciências, e isso foi dito ontem, têm dimensões variadas, e cabe a nós, psicólogos, advertirmos aqueles que buscam a Psicologia para que tomem cuidado, porque ela pode ter usos muito interessantes, liberadores, esclarecedores, produtores de entendimentos, mas esses

entendimentos podem ser, muitas vezes, ideológicos, podem reforçar práticas de segregação, repressão, disciplinarização, silenciamento, mortificação. Então, vocês sintam-se advertidos com a Psicologia, até porque ela não é uma ciência neutra. Nenhuma ciência é neutra. Já foi trazido pelo Mattedi mais cedo, o tema da ciência como instituição, como campo de práticas sociais específicas, um campo de disputa política. E creio que, dentro da Psicologia, também existam disputas políticas. Temos, no Brasil, 45 programas de pós-graduação. Isso significa uma política acadêmica de disputa de bolsa de estudo, valorização de um programa, interesses muito mundanos que circulam no manejo das relações acadêmicas. A academia está marcada pelas mesmas contradições que contaminam as demais instituições, e isso é dito para desmistificarmos uma idéia de ciência, uma idéia de Academia.

Por outro lado, dentro dessa compreensão de ciência como campo de disputa política, para nós, nesse momento, é importante afirmar a questão do lugar, sobretudo da pós-graduação, nos processos de desenvolvimento do conhecimento. Foi o que trouxe também o Mattedi mais cedo, com o que concordo plenamente. Advirto que acho (um mero pensamento pessoal como professor universitário) que não devemos ter um mestrado em Psicologia de emergências e desastres. Devemos ter linhas de pesquisa dentro dos mestrados existentes. Eu, ignorantemente, achava que Psicologia das emergências e desastres era uma confluência entre a Psicologia social, comunitária, a Psicologia clínica da saúde e a Psicologia ambiental. Achava que, nesse triângulo, poderíamos encontrar um ponto de confluência dos saberes. Continuo pensando que esses talvez sejam núcleos bastante fundamentais, que possam ser bases talvez até com proporção de importância maior do que outras, mas tenho claro, pela exposição dos meus colegas latino-americanos, que a Psicologia educacional, a organizacional e todos os campos em que a Psicologia se desenvolveu são igualmente fundamentais para a construção. Por isso, queria assinalar a importância da luta política no campo do conhecimento, a importância da institucionalização de linhas de pesquisa nesses vários programas. São oito programas exclusivamente de Psicologia social, e 45 no total, quer dizer, muitos desses programas têm linhas de pesquisa em Psicologia social e Psicologia ambiental. Teríamos, na verdade, que encontrar parceiros acadêmicos que pudessem abrigar, no interior desses programas, linhas contributivas de investigação para a questão da formação.

E, então passo para outro ponto, que seria a questão dos paradigmas de ciência dentro da Psicologia. Também é muito importante considerar que operamos na Psicologia, na ciência, com vários paradigmas. Poderia destacar um paradigma mais objetivista, digamos de natureza mais positivista, e dizer de paradigmas mais construtivistas. Mas, de alguma maneira, seja em que paradigma for, é importante que, no campo da Psicologia, estejamos atentos à forma como nós recortamos nossos objetos, quais os atravessamentos ideológicos na pesquisa e nas práticas profissionais. Não dá para fazer ciência sem um esforço de posicionamento do ponto de vista ideológico.

Gostaria de comentar com vocês que vejo esse tema (não estou falando da área) das emergências e desastres como um fenômeno complexo e indubitavelmente de natureza interdisciplinar. Estou querendo dizer que, se somarmos todas as disciplinas que temos, o saber que elas têm não abrange sobre isso, ou seja, a produção do fenômeno das emergências e desastres tem algo de singular que, a cada caso, nos ensinará e evidenciará o quanto nossas disciplinas ainda não sabiam dessa nova possibilidade, por isso, quero afirmar a natureza interdisciplinar exigível para a abordagem desse fenômeno. Acho que é óbvio considerá-lo um objeto complexo, e definir a abordagem como obrigatoriamente de natureza interdisciplinar não significa que nos absteremos de produzir recortes. O professor Bindé mostrou, ainda há pouco, possibilidades de recortar objetos ao modo do recorte psicológico dos objetos típicos que a Psicologia destaca e recorta para investigar. A importância disso é sabermos que, quando investigamos esses pequenos recortes, não estamos investigando o fenômeno, ou a Psicologia nunca saberá do fenômeno emergências e desastres com totalidade, porque não é dado a ela saber isso, não é dado a ela conhecer isso disciplinarmente, já que esse objeto não se submete. Esse é um objeto em que todas as descrições trouxeram a necessidade de lidarmos com algo aproximado ao que define o Edgard Mohand como a teoria da complexidade. Necessariamente, há algo de rebeldia nesse fenômeno. Por outro lado, o fato de que

Psicologia das Emergências e dos Desastres

Contribuições para a Construção de Comunidades mais Seguras

ele nos surpreenda não quer dizer que não possamos exercer sobre ele esforços de enquadramento, de definição. Então, vejo uma perspectiva muito favorável para que, rapidamente, no Brasil, possamos, com a colaboração dos nossos companheiros latino-americanos, produzir conhecimento de boa cepa. Temos aqui uma pós-graduação de Psicologia muito bem estruturada. Há mecanismos de controle de qualidade, com qualidade de produção científica, de revistas científicas. São 45 programas com um funcionamento bastante interessante. O desafio é que as linhas de pesquisas nos programas de Psicologia sejam capazes de dialogar com as outras linhas de pesquisa dos demais programas, na Engenharia, nos estudos sobre o ambiente, no Direito. Enfim, creio que podemos recortar nossos objetos, mas precisamos ter clara essa natureza complexa do fenômeno para que possamos nos manter abertos ao diálogo acadêmico no interior da Psicologia, no interior das várias contribuições. Então, temos que admitir a necessidade de diálogo entre as nossas teorias fundamentadoras. O exemplo cubano foi bom no sentido de dizer da disposição de dialogar com as várias fontes da Psicologia. É preciso que a Psicologia dialogue com as outras disciplinas que lhe fazem fronteira, e os programas de pós-graduação devem estar estabelecidos também com essa finalidade. É óbvio que isso irá introduzir certas metodologias que não manejamos tanto. O individualismo metodológico, as metodologias quantitativas, às vezes, nos traem. Então, temos que manejar as etnometodologias, as pesquisas qualitativas, as observações participantes, as participações observantes também.

Queria chamar a atenção para um aspecto que acho fundamental, e esse evento, de certa maneira, reflete isso: é a questão da importância de podermos produzir uma desalienação teórica no nosso campo acadêmico e profissional. Por alienação teórica, refiro-me aos esforços que querem provar que a realidade cabe dentro das teorias. Tenho sido um pouco reticente nos exames de qualificação e bancas de teses porque com frequência, nos nossos programas, o sujeito quer demonstrar que a teoria é boa, porque enquadra o fenômeno. No final da tese, a grande vencedora é determinada teoria, que se mostrou adequada para examinar tal fenômeno. Temos que fazer um esforço de recorte dos objetos a partir dos fenômenos, das questões concretas colocadas, da experiência, do contato. Às vezes fazemos recortes muito ao modo de conveniência da tradição da definição dos objetos, e isso implica teorizar pouco e fazer um verdadeiro esforço para mostrar que lemos todos os autores e somos capazes de sintetizá-los. Tenho visto várias teses que são brilhantes demonstrações de que o sujeitos leram vários autores e são capazes de citá-los adequadamente. Mas, poucas vezes, percebo o esforço da teorização a partir da relação do pesquisador com o fenômeno. Fico pensando que, em um campo novo que estaremos inaugurando, talvez essa inversão do modo de deduzir os fenômenos a partir da teoria possa se transformar em dedução da teoria a partir dos fenômenos. Nosso ponto de partida deve ser a realidade, os fenômenos, os problemas, o que acontece. Precisamos formular questões e perguntas de natureza relevante para produzir e favorecer a abordagem desses fenômenos.

Outro problema que tem sido apontado é um certo colonialismo intelectual, que vivemos e conhecemos profundamente. Gostamos muito de todos os autores norte-americanos e franceses, mas, muitas vezes, não sabemos o que nosso colega da Argentina, do Peru, de Cuba, fez. Não sabemos de nada e não nos interessa saber, porque são “macaquitos” como nós, latino-americanos que não têm poder, importância ou significação alguma. Então, temos uma identificação com uma certa episteme que vem de fora e o que se produz no meu vizinho, que tem uma realidade muito parecida com a minha, não é levado em consideração.

Essa reflexão não é de caráter pessoal. Nós a temos travado no interior da ULAPSI, e trago esse assunto à baila porque quero encaminhar esse debate para o interior da União Latino-americana de Entidades da Psicologia, um grande esforço, que reúne 35 entidades do continente, desde o México até o Uruguai. Há um leque de entidades que têm feito um esforço de comunhão, de trocas.

Acho que essa área das emergências e desastres é fundamental para nossas sociedades latino-americanas, porque toca na questão ambiental, radical para a qualidade de vida de nossa gente, toca nas questões da desigualdade social, também radical para as nossas sociedades, ela toca, enfim, em

problemas que são muito próprios e muito próximos do ponto de vista da realidade que comungamos com os países periféricos da América Latina. Então, queria acentuar e destacar que uma linha de desenvolvimento de reflexões de Psicologia de emergências e desastres certamente não pode recortar esse objeto do mesmo modo como é recortado naqueles países onde os problemas sociais estão “resolvidos”, com o mínimo de igualdade entre os sujeitos perante o Estado, pois possuem o mínimo de garantia de um Estado de bem-estar social. Esses países têm um tipo de problema. Nosso problema aqui é o da desigualdade, do caráter precário da democracia, meio formal, do votar e do eleger, mas não da igualdade de direitos, de acesso dos sujeitos aos benefícios mínimos para garantir uma condição de cidadania. Não há nada de mais tradicional, no sentido de pouco moderno, do que essa idéia de democracia baseada na desigualdade social, na concentração de renda, no monopólio dos meios de comunicação.

Estou dizendo a vocês que nossa pesquisa não pode ser neutra. Tem que ser interessada. Pesquisar essa área, em nosso continente, não pode ser querer elucidar processos de natureza, digamos, absolutamente abstratos, pois isso é luxo, já que temos efetivamente um conjunto de questões para as quais, com pouca investigação, poderíamos oferecer respostas impactantes para nossa realidade.

E para concluir, gostaria de dizer que estou impressionado em ver como esse auditório se manteve o tempo todo cheio. Vocês são muito interessados, o patrimônio da Psicologia da emergência, sejam psicólogos ou não, são o capital inicial da Psicologia das emergências e desastres no Brasil. Digo isso porque acredito que seja isso e que pode fazer com que essa área venha sofrer uma mudança de qualidade em nosso país. Temos desafios, adiantando a próxima discussão, com dimensões: um é o de nos mantermos todos juntos, integrados em uma certa rede que permita a intercomunicação, a circulação de idéias.

Outro esforço que faz parte desse, mas que deve garantir a ele uma especificidade, é o de uma certa contribuição acadêmica endereçada à produção desses efeitos acadêmicos. Não acho que um aspecto seja distinta do outro. Apenas operacionalmente, acredito que seja interessante haver uma rede onde estejam todos e outra que possa dar conta de um tipo de tarefa específica, que é a do encaminhamento acadêmico de certos desdobramentos, do ponto de vista de programas de colaboração em programas de pós-graduação, em programas de extensão e que garantam, portanto, para a outra rede, informações de onde acontecem as atualizações, que universidade está organizando um curso de extensão.

Então, vejo duas necessidades, para as quais vamos, na continuidade, encontrar espaço nessa produção de conhecimento na área da Psicologia de emergências e desastres, e que seja esse um conhecimento efetivamente útil, não prático. Conhecimento útil é aquele que, ao conhecê-lo, transforma seu ponto de vista. Somente existe aprendizagem quando existe transformação do comportamento, e um conhecimento que seja capaz de impactar, como aconteceu com todos nós, que estamos saindo diferentes daqui, pois aqui circulou muito conhecimento útil, pois nos trouxe formas de compreender, novos pontos de vista, novos entendimentos que ampliam nossa capacidade de incorporar certo elementos que estavam fora de nossa percepção, difíceis de serem integradas à nossa racionalidade e que permitem uma integração. Então, considero que esse foi um laboratório. Todo o material gerados aqui será disponibilizado no *site* do Conselho Federal de Psicologia, com *link* na defesa civil. Esperamos que tudo isso venha compor esse espaço de confluência de informação que uma rede possa suprir.

Desculpem se me adiantei, mas gostaria de dizer que a perspectiva de pesquisa não cairá do céu, e que não há outras pessoas, a não ser nós, que responderão por isso. Se houver pesquisa, certamente tenderá a sair do âmbito dessas relações que estamos estabelecendo aqui. E aí se explica porque, nesta mesa, somente temos um pesquisador da área. É porque queremos contaminar a Psicologia ambiental, queremos que ela assuma sua dimensão nessa área de emergências e desastres e reforce a área da pesquisa e nos ajude a adquirir outras legitimidades das quais precisamos para desenvolver nossa intervenção e fazer com que o Coronel Pimentel continue acreditando que temos muito a para oferecer à defesa civil.

Muito obrigado.

Conselho Federal de Psicologia
SRTVN 702 - Ed. Brasília Rádio Center - sala 4024-A
CEP 70.719-900
Fone: (61) 2109-0100
Fax: (61) 2109-0150
e-mail: contato@pol.org.br
home page: www.pol.org.br



Ministério da
Integração Nacional



Conselhos
Regionais de
Psicologia

